

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUDANÇA SOCIAL
E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Isaac Trabuco Soares Silva

**Largo da Diversidade e Petit Paris:
narrativas de urbanidade no Largo do Arouche (São Paulo/SP - Brasil)**

São Paulo
2022

ISAAC TRABUCO SOARES SILVA

**Largo da Diversidade e Petit Paris : Narrativas de Urbanidade no Largo do Arouche
(São Paulo/SP - Brasil)**

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 15 de junho de 2022. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:

Mudança Social e Participação Política

Orientador:

Prof. Dr. Marcelo Vilela de Almeida

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
com os dados inseridos pelo(a) autor(a)
Brenda Fontes Malheiros de Castro CRB 8-7012; Sandra Tokarevicz CRB 8-4936

Trabuço Soares Silva, Isaac
Largo da Diversidade e Petit Paris: narrativas
de urbanidade no Largo do Arouche (São Paulo/SP -
Brasil) / Isaac Trabuço Soares Silva; orientador,
Marcelo Vilela de Almeida. -- São Paulo, 2022.
150 p: il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de
Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política,
Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
Universidade de São Paulo, 2022.
Versão corrigida

1. Narrativas locais. 2. Urbanidade e
identidade. 3. Desenvolvimento local. 4.
Comunidades LGBT+. I. Almeida, Marcelo Vilela de,
orient. II. Título.

Nome: SILVA, Isaac Trabuco Soares

Título: Largo da Diversidade e Petit Paris: narrativas de urbanidade no Largo do Arouche
(São Paulo/SP - Brasil)

Dissertação apresentada à Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Mestre
em Ciências do Programa de Pós-Graduação
em Mudança Social e Participação Política.

Área de Concentração: Mudança Social e
Participação Política

Aprovado em: 15/06/2022

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Vilela de Almeida

Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Prof. Dr. Bruno Puccinelli

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Prof. Dr. Sérgio Bairon B. Sant'Anna

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

À minha família, que ousou migrar do sertão para a cidade, conhecer a si mesma em um novo lugar e construir aqui em São Paulo o local afetivo que hoje chamamos de lar. Uma jornada que se confunde com a história de tantas outras cidades, famílias e lugares. Uma narrativa que humaniza quem parte, quem chega, quem resiste em busca de um lugar ao sol.

Agradecimentos

Este projeto que iniciei em 2019 atravessou comigo a pandemia de COVID-19, mudanças no meu ambiente doméstico e profissional, turbulências afetivas e descobertas artísticas. É, portanto, um projeto que expressa também, como não poderia deixar de ser, o espírito do tempo e transformações no meu papel de pesquisador. Assim, é com enorme gratidão que reconheço o inestimável valor da compreensão e da parceria do Professor orientador desta dissertação, Marcelo Vilela de Almeida, que soube conduzir com paciência minhas solicitações de alteração de rota, no tema da pesquisa e na redação em si. Essa postura empática garantiu que o processo de pesquisa, a despeito das turbulências mencionadas, fosse relativamente fluído e leve.

Ao Coletivo Arouchianos, liderado por Hécio Beuclair, expressei minha admiração pelo ativismo e ideais em busca de melhores condições para pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, e outras no espectro da diversidade sexual (LGBT+) que enfrentam dificuldades. E também minha gratidão, pois seu apoio foi fundamental para que eu mapeasse o território e o histórico LGBT+ do Largo do Arouche. Espero que a iniciativa do Coletivo de tombamento da região do Arouche como Patrimônio Histórico LGBT+ seja bem sucedida.

Quero agradecer também ao Sérgio Bairon, Professor que Coordena o Diversitas - Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH - USP), com quem cursei a disciplina O Lugar da Performance, ministrada no espaço do Teatro do Contêiner da Companhia Mugunzá. Toda a experiência me levou a expandir minha noção de conhecimento e identidade em relação à cidade e ao meu objeto de pesquisa, o Largo do Arouche.

Em memória, agradeço ao Professor Doutor Antônio Luís Aulicino, que coordenou o Núcleo de Apoio à Pesquisa e Planejamento de Longo Prazo (NAPPLP) da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária (FEA - USP) do qual fiz parte como pesquisador e com cuja comunidade de especialistas e cidadãos pude desenvolver meu interesse, conhecimento e habilidades com construção de futuros. Um Professor com propósito e ideal que buscou semear a ideia de coletividade e formação cidadã na busca pelo Brasil que queremos. Suas ideias estão vivas em iniciativas que toco hoje e também no livro “Desenvolvimento Brasil 2035: o País que Queremos” (2019), do qual participo com um capítulo dedicado ao cenário da indústria da mídia. Estendo ainda os agradecimentos ao Professor Doutor Adalberto Fischmann, co-fundador e elemento fundamental para o funcionamento do NAPPLP, um exemplo de liderança próxima e generosa.

E, como base, agradeço à minha mãe, Maria dos Anjos Trabuco Soares, que me inspirou a buscar o meu desenvolvimento nos livros e na educação, e ao seu amor que nutriu e ajudou a formar quem hoje escreve estas palavras. Agradeço também aos meus irmãos, Ismael e David Trabuco, pelo simples exercício da fraternidade com afeto, gesto que fortalece minha presença no mundo.

RESUMO

TRABUCO, Isaac. **Largo da Diversidade e Petit Paris:** narrativas de urbanidade no Largo do Arouche (São Paulo/SP - Brasil). 2022. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Esta dissertação investiga como as narrativas que circulam sobre uma determinada região podem transmitir informações valiosas para processos de intervenção urbana naquele local. O objeto de estudo selecionado para a investigação é o projeto de requalificação do Largo do Arouche, no centro da cidade de São Paulo, executado principalmente entre 2019 e 2021. A pesquisa identifica duas narrativas conflitantes ao local e ao projeto urbano relacionado: de um lado, o saudosismo que evoca um passado áureo da região; de outro, a expressão LGBT+ marginal que ocupa o bairro há décadas. Como embasamento para analisar as narrativas, o marco teórico aprofunda algumas figuras que aparecem nos discursos sobre cidade e demonstra como urbanidade, gentrificação, mercado imobiliário e direito à cidade são atravessados pela luta de classes e outros conflitos inerentes ao capitalismo. Cientistas que se dedicam a investigar como as narrativas podem facilitar processos de mudanças são mencionados para fundamentar a criação de mapas mentais e matrizes que vão compor a metodologia utilizada para comparar as narrativas associadas ao Largo do Arouche. Os recursos são aplicados a partir das duas macro-narrativas já identificadas, apelidadas neste estudo de Largo da Diversidade e Petit Paris, e balizam a análise de relatos de usuários de plataformas online e de discursos de propaganda imobiliária. Comparadas entre si, é possível revelar pontos de tensão, conflito e consenso entre essas narrativas, o que pode apontar caminhos para influenciar a comunidade local em busca de um objetivo comum. Resta, ainda, explorar como essas narrativas podem se beneficiar de recursos ainda pouco utilizados, como o turismo, imagens da cultura pop e comunidades locais similares de outras partes do mundo.

Palavras-chave: Narrativas locais. Urbanidade e identidade. Desenvolvimento local. Comunidades LGBT+.

ABSTRACT

SILVA, Isaac Trabuco Soares. **Largo da Diversidade and Petit Paris:** narratives of urbanity in Largo do Arouche (São Paulo/SP - Brazil). 2022. 148 p. Dissertation (Master of Science) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

This dissertation investigates how the narratives that circulate about a given place can transmit valuable information for urban intervention processes in that location. The object of study selected for the investigation is the Largo do Arouche requalification project, in the city center of São Paulo, carried out mostly between 2019 and 2021. The research identifies two conflicting narratives associated with that place and the related urban project: on the one hand, the nostalgia that evokes the region's golden past; on the other, the marginal LGBT+ expression that has occupied the neighborhood for decades. As a basis for analyzing the narratives, the theoretical framework deepens some concepts that appear in discourses about the city and demonstrates how urbanity, gentrification, the real estate market and the right to the city are crossed by class struggles and other conflicts inherent to capitalism. Scientists dedicated to investigating how narratives can facilitate change processes are mentioned to support the creation of mental maps and matrices that will compose the methodology used to compare the narratives associated with Largo do Arouche. The resources are applied from the two macro-narratives already identified, named in this study as Largo da Diversidade and Petit Paris, and guide the analysis of reviews from users of online platforms and texts of real estate advertising. Compared to each other, it is possible to reveal points of tension, conflict and consensus between these narratives, which can indicate ways to influence the local community in search of a common goal. It still remains to explore how these narratives can benefit from resources that are still underused, such as tourism, pop culture images and similar local communities from other parts of the world.

Keywords: Local narratives. Urbanity and identity. Local development. LGBT+ communities.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	MARCO TEÓRICO.....	15
3	ANÁLISE DE NARRATIVAS	41
3.1	SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA.....	57
3.2	PETIT PARIS: REVITALIZAÇÃO DE UM PASSADO IMAGINADO	63
3.3	LARGO DA DIVERSIDADE: PATRIMÔNIO IMATERIAL LGBT+...	71
3.4	NARRATIVAS EM AMBIENTES ONLINE.....	76
3.5	NARRATIVAS DE PUBLICIDADE IMOBILIÁRIA.....	85
4	DISCUSSÕES DOS RESULTADOS.....	101
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
	REFERÊNCIAS.....	112
	ANEXO A - ROTEIRO DE PASSEIO PELA REGIÃO DO	
	AROUCHE GUIADO POR HELCIO BEUCLAIR.....	120
	ANEXO B - RELATOS DE USUÁRIOS DO TRIPADVISOR	
	SOBRE O LARGO DO AROUCHE.....	140
	ANEXO C - RELATÓRIO DE CONSULTAS AO TERMO	
	LARGO DO AROUCHE NO GOOGLE TRENDS.....	150

1. INTRODUÇÃO

Fundamentalmente, esta dissertação aborda as dinâmicas sociais e culturais na cidade por meio de narrativas que carregam propriedades altamente subjetivas, o que me compele a me apresentar, nesta Introdução e em outros pontos do texto, em primeira pessoa. Essa decisão se justifica, em parte, por uma busca por re-territorialização, em oposição à desterritorialização apontada por Guattari (1992). Territorializar-se como forma de se apropriar dos elementos locais que sintonizam nossa subjetividade, um anseio que encontrei em mim mesmo e de forma explícita ou implícita em relatos de campo e textos teóricos durante as pesquisas que tenho desenvolvido. Por fim, assumir a posição de quem também vive o objeto de pesquisa, mais do que conceber uma figura completamente apartada do território, pode enriquecer as perspectivas que apresentamos na investigação.

Em primeiro lugar, gostaria de começar por esclarecer o conceito de narrativa, já que o evocamos com bastante destaque desde o título deste documento. Narrativa é um termo polissêmico, abordado por diversas linhas de pesquisa. Aqui, não busquei seguir uma definição específica, por exemplo, a de *storytelling*, tão em voga na Comunicação Social e tão apropriada pelos esforços midiáticos do capitalismo. Tampouco me interessa esmiuçar narrativas como elemento na análise de discurso. Aqui, proponho uma abordagem do conceito de narrativa como elemento da paisagem urbana: a cidade fala, ou narra, por meio de sua arquitetura, elementos de comunicação visual, como outdoors, processos de construção e destruição. Encontramos este conceito na cidade polifônica de Canevacci (2004), que será retomado mais à frente. Já na antropologia de Gilberto Velho (1980), a ênfase se desloca da cidade-objeto para o pesquisador-sujeito ao ser delineada a experiência do estranhamento, fundamental para o fazer antropológico. Por meio do destacamento das instituições que o engloba, como família, universidade e comunidade, o indivíduo pode manter uma postura de estranhamento para interpretar sua própria experiência e as de seu objeto de pesquisa.

O indivíduo tem um valor em si mesmo, por si mesmo, e tudo se torna significativo em função da maneira como ele elabora subjetivamente a realidade a sua volta. É a sua experiência individual que é relevante, atravessando as fronteiras físicas e simbólicas da sua rede de parentes, comunidade, etc. Ora, o antropólogo não só vive como qualquer

contemporâneo a possibilidade do estranhamento como é para isso treinado e preparado (...). (Velho, 1980, pg. 19).

Na busca por explicitar meu papel como pesquisador-sujeito¹, também procuro construir uma noção de narrativa que contemple minha própria trajetória com a cidade. Ao me debruçar sobre o Arouche, contrastei minhas subjetividades com os processos urbanos ali existentes. Portanto, esta dissertação é, em si, a história de um pesquisador e sua relação com a cidade de São Paulo (e, mais implicitamente, com a Universidade de São Paulo).

No Marco Teórico, ao traçarmos um histórico do Largo do Arouche, irei relatar um processo que me levou a (re)construir uma narrativa para me encontrar na cidade. Agora, narro os percursos acadêmicos que me trouxeram até aqui.

Há anos venho investigando como as histórias pessoais se projetam sobre um panorama de séculos da vida em coletivo em um determinado espaço urbano. Na graduação em Comunicação Social, influenciado por referências como O documentário de Eduardo Coutinho (LINS, 2004), “A televisão levada a sério” (MACHADO, 2000) e pelo meu período como estagiário do programa Provocações (Antônio Abujamra/TV Cultura), propus como trabalho de conclusão de curso o programa de televisão interativo AlbumSP, um mosaico de mini documentários com personagens que retratam suas vidas na cidade. A audiência poderia combinar e recombinar as histórias, ao assistir os vídeos na ordem que preferisse.

Hipercidade, hipermídia. A inspiração para o AlbumSP vem da definição de hipermídia por Lúcia Leão (1999), ambientes online altamente fragmentados e não lineares, como as redes sociais, onde os usuários se encontram conforme gostos pessoais, identidades e perfis sócio-econômicos. Os ambientes digitais, especialmente aqueles curados por algoritmos, fornecem um símbolo muito fiel ao tecido urbano, frequentemente segregado em bolhas.

Essa busca por ouvir, (re)construir e dar algum sentido às narrativas urbanas também esteve presente no artigo que escrevi para o curso de pós-graduação *lato sensu* que concluí no Centro de Estudos Latino Americanos, da ECA-USP (TRABUCO, 2014). Desta vez, busquei

¹ Para manter o foco da pesquisa, não nos atermos às discussões sobre a subjetividade na pesquisa científica. Para isso, ver a excelente reflexão de Martins Filho e Narvai (2013) sobre o pesquisador como sujeito implicado.

entender a cultura de consumo nas periferias de São Paulo, especificamente aquela amparada no imaginário de luxo cultivado pelo funk ostentação.

As cidades podem ser lidas como a corte de Versalhes. Lipovetsky (2009) narra: a guilhotina caiu e decapitou o absolutismo na França, mas ainda sentimos os efeitos de uma cultura hierarquizada. Em efeito cascata, o Rei Sol, é copiado por nobres, que são copiados por burgueses, que servem de referência para os desejos de emancipação dos miseráveis. Na pós-modernidade, esse fluxo também ganhou outro sentido, com a moda e outras manifestações culturais levando referências das ruas e favelas para os palácios. Com o intuito de influenciar e vender, o "Rei Sol" pode ser um símbolo tão construído quanto "os miseráveis". Ambos podem angariar milhões de dólares e de seguidores com suas narrativas arquetípicas.

Para dar sequência a esta investigação, nesta dissertação, procuramos avançar na cultura urbana para entender como narrativas podem interferir na própria construção da cidade. Em uma sociedade tão fragmentada, com indivíduos que possuem inúmeros interesses e identidades, muito distintos entre si e muito voláteis, gestores públicos, planejadores urbanos e lideranças comunitárias são desafiados a engajar cidadãos em torno de seus projetos urbanos.

Tomando como objeto de estudo a região do Largo do Arouche, no ultra disputado centro da cidade de São Paulo, identificamos duas principais linhas narrativas em projetos de futuro para a região e como elas interagem com relatos publicados em plataformas online e publicidade imobiliária. Com isto, esperamos expandir as possibilidades de diagnósticos territoriais, sobretudo aqueles que direcionam as intervenções urbanas.

Diagnósticos territoriais frequentemente utilizam mapas e outras representações de lugares com o recurso de camadas para representar as diferentes dimensões que compõem o objeto representado. A camada topográfica, a camada de infraestrutura, a camada com imagens de satélite, a camada sócio-econômica, e muitas outras.

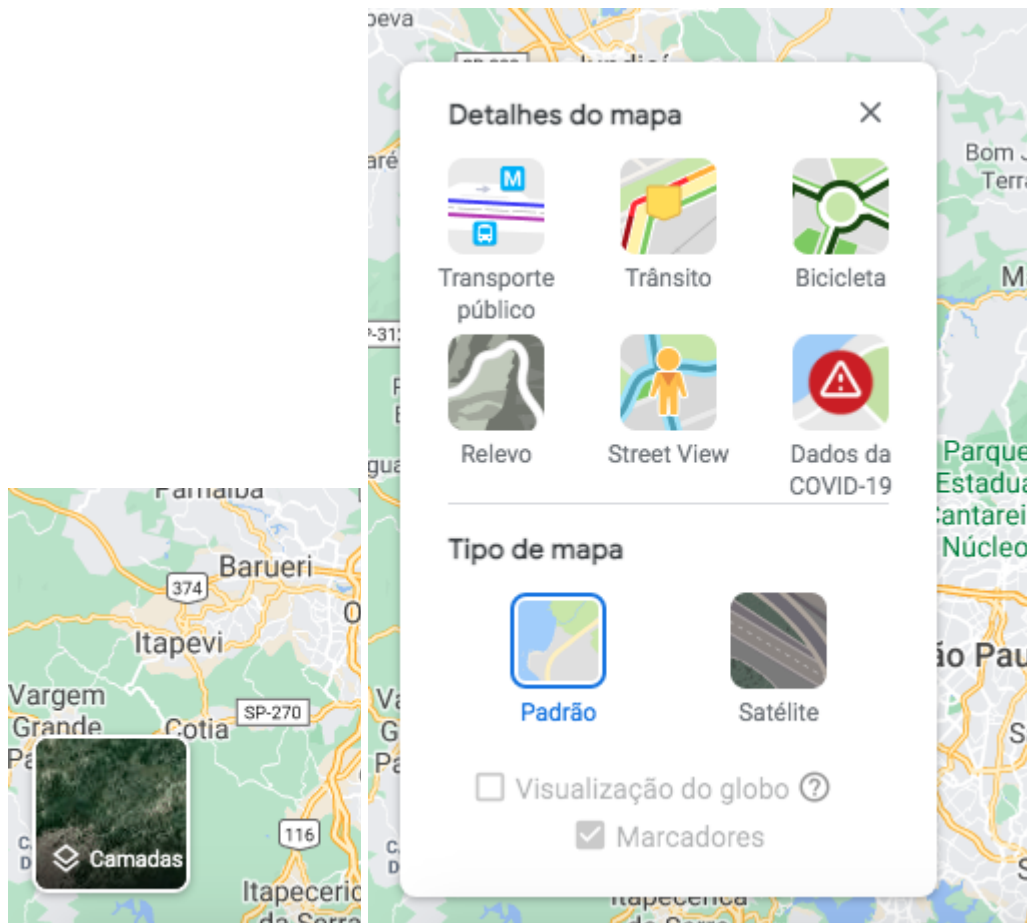


Imagem 1: captura de tela mostra as opções de camadas disponíveis na plataforma de mapas online Google Maps.

Com base nessa lógica de camadas em mapas, pode-se imaginar uma que seja como uma aura digital sobre os territórios, uma mancha que parece coletar e distribuir narrativas sobre aquele espaço em ambientes online. Como demonstram Govers (2018) e Esteves (2016), a reputação dos lugares na internet, além de serem relevantes para se entender a cultura e a vocação locais, também podem influenciar o comportamento das pessoas em relação aos espaços retratados.

A partir dessa perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo geral duas ações: investigar a forma como narrativas interagem com a concepção e o planejamento de intervenções urbanas; e analisar, como estudo de caso, o projeto de requalificação do Largo do Arouche, proposto pela Prefeitura de São Paulo a partir de 2017 e que contou com o apoio de empresas francesas na sua execução.

Partindo destes macro-objetivos, a pesquisa busca atender também três objetivos específicos: delinear as narrativas e contra-narrativas associadas ao projeto de requalificação do Largo do Arouche; comparar relatos associados ao Largo do Arouche no Google Maps e no Tripadvisor entre si e com as macro-narrativas identificadas no Marco Teórico; e, como uma espécie de bônus, recomendar linhas narrativas com potencial de construir engajamento em torno de projetos de futuro para o Largo do Arouche.

Esses objetivos são sintetizados na pergunta direcionadora da pesquisa (problema): **como abordar a camada narrativa em projetos de futuro para a cidade, tomando como estudo de caso a requalificação do Largo do Arouche?**

Para responder a essa pergunta, a dissertação percorre um caminho dividido em três partes. Primeiro, abre o marco teórico com um breve panorama geográfico e administrativo da região do Largo do Arouche. Em seguida, recorre a autores que pensam a produção e o planejamento do espaço urbano, para aprofundar o debate levantado sobre gentrificação, bastante vinculado ao centro de São Paulo. Será abordado brevemente o papel do planejador, que frequentemente se vê em uma posição de mediador entre o capital e as comunidades locais, quando não de mero instrumento do primeiro.

Em uma segunda seção, ainda dentro do marco teórico, a dissertação segue então para reunir métodos que trabalham com narrativas urbanas como forma de entender ou promover o desenvolvimento local. Começa com Ruth Finnegan e sua experiência com a coleta e análise de narrativas da cidade de Milton Keynes, no Reino Unido; segue para o método Place Branding, que os planejadores Caio Esteves e Robert Govers defendem como ferramenta para trabalhar narrativas locais positivas e que ajudam a promover o bem-estar da comunidade e dos visitantes nos territórios abordados. E fecha a seção, e o Marco Teórico, identificando como as narrativas podem potencializar o processo prospectivo de Michel Godet e do Conservatório de Artes e Ofícios de Paris (CNAM), ferramenta de construção colaborativa de futuros em territórios e comunidades.

Na terceira parte da dissertação, são apresentadas duas abordagens urbanistas frequentes na mídia *mainstream* ao se retratar o projeto de requalificação do Largo da Arouche: a ocupação histórica LGBTQ+ (termo que será analisado neste documento) e o projeto de revitalização anunciado pela Prefeitura de São Paulo em 2017.

Com essas macro-narrativas delineadas, os métodos reunidos no marco teórico são então combinados para formar um conjunto de ferramentas que são utilizadas para reconstruir, analisar e comparar narrativas em ambientes online e de anúncios imobiliários associadas ao Largo do Arouche, identificando pontos de consenso e conflito entre elas.

Este processo metodológico se dá em um encadeamento não linear que evoluiu com a pesquisa. Foram analisados os discursos reproduzidos em jornais online à época dos primeiros anúncios, do lançamento e da execução do projeto de requalificação do Arouche (2017 a 2020). A eles, e cobrindo o mesmo período, se somam as narrativas presentes tanto na comunicação institucional do projeto, assinado pelo escritório Tryptique, como nos discursos presentes principalmente na fala do Coletivo Arouchianos, grupo de ativistas LGBTQ+ frequentemente mencionado pela imprensa como força contestadora do projeto.

Essa rede de narrativas e contranarrativas será observada e comparada com dados menos institucionalizados encontrados em três ambientes online vinculados ao Largo do Arouche, em 2019: a performance do termo de pesquisa "Largo do Arouche" no Google Trends; as avaliações sobre o local "Largo do Arouche" no Google Maps; e as avaliações sobre o destino "Largo do Arouche" no Tripadvisor.

Como parte das reflexões finais desse processo, a dissertação oferece recomendações para gestores que queiram atuar com o desenvolvimento local da região. Espera-se, por fim, que o caminho percorrido neste artigo possa evoluir e contribuir com pesquisas em outras regiões semelhantes ao Largo do Arouche.

1. MARCO TEÓRICO

Para cobrir os objetivos, esta pesquisa percorre um caminho interdisciplinar, assim como o Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política (EACH-USP), do qual esta dissertação resulta. Primeiro, traçamos um panorama do território em questão, o Largo do Arouche. Mais do que suas fronteiras geográficas e político-administrativas, aqui já começam a ser identificadas duas narrativas de futuro relacionadas ao bairro para entender como cada uma delas entende o mesmo território. Na seção de Análise de Narrativas da dissertação, essas visões de bairro serão as balizadoras para a escuta de outras narrativas derivadas, como a publicidade de empreendimentos imobiliários e avaliações do Arouche feitas em plataformas da internet.

Após traçar esse panorama do bairro, segue-se com a construção de um Marco Teórico e método para assimilar o conteúdo e a estrutura das narrativas urbanas. Primeiro, abre-se o debate sobre o planejamento urbano e a gentrificação, muito recorrente nas narrativas urbanas, para demonstrar que a questão pode ser demasiadamente simplificada quando aparece em discussões.

Em seguida passamos para as narrativas urbanas em si, analisando e remontando o método utilizado pela pesquisadora Ruth Finnegan para sondar as narrativas urbanas no território de Milton Keynes, cidade formada por migrantes e imigrantes no Reino Unido. Para complementar as narrativas individuais, também buscamos entender como as imagens recorrentes nas histórias locais formam um quadro maior relacionado ao território, incluindo estereótipos indesejados, daí a inclusão do método *Place Branding* no Marco Teórico.

Para fechar a seção, retoma-se o método prospectivo francês, com suas estratégias e técnicas de engajamento de co-participantes em torno de projetos futuros. É com a prospectiva, associada aos demais elementos do marco teórico, que são construídas recomendações aos agentes que buscam atuar no território do Arouche, oferecidas na parte final da dissertação.

O diagrama a identifica o caminho percorrido pelo marco teórico é ilustrado no diagrama a seguir:

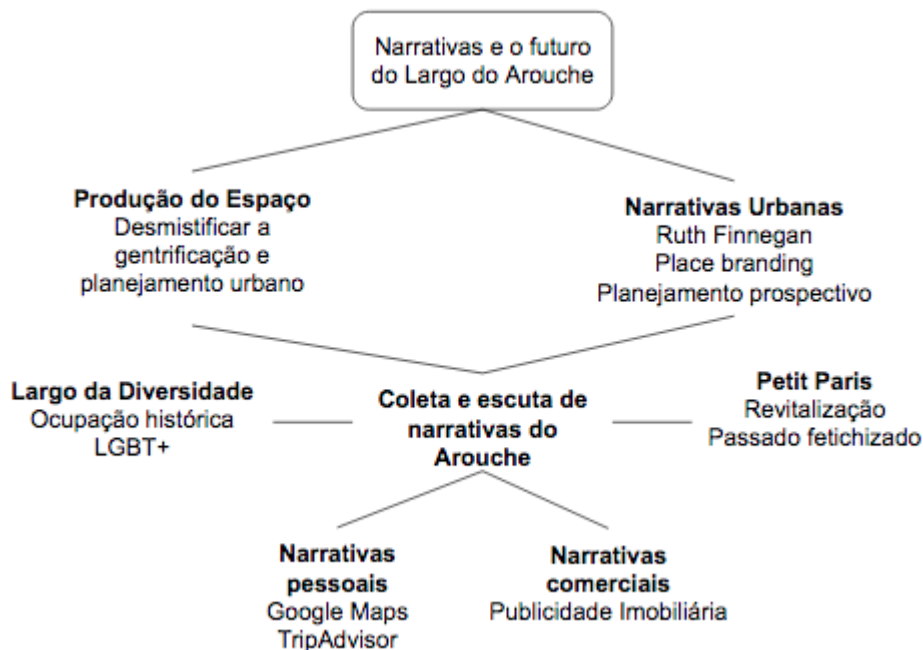


Diagrama 1 - Mapa mental descreve a rede de conceitos e abordagens que formam o caminho da presente pesquisa.

Fonte: SILVA, 2022.

Quem está acostumado a ler e discutir sobre a cidade, sabe que é quase inevitável não aparecerem nesses debates acusações, panaceias e termos como *gentrificação* e *especulação imobiliária*, muitas vezes levantados de forma vaga e simplista, como instrumento para explicar e solucionar uma infinidade de problemas enfrentados nas cidades.

É importante ir além das suposições para reconhecer os conceitos de urbanidade construídos e os valores que as narrativas atribuem a eles. Em seguida, revelar nessas construções narrativas como aparecem ou são omitidas a produção e reprodução do espaço e as lutas de classe. Assim, amplia-se o debate sobre o conflito urbano sem recorrer a termos ou argumentos excessivamente reducionistas.

Começamos com Michel Lussault (2007) que diz: "O homem é um animal espacial", uma afirmação que intitula o livro com o qual ele aprofunda essa provocação. A ênfase que Lussault (2007) coloca sobre a dimensão espacial da experiência humana descortina diversas camadas da vida nas cidades, que são os espaços em que as interações sociais ocupam uma posição de destaque. Para Lussault (2007), enquanto o tempo tem sido o protagonista das

análises sobre a humanidade, é oportuno observar os sintomas, como a urbanização generalizada, que provam que é a espacialidade quem dita o tom na contemporaneidade.

Aqui, já vemos a urbanidade como um fenômeno derivado da essência humana, indicativo de que somos "animais espaciais", o que poderia justificar a construção de prédios, eixos viários e diversos sistemas para abrigar mais e mais pessoas em um espaço mais ou menos contíguo. Mas a experiência das pessoas não é uniforme em todos os espaços urbanos. Pelo contrário, varia consideravelmente de cidade para cidade, e a depender de locais diferentes dentro das cidades. Portanto, uma forma de entender o conceito de urbanidade é analisar a experiência humana nos espaços urbanos.

Katia Canova (2019), recorrendo a textos de Jacques Lévy, lista treze itens para construir um índice que pode ser usado para comparar a urbanidade das cidades:

1. Compacidade;
2. Interacessibilidade entre os lugares (sintaxe espacial positiva);
3. Presença de espaços públicos;
4. Métricas pedestres (escala humana);
5. Copresença habitação/emprego (deslocamentos menores/uso diuturno);
6. Diversidade de atividades (habitação, serviços, empregos, abastecimento);
7. Heterogeneidade sociológica (convivência entre classes sociais/civilidade);
8. Fortes polaridades intraurbanas (centralidades que criam eixos de deslocamento);
9. Produtividade: mercadoria/habitante (economia criativa);
10. Respeito ao ambiente natural (sustentabilidade/preservação do meio ambiente);
11. Auto-avaliação positiva do conjunto dos lugares urbanos (percepção positiva);
12. Autovisibilidade/auto-identificação da sociedade urbana (pertencimento);
13. Sociedade política de escala urbana (participação ativa/decisão).

O próprio Lévy (1999) utiliza um índice para comparar a urbanidade entre as cidades de Amsterdã (na Holanda) e Johannesburgo (na África do Sul). Interessante observar, neste exemplo, como a urbanidade da cidade sede do país colonizador não é replicada na urbanidade de uma das principais cidades do país colonizado.

	<i>Amsterdã</i>	<i>Joanesburgo</i>
Densidade residencial e de atividades	+	-
Compacidade	+	-
Interacessibilidade dos lugares urbanos	+	-
Presença de espaços públicos	+	-
Importância das métricas pedestres	+	-
Copresença habitação/emprego	+	-
Diversidade de atividades	+	-
Heterogeneidade sociológica	+	-
Fortes polaridades intra-urbanas	+	-
Auto-avaliação positiva do conjunto dos lugares urbanos	+	-
Autovisibilidade/auto-identificação da sociedade urbana	+	-
Sociedade política de escala urbana	+	-
Fonte: (LÉVY, 1999, p. 243).		

Tabela 1: Graus de urbanidade (mais / menos urbano) comparados entre Amsterdã e Joanesburgo. Fonte: Levy, 1999, p. 243.

Canova (2019), Lévy (1999), Lussault (2007) e muitos outros formam uma corrente de pensadores que atribuem maiores graus de urbanidade a espaços urbanos cuja fruição se dá em uma escala e proposta humanas. Por isso, o projeto de largas avenidas e condomínios fechados, dois exemplos que suprimem atos humanos como caminhar e socializar, são vistos como anti-urbanos (e, talvez, anti-humanos por extensão). Então, por que estes elementos anti-urbanos continuam a aparecer com bastante frequência nos planejamentos das cidades e, por fim, na própria cidade?

Quando se usa termos como "gentrificação" e "especulação imobiliária" para justificar fenômenos urbanos, de certa forma infere-se que as cidades são elementos neutros, sofrendo passivamente as consequências (efeitos colaterais, poderia se dizer) de estratégias capitalistas. O pensador francês Henri Lefebvre ganhou notoriedade quando, ao longo de décadas, ampliou o papel do espaço urbano dentro da lógica capitalista. A ele pode-se creditar, ainda que com base em paradigmas marxistas, o conceito de produção de espaço (Lefebvre, 1974). Naturalmente, o conceito de produção de espaço em si mereceu uma vasta bibliografia de

inúmeros autores e pode ser aprofundado à exaustão. Para esta pesquisa, porém, vale ressaltar apenas seus fundamentos-chave, o suficiente para posicionar as cidades (uma cidade, várias interpretações) que aparecem nas narrativas como um elemento que é mais do que um palco. O espaço urbano é um produtor e reproduzidor das relações sociais e das lutas de classes. Assim, a gentrificação e a especulação imobiliária passam de agentes para resultados ou ferramentas a serviço da produção e da apropriação do espaço.

É possível entender de forma sintética como se dá a produção do espaço projetando sobre as cidades o sistema produtivo capitalista mais "visível": produção, distribuição, consumo e gestão de bens e serviços operam nas cidades e as modificam para serem viabilizados. Desta forma, os espaços são produzidos deliberadamente para sustentar o capitalismo. Essa noção é coletada pelo pesquisador Luís Mendes (2010), que, analisando a obra de Neil Smith, geógrafo importante para se entender a gentrificação, vai além da produção **do** espaço para apresentar a produção feita **pelo** espaço. A forma como as cidades são produzidas acaba por espelhar uma matriz produtora das relações sociais. Agora, modificado para sustentar o capitalismo, o espaço urbano passa a reproduzir as relações sociais em seu interior: os modos de produção criam um espaço dominante, que se sobrepõe a todos os outros, e o espaço urbano se torna produtor e reproduzidor da luta de classes. Portanto, gentrificação não é um efeito colateral do capitalismo, e sim uma ferramenta integrante do sistema de produção do espaço. A partir desta perspectiva, pode-se olhar o fenômeno da gentrificação em um contexto mais amplo e mais complexo.

A proposta desta análise e da anterior, sobre produção do espaço, é tirar da gentrificação o papel de explicar e justificar todos os fenômenos que acontecem nos centros urbanos ao redor do mundo. Assim, as narrativas que se apresentam associadas aos projetos urbanísticos do centro de São Paulo, objeto de estudo deste trabalho, podem ganhar mais profundidade. Dito isso, seguem três termos da língua inglesa que definem bem a gentrificação. Estes termos são apresentados aqui apenas para que o fenômeno em si seja melhor compreendido.

Gentrification: termo cunhado pela socióloga britânica marxista Ruth Glass ao observar que alguns bairros em Londres estavam atraindo habitantes de classes mais abastadas, expulsando os antigos moradores de classes mais populares. (Lees et al, 2008). Deriva da palavra *gentry*, que na acepção contemporânea pode-se traduzir como aristocracia, ou classes abastadas.

Filtering up: o termo explorado por Neil Smith, coletado por Luis Mendes (2010), refere-se ao processo de substituição de classes menos favorecidas por classes mais abastadas em um determinado território. Em muitos projetos urbanísticos, há a intenção expressa de se manter as classes populares no espaço da intervenção, mas, como observa Smith (1996), nem sempre esse resultado é alcançado e, do contrário, o que acontece é a aceleração da substituição que se pretendia evitar.

Rent gap: teoria econômica que Neil Smith publicou em 1979 para explicar a gentrificação. Segundo o autor, a diferença entre a renda obtida com o aluguel atualmente e a renda maior que poderia ser obtida no futuro é um motivador chave para que investidores se interessem e passem a promover intervenções em determinadas áreas.

Importante notar que, mesmo entre os pesquisadores, não há um consenso amplo sobre o conceito de gentrificação. Um grupo de pesquisadores do Massachusetts Institute of Technology (MIT) (PREIS et al., 2020), por exemplo, encontrou diferenças significativas entre quatro metodologias usadas para mapear locais que sofrem gentrificação. Claro que essa complexidade oferece margens para que até mesmo a nocividade do fenômeno possa ser questionada. Uma pesquisa publicada na Filadélfia (BRUMMET; REED, 2008) chega a relacionar a gentrificação com a melhoria de oportunidades e bem-estar dos residentes. Mas o que se pode afirmar com certa segurança é que a gentrificação, ou a substituição de habitantes de classes menos favorecidas por classes médias e médias altas, não ocorre de forma natural. Para Mendes (2010), analisando os estudos de diversos pesquisadores, o fenômeno tem vínculo direto com o excesso de liquidez no sistema capitalista. Assim, os detentores transferem esse capital excedente para a produção de ambientes construídos, dando origem a *booms* imobiliários e à gentrificação. Outro ponto menos contestado diz que os territórios que os investidores escolhem para operar esse processo costumam ser bem semelhantes: áreas centrais degradadas, e portanto desvalorizadas, mas com uma boa rede de infraestrutura, como rede viária, linhas de ônibus, águas e esgoto, gás, internet e metrô. Portanto, é possível apontar que o investimento público despendido ao longo dos anos naquela região, pago pelos contribuintes, acaba sendo cooptado por grandes investidores, sem necessariamente beneficiar a população local.

Diante de todo esse sistema de produção do espaço e reprodução das lutas de classe nos territórios urbanos, é fundamental que se levante a questão de como fica o direito à viver a

cidade. De forma mais direta, quais grupos verdadeiramente têm direito à cidade? David Harvey, geógrafo fundamental na gênese e na promoção do debate sobre o direito à cidade, define esse direito com a declaração a seguir:

O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos (Harvey, 2008, p. 74).

Harvey, citando o sociólogo Robert Park, deixa claro que ao construir a cidade estamos construindo a nós mesmos. Portanto, quando os processos de urbanização transformam a paisagem urbana, restringem acesso a territórios e recursos e segregam grupos em espaços mais ou menos privilegiados, eles também moldam as relações sociais e as subjetividades. O que Park e Harvey levantam refere-se ao impacto das dinâmicas urbanas na formação não só da cidade, mas do próprio ser humano.

Apresentando os processos de urbanização em massa liderados por Haussmann em Paris no século XIX, e seu reflexo em processo semelhante ao da Nova Iorque de 1940, Harvey (2008) aponta como as cidades se tornaram uma espécie de saída para as crises do capitalismo. O capital excedente precisa ser reinvestido para que os lucros continuem a crescer. Se isso não acontece, ou seja, se o capital não é reinvestido, o capitalista corre o risco de ver seus recursos perderem o valor. Assim, ao lado de esforços coordenados, como a guerra, os processos de urbanização foram usados para perpetuar o ciclo investimento-lucro-reinvestimento para manter a sobrevivência do sistema capitalista. Esse processo hoje parece ter o epicentro na China, com projetos gigantescos de infraestrutura e urbanização demandando matéria prima de todos os cantos do mundo e intensificando a internacionalização do capital.

Porém, além de manter o sistema lucrativo, a urbanização capitalista também resulta em uma cultura vinculada ao tipo de vida que essas cidades promovem: uma cultura individualizada,

limitada pelo débito de financiamentos da casa própria, segregada em guetos e subúrbios. Nesse processo, são raras as políticas efetivas para incluir grupos marginalizados na lista de pessoas que se beneficiam da urbanização. O resultado tem sido um crescente descontentamento, que resulta em manifestações e movimentos sociais que reivindicavam o direito à cidade.

Para Harvey (2008), esses movimentos seriam mais efetivos em promover o direito à cidade ao se articularem globalmente; exigirem que o Estado obtenha maior participação e controle sobre o capital excedente; e ao submeterem o próprio Estado a processos de participação democrática. E, como mencionado no início desta seção, há uma corrente de urbanistas defendendo a fruição das cidades em escala humana. A cidade deve ser projetada para pessoas, e não com o objetivo puro de gerar lucro ou para atender interesses políticos de partidos, candidatos e governantes.

O direito à cidade em Harvey, diferentemente dessa visão capitalista e instrumentalizada das cidades, defende que o indivíduo tenha a capacidade de exercer sua própria experiência com a cidade de forma mais pessoal e menos massificada. Milton Santos (1987) tem uma definição clara do que seriam essas pessoas que exercem sua existência plena, certamente não eleitoras nem consumidoras (cujos papéis se esgotam no ato do voto ou do consumo), mas sim, cidadãs multidimensionais. Cada uma das dimensões se articulam entre si para que o indivíduo encontre o seu próprio sentido para vida.

As narrativas que esses indivíduos constroem sobre si e sobre o mundo certamente são uma dessas dimensões que têm muito a dizer sobre a experiência urbana e o direito à cidade. Pensar a cidade e o seu desenvolvimento deveria ser uma atribuição desempenhada por todos aqueles que vivem nela. E parece que é isso, de fato, o que acontece. Como mencionado no começo deste capítulo, as discussões sobre a cidade, suas mazelas e suas benesses não se restringem a setores especializados. Para além dos escritórios da Avenida Faria Lima, dos gabinetes governamentais e dos estúdios “descolados” de arquitetura, há inúmeras discussões sobre a vida urbana acontecendo, agora mesmo, em círculos menos empoderados, mas bastante legítimos. Assembleias de coletivos e movimentos sociais, fóruns *online* dedicados ao transporte público, *sites* de turismo. É impossível precisar onde ocorrem as discussões sobre a cidade, mas em uma rápida passada pelas redes sociais ou no trajeto até o trabalho, pode-se ler ou ouvir (quem sabe participar) de debates sobre a qualidade do transporte

público, diversidade no shopping center, ou segurança nas ruas. A impressão que se tem é que as conversas sobre urbanidade são bastante presentes em diversas esferas da sociedade, *online* e *offline*. Mas o título de planejador urbano, ou, mais comumente, urbanista, é geralmente designado àqueles que percorrem o caminho acadêmico na área e vão parar nos gabinetes de órgão públicos voltados ao tema, ou nos departamentos de projeto das empresas do mercado imobiliário.

Uma vez lá, essas figuras são dotadas do mágico poder de colocar na prancheta os sonhos e delírios daqueles que ousam imaginar uma cidade. Samuel Stein (2019) faz uma descrição muito honesta deste papel, que é o dele próprio. Enquanto escrevia *Capital City* (STEIN, 2019), o autor estava buscando seu título de PhD em Geografia na City University of New York. É Nova Iorque a cidade que ele escolhe para basear sua ácida, embora instigante, análise do que ele chama de *Real Estate State* (Estado do Mercado Imobiliário, em tradução livre), que seria um sistema regido pelas empresas que atuam com investimentos em incorporações e construções, sobretudo nas grandes cidades estadunidenses. Dentro desta lógica, qualquer discussão sobre a cidade é monitorada e influenciada por aqueles que buscam o lucro com projetos urbanos. Para Stein (2019), neste contexto, os planejadores podem até ter boas intenções, mas as melhorias que os seus projetos propõem para a população afetada frequentemente são apropriadas pelo capital para gentrificar ou preencher o *rent gap*.

É uma “sinuca de bico”. Os donos do capital imobiliário precisam abrir seus projetos para a participação local, respeitando leis locais e a demanda popular por participação democrática, mas sem que isso comprometa seus interesses financeiros. A classe política, atenta aos votos, sabe que a população local, por sua vez, quer ser ouvida e garantir que terá uma parcela dos benefícios que os novos projetos trarão para o seu bairro. Cabe aos planejadores resolver esta equação complexa, sabendo que os novos espaços em construção geralmente serão comercializados para pessoas com renda maior, ou muito maior, aos que ocupam o lugar atualmente. No fundo, estarão planejando para as forças gentrificadoras.

Depois de traçar um panorama da família Trump e mostrar como a chegada de um deles à presidência dos Estados Unidos daria ainda mais poder ao Estado do Mercado Imobiliário, Stein (2019) conclui seu livro com uma mensagem motivadora. Planejadores radicais podem se unir em grupos para discutir, fora dos escritórios e gabinetes, as suas propostas humanistas

e solidárias, ideias que frequentemente são barradas ou não têm espaço nos projetos que eles criam para seus chefes no Estado ou na iniciativa privada. Além de se aquartelarem em grupos de ativismo urbano, direito à cidade e planejamento humanista, os planejadores também podem contar com um recurso valioso para angariar forças, políticas e financeiras, e engajamento da população em torno dos seus projetos: o apelo das narrativas.

A capacidade narrativa é tão relevante para a vida humana que chegam a incluí-la no conjunto de habilidades que nos diferencia das outras espécies de primatas (BUENO, BENFATTI, GODOY, 2016). Esta prática, que nos acompanha há dezenas de milhares de anos, nos dá o poder de extrapolar os limites do aqui e agora e de ampliar os significados da nossa experiência. Como veremos, recolher e analisar as informações presentes nas narrativas que circulam sobre um determinado local pode enriquecer projetos urbanos, como pesquisas e planejamento, com informações e perspectivas que nem sempre são acessíveis, quando não inexistentes, em outras fontes. Outro valor que a análise de narrativas pode aportar nestes projetos, a depender do contexto obviamente, é uma aproximação com o cotidiano das pessoas que integram o público alvo das ações.

Nesta seção, recorreremos a três trabalhos científicos que atribuem à narrativa urbana um papel central. O objetivo é construir uma matriz teórica para desenvolver uma metodologia para análise de narrativas urbanas que circulam no Largo do Arouche.

Ruth Finnegan, nascida em 1933, no Reino Unido, é uma antropóloga pós-graduada em Oxford, autodenominada anticolonialista. Viveu na África durante os anos 60 e começou a pesquisar o tema de *storytelling* (narração de histórias) com povos de Serra Leoa. Porém, seu projeto que interessa mais para esta dissertação foi realizado em Milton Keynes, cidade do interior da Inglaterra.

O livro que apresenta os resultados do projeto se chama "Tales of the city. The classic study of narrative and urban life" (FINNEGAN, 1998), ou "Contos da cidade. O estudo clássico da narrativa e da vida urbana", em tradução livre, já que o livro não foi lançado em português. Ruth abre o livro desmistificando alguns conceitos que podem interferir negativamente nas análises das narrativas. Basicamente, ela procura afastar o risco de limitar a narrativa, aproximando-a de uma conotação que se poderia aplicar ao conceito de ideologia. Outro risco que ela evita é confinar as narrativas espontâneas em conceitos pré-associados ao contexto do narrador. Assim, por exemplo, seria um erro sair a campo com a noção de que "o Arouche é

território LGBT, logo, as histórias devem tratar sobre isso". É preciso ir a campo suspendendo a voz do cinismo e do julgamento, para citar Scharmer (2016) e deixar a história ser contada livremente.

A autora busca ir além das narrativas dos intelectuais, burocratas e empresários, para ouvir também as histórias dos habitantes. A comparação entre essas categorias, então, vai iluminar as nuances narrativas e revelar aquilo que não está tão evidente.

Feita essa contextualização conceitual, avancemos no método que Finnegan (1998) usou na sua abordagem com Milton Keynes. Naquele território, a pesquisadora buscou ouvir as narrativas pessoais dos habitantes e compará-las com parâmetros que encontrou em narradores institucionais, aqueles que representam grupos ou instituições.

Primeiro, há uma categoria em que a própria autora (FINNEGAN, 1998), em teoria, se enquadra: os **acadêmicos**, com seus relatos impessoais, em que os personagens assumem papéis abstratos, como a indústria, a sociedade, o capital, etc. Então, passa-se aos **planejadores**, que fundam uma instituição local com o objetivo de preparar o território para receber uma leva de novos moradores. Os planejadores narram histórias em que são os heróis de Milton Keynes, que vão guiar, com sucesso, a cidade a cumprir o seu destino. Próximos a estes, estão as histórias de "*garden city*" (cidade jardim, em tradução livre), contadas por idealistas que focam, com otimismo, nas sonhadas utopias e ações locais, a tanto tempo desejadas. Há ainda os **humanistas**, que recontam a história do território segundo a busca das pessoas por raízes e identidade, e ressaltam a riqueza da diversidade resultante deste processo, no decorrer de anos. Por fim, há a narrativa pessimista da "*concrete cow*" (vaca de concreto), em alusão a uma estátua que foi colocada na cidade. A estética duvidosa do monumento simboliza, para esses narradores, que o projeto de modernizar a cidade não deu certo: além de artificial e alienado, suplantou a harmonia interiorana que havia lá.

Só então Finnegan (1998) passa a apresentar as narrativas dos **habitantes**. E, como ela havia antecipado, não há uma identificação única e precisa destas narrativas com as primeiras categorias descritas - o que sugere que, quando narradas de forma espontânea, as histórias não se limitam às influências das narrativas que pairam em um determinado território. Essa riqueza livre das narrativas pessoais faz coro com a proposta de Politzer (1998) por uma abordagem mais individualizada da Psicologia. Ao invés de abrir seu consultório (o

equivalente ao ir a campo dos antropólogos) com um manual ou matriz que sistematize o que vai ser escutado, o psicólogo e o antropólogo devem estar abertos a reconhecer as particularidades de cada indivíduo, contrastando estas com o contexto social e as instituições que o rodeiam e onde ele vive.

A sistematização livre dos achados de Finnegan (1998), apresentada pelo Quadro 1, não servirá como um *framework* para coletar e analisar as narrativas associadas ao Arouche. O que se pretende com o quadro é iluminar a diversidade de perspectivas que pode ser encontrada em campo, assim como seus pontos de consenso e divergência.

Narradores	Tempo	Modo/mídia	Audiência	Protagonistas	Qualidade
Acadêmicos	Histórico em larga escala.	Restrito. Palavras impressas e rituais ao vivo.	Colegas acadêmicos e alunos.	Abstratos: indústria, modernidade, capitalismo, comunidade, alienação elite, consumidor.	Pessimista.
Planejadores	Limitado e explícito. Começa e termina em determinado período.	Amplo.	Patrocinadores, agências governamentais, residentes atuais e potenciais.	Planejadores, arquitetos e burocratas Secundários: Forças naturais, pessoas.	Otimista.
Garden City	Mais relativo que absoluto.	Amplo.	Patrocinadores Agências governamentais Residentes atuais e potenciais.	Forças naturais que criam a cidade e pessoas.	Otimista.
Concrete cow	Coincide com o tempo dos acadêmicos Mas evoca também o dos planejadores.	Amplo.	Comunidade local.	Personagens acadêmicos e dos planejadores ganham um	Pessimista.

				tom sombrio. "Planejadores sem alma", "A máquina capitalista de moer gente".	
Humanistas	Acontecimentos recentes são contados com séculos de história como pano de fundo.	Amplio.	Comunidade local.	Homens, mulheres e comunidades diversas em busca de identidade e raízes.	Otimista.
Individuais	Pontos de virada na vida, ritos de passagem, gerações familiares.	Amplio.	Amigos Familiares Visitantes Turistas.	O "eu" contador herói, indivíduos com nome. Papéis familiares (a mãe, o pai, o irmão...).	Variável.

Quadro 1. Sistematização livre das narrativas abordadas por R. Finnegan no livro "Tales of the City".

Pelo quadro, podemos comparar as narrativas conforme alguns parâmetros como "protagonistas" ou "qualidade". Assim, revelamos os consensos e conflitos entre as narrativas e, por extensão, entre os narradores. Por exemplo, em Milton Keynes, os planejadores e os adeptos da "*garden city*" oferecem uma narrativa otimista em que os problemas são suplantados com projetos de desenvolvimento que chegam a ser utópicos. Já os acadêmicos se debruçam a analisar as dificuldades enfrentadas no território com uma abordagem pessimista e abstrata, sem grande apelo ao cotidiano das pessoas. Assim, é bastante possível que apareçam tensões entre os narradores acadêmicos e os planejadores/*garden city*.

De um modo geral, observando a tabela, os planejadores e adeptos da "*garden city*" são vistos como o "mercado", frio e desumanizador, pelos acadêmicos. Já estes últimos podem ser vistos pelos primeiros como a figura de ativistas, que impedem o progresso (e o lucro) com argumentos intelectualóides, sem aplicação prática. Entre um e outro, estão os habitantes, que, mais do que se dividir em acompanhar esta ou aquela narrativa, estão "contando", com suas próprias ações, histórias autônomas e subjetivas que podem acrescentar camadas de significado ao território. Portanto, esse modo de levantar parâmetros para comparar narradores e narrativas associados a um território é um recurso valioso para entender, mais profundamente, os fenômenos associados aos discursos e histórias que lemos e ouvimos em determinada região.

Narradores	Tempo	Modo/mídi a	Audiência	Protagonistas	Qualidade
Acadêmicos	Histórico em larga escala.	Restrito. Palavras impressas e rituais ao vivo.	Colegas acadêmicos e alunos.	Abstratos: indústria, modernidade, capitalismo, comunidade, alienação elite, consumidor.	Pessimista.
Planejadores	Limitado e explícito. Começa e termina em determinado período.	Amplo.	Patrocinadores , agências governamentais s, residentes atuais e potenciais.	Planejadores, arquitetos e burocratas Secundários: Forças naturais, pessoas.	Otimista.
Garden City	Mais relativo que absoluto.	Amplo.	Patrocinadores Agências governamentais s Residentes atuais e potenciais.	Forças naturais que criam a cidade e pessoas.	Otimista.
Concrete cow	Coincide com o tempo dos acadêmicos Mas evoca também o	Amplo.	Comunidade local.	Personagens acadêmicos e dos planejadores ganham um tom	Pessimista.

	dos planejadores			sombrio. "Planejadores sem alma", "A máquina capitalista de moer gente".	
Humanistas	Acontecimentos recentes são contados com séculos de história como pano de fundo.	Amplo.	Comunidade local.	Homens, mulheres e comunidades diversas em busca de identidade e raízes.	Otimista.
Individuais	Pontos de virada na vida, ritos de passagem, gerações familiares.	Amplo.	Amigos Familiares Visitantes Turistas.	O "eu" contador herói, indivíduos com nome. Papéis familiares (a mãe, o pai, o irmão...).	Variável.

Quadro 2. Consensos (verde) e conflitos (amarelo) entre as narrativas sistematizadas do livro "Tales of the City". Em um desses conflitos, narradores Acadêmicos e *concrete cow* oferecem uma visão mais abstrata e pessimista do que o discurso otimista e publicitário empregado pelos narradores planejadores, *garden city* e humanistas. Já os conceitos relacionados a pessoas e comunidades podem formar um consenso presente no discurso narrativo desses grupos.

É preciso observar, porém, que Ruth Finnegan (1998) estava mais interessada em uma abordagem antropológica para ler o território de Milton Keynes. Sua intenção não parece ter sido construir uma metodologia. Boa parte do seu livro é dedicada, na verdade, a relatos pessoais, individualizados, cuja sistematização restringe-se a demonstrar que eles são mais livres de categorizações do que as narrativas de planejadores, acadêmicos e grupos mais coesos. E é exatamente por isso que o método Ruth Finnegan em Milton Keynes aparece aqui: um alerta para que não se busque sistematizar as narrativas pessoais entre si, somente, e gerar a partir disso uma conclusão descontextualizada. É preciso contrastar narrativas individuais com narrativas coletivas ou discursos institucionalizados e, a partir daí, fazer reflexões sobre os relatos para enriquecer a leitura dos territórios.

Todavia, gestores públicos, agentes sociais, pesquisadores e empreendedores que queiram atuar em um determinado território terão de lidar com o desafio dos clichês e estereótipos, desafios persistentes enfrentados por muitas comunidades locais, sobretudo as marginalizadas. Quando carregam uma carga negativa, estas imagens exageradamente simplificadas de uma região atravancam o desenvolvimento da comunidade local e afastam novos visitantes, moradores e investidores. É por isso que, além dos desafios de infraestrutura, segurança e acessos a outros direitos básicos, quem mora em um bairro periférico ainda tem que lidar com a reputação negativa que carrega quando precisa informar seu endereço, seja em uma entrevista de emprego, em uma paquera ou quando busca recursos para a sua comunidade.

Robert Govers e Caio Esteves, especialistas em planejamento urbano e reputação de comunidades, certamente se encaixam na descrição dos planejadores urbanos feita por Stein (2019). Suas ideias (desenvolvidas abaixo) são bem-intencionadas, ao menos nas descrições, mas, sem mecanismos que garantam o contrário, suas propostas provavelmente trabalham para intensificar a gentrificação. Levantada essa ressalva, vale explorar as técnicas de desenvolvimento local por meio de imagens, símbolos e narrativas vinculadas aos territórios que os autores propõem. Um recurso que poderia também ser aproveitado por movimentos sociais e organizações da sociedade civil, e não apenas pelos setores públicos e privados.

Começemos por Robert Govers, que demonstra como o problema dos clichês e estereótipos conta com o agravante do agendamento (*agenda setting*) e enquadramento (*framing*) da mídia *mainstream* (GOVERS, 2018). Enquanto o primeiro direciona a atenção das pessoas para

determinado tema, o segundo determina como este tema deve ser assimilado, o que inclui julgamentos morais, acusações e apelos emocionais. A situação se agrava quando avaliamos que, juntos, o agendamento e o enquadramento da mídia hegemônica, têm uma enorme influência no que as pessoas acham que os outros estão pensando. Para Govers (2018), é por este motivo que até as redes sociais, ditas mais livres e espontâneas, estão sujeitas à influência das narrativas contadas pela mídia mainstream:

“Hence, even though social media, being demand driven rather than pushing, reduce the effect of agenda setting and framing, mainstream media still appear to influence what is being covered and how, even on social media” (GOVERS, 2018, p. 139)

Quando ouvimos as histórias que circulam em um território, ampliamos a rede de signos e imagens a ele associados. Essa abertura e aprofundamento pode, então, desfazer os estereótipos e clichês que obscurecem a visão que temos do local e impedem uma análise mais aprofundada de seu contexto. Em seguida, é possível que essa nova compreensão seja aplicada para engajar uma comunidade no desenvolvimento do seu território. E há um método que pode apoiar a conquista desse objetivo. *Place branding* é uma ferramenta que busca resgatar os valores comuns, o sentimento de pertencimento e o orgulho nas pessoas de um determinado território (ESTEVEES, 2016). Para Caio Esteves, pesquisador brasileiro que se dedica ao tema, infelizmente, a própria ferramenta tem de enfrentar o clichê associado ao termo que a denomina (2016). Apesar de derivada do marketing, o *place branding* não se limita a tratar de temas relacionados a vendas, clientes, capital, marcas. Tanto Esteves como Govers, aliás, constroem seus textos, suas narrativas, como os humanistas de Ruth Finnegan: uma abordagem positiva e otimista sobre as pessoas e seu potencial de desenvolvimento no território.

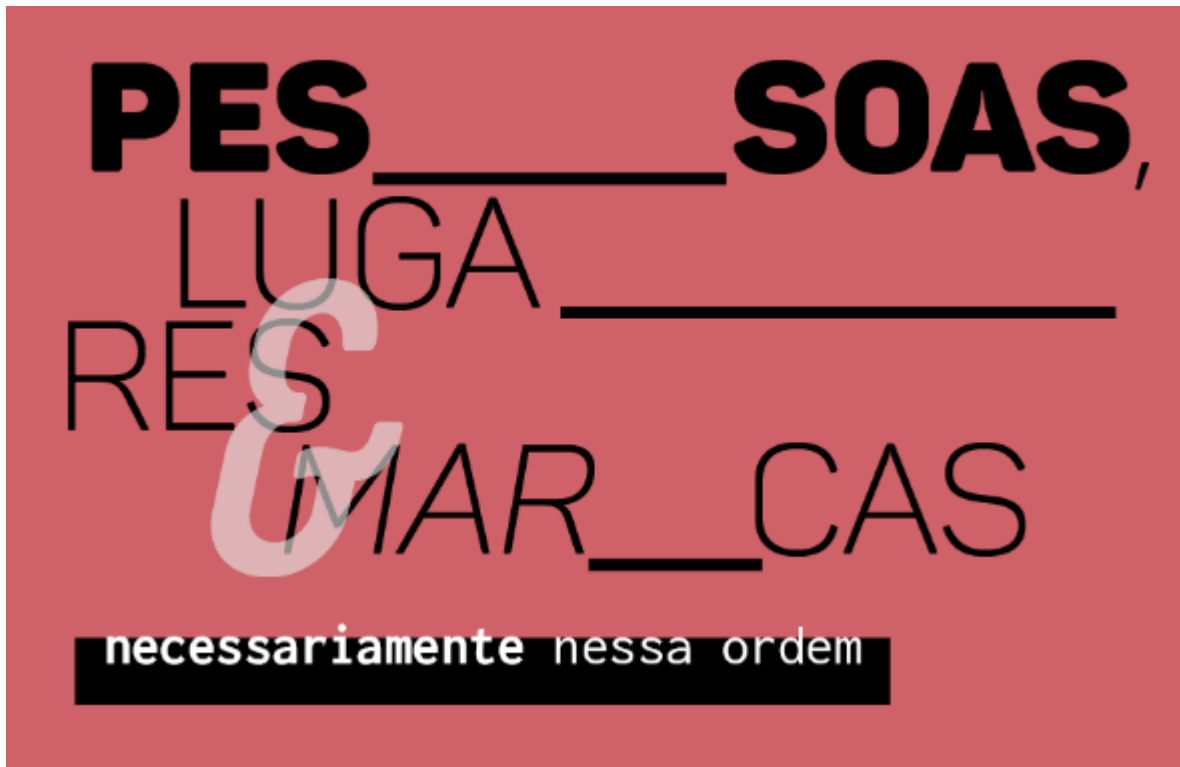


Imagem 2: recorte retirado da home page do site Places4Us, consultoria de Caio Esteves especializada em Place Branding (Fonte: <https://www.placesforus.com.br/>, acesso em: 30/07/2020)

Do método *place branding*, recolhemos o modelo de *schemata*, ou mapa mental, para construir uma rede de imagens associadas entre si, com base em relatos sobre o Largo do Arouche e tendo como referencial as duas principais narrativas identificadas nesta dissertação: o Arouche da Diversidade e o Arouche *Petit Paris*. Usado em teorias da psicologia e semiótica, o modelo *schemata* é abordado por Govers (2018) e Esteves (2016), embora com diferenças, como forma de aprofundar e ampliar as imagens associadas a um território e revelar, ou ao menos dar pistas, de sua identidade, vocação e reputação.

Essa rede de imagens associadas a um lugar não é estática e nem universal. Pelo contrário, ela sofre alterações no tempo e influências subjetivas de cada observador. Mas, há sim, como vimos, *schematas* persistentes associados a clichês e estereótipos, que, embora estejam sujeitas a inferências pessoais, são difíceis de serem desfeitas. Caio Esteves parece ser mais otimista aqui. Para ele, estamos mais atentos a imagens falsas de um lugar, após mais de um século de relacionamento com a fotografia.

[...] fomos aprendendo, gradativamente, que quase nunca as imagens correspondem à realidade. Nos tornamos mais cautelosos e atentos e mais difíceis de enganar. Podemos constatar esse fenômeno ao analisarmos qualquer avaliação em sites de hotéis e apartamentos para alugar. Um dos itens mais importantes e comentados é a “realidade” das imagens, ou seja, os casos onde as fotografias representam com fidelidade a aparência do lugar. (ESTEVEVES, 2016, p. 18)

Embora a experiência com *reviews* de hospedagem e atrações turísticas *online* apontem uma propensão à abertura para ir além das imagens intensamente manipuladas, é arriscado apostar que esse fenômeno pode ser observado também em outras relações sociais, sobretudo naquelas que ocorrem nos espaços públicos *offline*. Mas, de todo modo, essa busca dos consumidores de turismo e hotelaria em vencer as camadas *fakes* para revelar uma "verdade" dos locais pode indicar uma das brechas por onde a rede de imagens estereotipadas pode ser ampliada, começando a revelar nuances e complexidades do território.

Govers (2018) também aponta interações *online* como oportunidades para romper as narrativas estereotipadas da mídia *mainstream*. O caminho para isso, segundo o autor, passa por criar **experiências compartilháveis** (*shareable experiences*): experiências pessoais associadas a **viagem, cultura e pessoas**. Govers aponta que esses são temas que as pessoas ainda amam compartilhar e que, portanto, têm grande potencial de engajar audiências online e de inclusive reverter o agendamento (*agenda setting*), com as pessoas determinando a agenda pública e o que a própria mídia *mainstream* veicula. Assim, iniciativas bem sucedidas poderiam controlar, ou ao menos influenciar, as narrativas que circulam sobre um determinado território. Para alcançar este resultado, seria necessário ativar um amplo número de veículos de comunicação com essas experiências, o que seria obtido com um posicionamento estratégico, alinhado à identidade da comunidade, e disponibilizado de forma acessível e imaginativa, buscando diálogo e engajamento com ações reais. Ao concluir a recomendação, o autor adverte: essa não deve ser uma iniciativa amadora. O envolvimento de agentes do setor público e privado e da sociedade civil é fundamental. Tudo com orientação e acompanhamento de órgãos públicos.

“With social media, the distinction between community development and communication becomes increasingly blurred” (GOVERS, 2018, p. 139).

Mas engajar as pessoas de uma comunidade em busca de um propósito pode ser um desafio. Com as sociedades se tornando cada vez mais complexas, as contradições podem ser encontradas não apenas entre grupos, mas também dentro dos grupos. A construção de uma narrativa que una agentes e atores de um território em torno de um propósito comum pode mitigar as divergências de interesses.

Qualquer iniciativa que traga "mudança" no título recorre intrinsecamente à construção de um futuro. É o caso do Programa de Mestrado em Mudança Social e Participação Política - ProMuSPP, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. Como fruto deste programa, esta dissertação busca mostrar como as narrativas podem ser usadas para mobilizar as mudanças em busca de um futuro imaginado. Para aprofundar e amadurecer este conceito, é possível recorrer às teorias e metodologias do que se convencionou chamar de estudos de futuro, futurologia ou outros campos da ciência correlatos. Mas, acompanhando o objetivo da pesquisa de investigar como grupos sociais se mobilizam para construir um futuro, é válido atender a alguns critérios na seleção do marco teórico em estudos de futuro: a) ampliar a abordagem sobre futuro para além da administração, gestão de negócios, tecnologias e pesquisa de tendências; b) aplicar métodos de construção de futuro mais horizontais, menos dependentes e controlados por lideranças instituídas (gurus, *CEOs*, governantes).

A prospectiva estratégica² é uma ferramenta teórica que atende bem a esses critérios e está alinhada aos objetivos deste trabalho. Para definir essa ferramenta, é interessante recorrer à comparação entre *la prospective*, o estilo "francês", e *Foresight*, o "americano":

² Tive contato com a Prospectiva em 2016, enquanto atuava na Central Única dos Trabalhadores como especialista em mídias para engajamento de movimentos sociais. Na ocasião, o grupo em que eu atuava foi convidado pela FEA-USP para participar de um grupo que estava iniciando um processo prospectivo para a construção de futuros do Brasil. A iniciativa evoluiu e atualmente se chama Desenvolvimento Brasil 2035. Há um livro homônimo, publicado pela editora CRV em 2020, que descreve o processo liderado pelo grupo.

Primeiramente, o processo de criação destas visões do futuro [do estilo "americano" Foresight], mesmo se transparente para o cliente, é do domínio exclusivo do “futurista”. O cliente não participa na realização deste trabalho. Este aspecto representa certamente a oposição mais forte com o estilo “francês”. Para a prospectiva é fundamental que os beneficiários deste trabalho sejam também os seus próprios produtores. (Joseph Coates, Philippe Durance, Michel Godet. A Prospectiva Estratégica Para Empresas e Territórios, UNESCO, 2011. Pg. 17)

Gaston Berger é considerado o fundador da prospectiva, o pioneiro em defender o método dentro e fora dos círculos acadêmicos, extrapolando o território francês. A propósito, Berger foi membro da delegação francesa na primeira Conferência Geral da UNESCO, em 1946. Depois dele, Michel Godet e, mais recentemente, Philippe Durance, também franceses, prosseguiram no desenvolvimento e disseminação da prospectiva nos meios acadêmicos e além, tendo o CNAM (Conservatoire Nationale des Arts et Métiers), em Paris, como uma espécie de centro intelectual do método.

Mas o que se espera alcançar com o método prospectivo? Basicamente, a construção de futuros possíveis e desejáveis em apropriação pelos atores impactados. Como aponta Philippe Durance (2020):

Ele [o processo prospectivo] também representa uma "maiêutica" poderosa para envolver os agentes sociais locais no sentido de estratégias específicas e proativas, com base na convergência entre o possível e o desejável e cujos elementos são finalmente convertidos em ações de desenvolvimento (Durance in: Aulicino; Fischmann, 2020, p. 17).

Respeitadas as variações decorrentes da aplicação do método em diferentes contextos ao redor do mundo, apresentamos nesta seção do artigo uma síntese das etapas fundamentais presentes no processo prospectivo. Para que essa síntese esteja o mais próximo possível da realidade brasileira, recorreremos ao exercício de processo prospectivo “Desenvolvimento Brasil 2035”, liderado pelo Prof. Dr. Antonio Luis Aulicino na FEA-USP entre 2016 e 2020. O projeto contou com a participação de diversos atores da sociedade e resultou em um livro

(AULICINO; FISCHMANN, 2020), que fornece detalhes sobre a condução das etapas do método prospectivo adaptado para a realidade local. Embora as etapas tenham sido respeitadas, os participantes são muito restritos ao ambiente acadêmico, empresarial e do Estado de São Paulo, o que compromete sua legitimidade para, de fato, ser aplicado na construção de um "país que queremos", como anuncia o subtítulo do livro. De qualquer forma, como exercício, admitido pelo próprio Prof. Aulicino, o livro é bastante relevante e pode apontar caminhos para a aplicação do método em escalas menores, como bairros ou regiões.

Tomando o exercício realizado nos quase cinco anos do processo prospectivo "Desenvolvimento Brasil 2035" (AULICINO; FISCHMANN, 2020), pode-se eleger três etapas estruturais:

Formação da Governança: na gênese do processo prospectivo por Gastón Berger está seu caráter altamente coletivo e colaborativo. A formação da governança visa compartilhar a liderança do processo entre figuras diversas que tenham um engajamento mais elevado que a média, o suficiente para levar a iniciativa adiante com todos os conflitos e contratempos que puderem surgir. Além de atender à diversidade de atores, garantindo que os futuros contemplem toda a comunidade impactada, a formação da governança também é importante para determinar o horizonte a ser trabalhado: cinco, dez, 50, 100 anos ou outros períodos que o grupo definir.

Análises estruturais, varredura do ambiente e definição de hipóteses: A governança lidera uma série de atividades abertas ao público para entender o contexto atual do território, as raízes deste contexto no passado e as tendências futuras. Aqui, novamente, quanto maior a diversidade de participantes (e não necessariamente a quantidade), melhor. Com essa análise concluída, são realizados cruzamentos entre as diferentes informações levantadas para identificar os atores e as variáveis mais relevantes naquele território. Essas variáveis são então descritas em profundidade, e hipóteses para seu futuro são levantadas. Geralmente as hipóteses são relacionadas à manutenção da situação atual ou uma ruptura com melhora significativa. Essas últimas são as hipóteses desejáveis que na próxima etapa derivam ações para sua realização. As análises das variáveis e suas hipóteses são então apresentadas aos participantes do projeto, recebem comentários e podem ser atualizadas. Só então são consolidadas com as outras em um esforço para obter um "inventário" dos elementos

disponíveis na construção do futuro desejável pelo grupo.

Construção dos cenários e ações para seu desenvolvimento: nessa última etapa, o inventário é desdobrado em um plano definido, com ações necessárias e um cronograma, para que as hipóteses possíveis e desejáveis sejam concretizadas. No caso do processo prospectivo Desenvolvimento Brasil 2035, há forte recomendação para que uma formação cidadã seja realizada junto a esse processo, uma forma dos participantes entenderem seus papéis sociais e se apropriarem do futuro do seu território. A chamada macroestratégia do processo é expressa com a frase a seguir:

“Avaliar e desenvolver a Formação Cidadã para a Apropriação pela Sociedade dos rumos do Brasil, em que ela, a sociedade brasileira, será sensibilizada e conscientizada, para que possa ser mobilizada e desempenhar seu papel protagonista no desenvolvimento sustentável do Brasil” (AULICINO; FISCHMANN, 2020, p. 567).

Antes de passarmos à importância das narrativas dentro do processo prospectivo, é importante trazer à tona uma discussão relativamente recente sobre o papel das narrativas no planejamento urbano. Como aponta van Hulst (2012), listando diversos autores, existe um consenso entre pesquisadores da área de que o papel das narrativas (*storytelling*) é crucial para o planejamento urbano, principalmente de duas maneiras: primeiro porque os planejadores e os atores contam histórias quando planejam ou defendem suas visões de futuro, e analisar essas narrativas pode fornecer informações importantes para gerenciar o processo em andamento em determinado território. Em seguida, van Hulst (2012) recorre a outros pesquisadores para mostrar que o *storytelling* também pode ser usado deliberadamente para conduzir o processo de mudança, com vistas a oferecer uma referência à qual convirjam os diferentes agentes envolvidos no processo.

Vuokko Jarva, pesquisadora da universidade de Helsinki, participa deste debate sobre a importância das narrativas com um artigo voltado especificamente para um problema levantado por Michel Godet, um dos bastiões do Método Prospectivo francês. Jarva (2014) recolhe declarações de Godet sobre um *gap* entre os cenários construídos no método prospectivo e as ações propriamente ditas para a construção destes cenários. Para ele, haveria

muita ênfase na construção de cenários. Os prospectivistas deveriam permanecer no projeto até que as ações fossem realizadas, e não interrompê-lo com a efetivação dos cenários, o que acontece frequentemente. Jarva (2014) oferece um caminho para preencher esse *gap* presente nos planejamentos de longo prazo, sobretudo os prospectivos, levando os co-participantes dos cenários para as ações necessárias para construí-los, efetivamente. A pesquisadora recorre a teorias narrativas para demonstrar a importância desse recurso no engajamento das pessoas envolvidas em projetos de construção de futuros.

"[...] It remains as the role of a futures specialist to present and translate paradigmatic ideas into the narrative form to make them understandable to those, who are not familiar with paradigmatic thinking." (JARVA, 2014, pg. 17).

Vuokko demonstra que os planejadores podem comunicar suas ideias utilizando os recursos narrativos, e não apenas as formas convencionais, como a expositiva, a descritiva e a argumentativa. E vai além: a construção destas narrativas deve ser realizada pelos próprios co-participantes. Segundo a autora, a apropriação e a motivação em partir do cenário para as ações são intensificadas quando os co-participantes definem os objetivos e elementos narrativos do projeto.

“Deeper participation can be achieved when the copartners of a futures project create the future narrative, its storyworld, characters, goals, and means, as well as action plan and also realize the action. The end of the story can then be the state of the future on some point in time, possibly years from the start of the story. The narrative can live alongside the action and it can change when the situation changes”. (JARVA, 2014, p. 21).

Interessante observar como o final do projeto, que tende a acontecer quando o cenário é construído, é deslocado para o "estado do futuro", ou seja, em algum ponto no tempo no qual o cenário é realizado por meio de ações dos co-participantes. Esse cenário realizado não precisa ser exatamente igual ao planejado. A flexibilidade narrativa permite que ela se transforme com as mudanças para manter elevado o engajamento das pessoas.

3. ANÁLISE DE NARRATIVAS

Antes de seguir para as principais narrativas em evidência durante as obras de requalificação, nesta primeira parte do capítulo, procuramos estabelecer algumas referências mais amplas, com um panorama histórico, geográfico e social da região.

Geograficamente, o Largo do Arouche está situado na região central da cidade de São Paulo, delimitado principalmente pelas avenidas São João, Duque de Caxias, Vieira de Carvalho e Amaral Gurgel. Além do Minhocão, via elevada sobre a avenida Amaral Gurgel usada como parque aos finais de semana, o Arouche também está na região de influência da Praça da República, da qual dista somente duas quadras.

Para fins administrativos do município, o Largo do Arouche está alocado na Subprefeitura da Sé, dentro do distrito da República. Como veremos adiante, essas delimitações formais ganham diversas camadas de significados coletivos (políticos, sociais etc.) e subjetivos (afetividades, afinidades pessoais etc.), dando origem a inúmeros outros territórios que ocupam o mesmo espaço geográfico e administrativo da cidade.

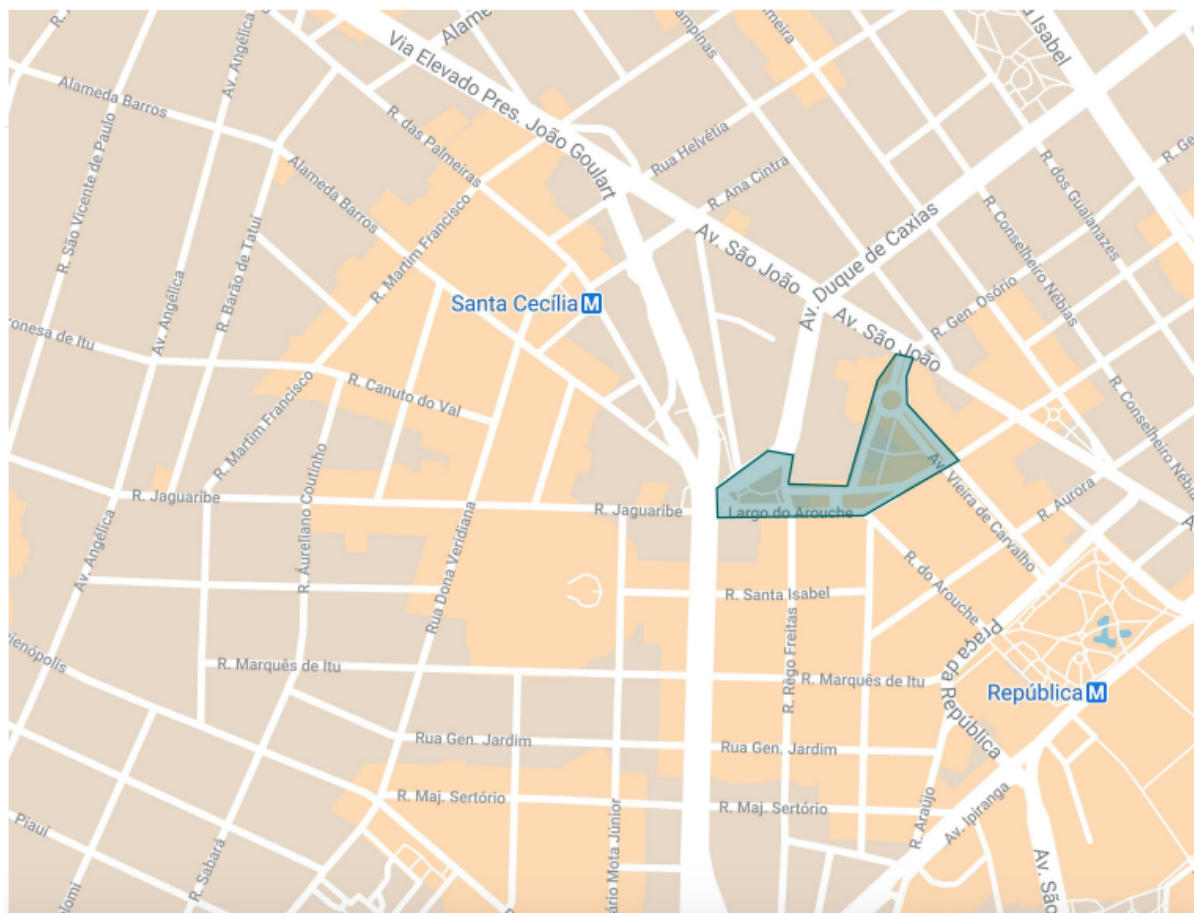


Imagem 3: localização do Largo do Arouche destacada, em verde, no centro de São Paulo. Mapa feito com o Google Maps.

Até os anos 1800, o centro da cidade de São Paulo restringia-se, basicamente, ao que convencionou-se chamar de triângulo histórico, uma área que compreende o Largo São Francisco, o Pateo do Colégio e o Largo de São Bento. Também delimitavam a área os rios Tamanduateí e Anhangabaú.



Imagem 4: detalhe do mapa de São Paulo em 1881 mostra intensa urbanização da região que hoje é conhecida como centro ou triângulo histórico, entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí. Fonte: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento, Instituto Geográfico e Cartográfico - IGC. Acervo - Tombo: 1584.

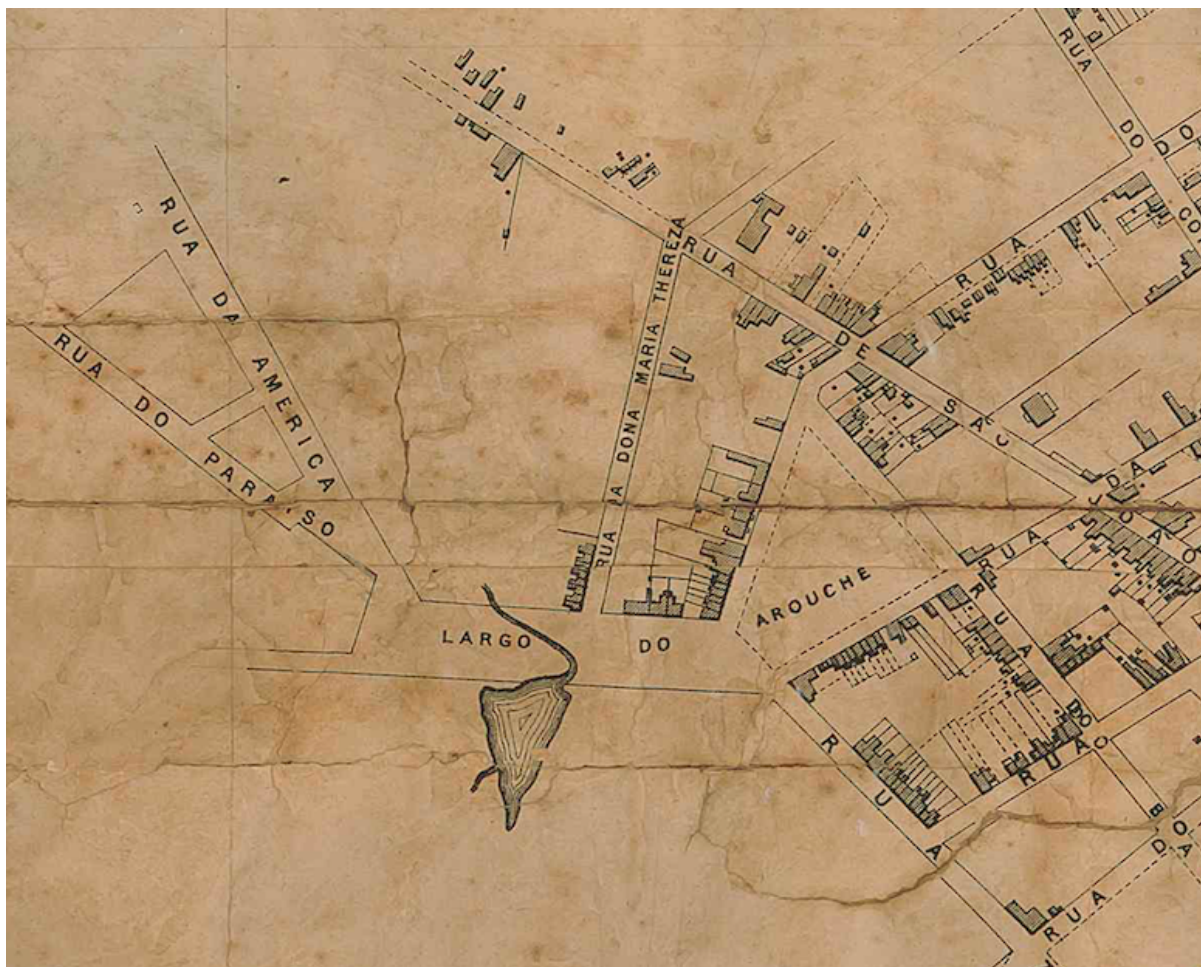


Imagem 5: detalhe do mapa de São Paulo em 1881 mostra a região do Largo do Arouche, na margem oeste do Rio Anhangabaú, ainda bem menos urbanizada que a região à leste do mesmo rio. Fonte: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento, Instituto Geográfico e Cartográfico - IGC. Acervo - Tombo: 1584.

A partir do século XIX, com o crescimento da importância econômica do café, a cidade começa a sofrer alterações significativas. Buscando se refugiar em áreas mais exclusivas, a elite cafeeira começa a migrar para além do Anhangabaú, construindo suas mansões em loteamentos recém-abertos nas áreas que hoje compreendem os bairros de Campos Elíseos e Santa Cecília (JOSÉ, 2010).

A região ocupada atualmente pelo Largo do Arouche foi parte de uma chácara do Tenente General Dr. José Arouche de Toledo Rendon. Loteada ainda no começo do século XIX, a área abriu espaço para o surgimento do bairro da Vila Buarque e para o largo que seria nomeado em homenagem ao militar (EDITOR, 1993).

“Pode-se dizer que a área do Largo do Arouche foi berço de inovações na produção do tecido urbano, especialmente, em termos da instituição dos primeiros condomínios da cidade, o que se tornou elemento crítico para as futuras políticas urbanas”.

SILVA, Roberto Toffoli Simoens da. Modernização sustentável: planos diretores de reuso para áreas urbanas em obsolescência precoce. 2021. pág.94

A construção do Viaduto do Chá e a inauguração do Teatro Municipal consolidam a importância daquela margem do Anhangabaú. Novos movimentos de urbanização avançam no começo do século XX e o eixo da então Avenida de São João, que se inicia no Anhangabaú, começa a dar forma ao centro novo. A inauguração da Estação da Luz na região é mais um símbolo desse processo de expansão.



Imagem 6: Obras no Largo do Arouche em 1941. Acervo da Biblioteca Mário de Andrade. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=fotos&pagfis=3554>. Acesso em: 13/01/2022.



Imagem 7: Obras no Largo do Arouche em 1941. Acervo da Biblioteca Mário de Andrade. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=fotos&pagfis=3557>. Acesso em: 13/01/2022.

Enquanto o centro é alvo de operações como o Plano de Avenidas, proposto por Prestes Maia, novamente, as elites passam a migrar para novos bairros mais exclusivos. O mercado imobiliário e o Estado acompanham o movimento. É a vez dos loteamentos no eixo do espigão da Avenida Paulista ganharem destaque.

JARDIM EUROPA

O BAIRRO CUJO FUTURO JA' ESTA' AQUI



Evite essa Desvalorização!

Ao escolher um terreno para edificação da casa propria, varios factores devem ser ponderados cuidadosamente. A escolha menos acertada poderá vir a ser a causa de uma desvalorização inesperada do predio que lhe custou muito dinheiro. A vizinhança de fabricas, officinas barulhentas e garages movimentadas não é, por certo, a situação desejavel para um lar tranquillo.

Devido ás posturas municipaes, não ha que recear a futura construcção de officinas mecanicas, garages, "postos de serviço", armazens, etc. no JARDIM EUROPA, que é um bairro essencialmente residencial, tranquillo e de feição inconfundivelmente europeá. Alli se desfrutam os prazeres da vida sadia do campo a curta distancia do centro da cidade. No ambiente acolhedor de selecta vizinhança moram familias das mais distinctas do nosso meio social. A proximidade dos melhores clubs facilita a pratica dos esportes, contribuindo para a conservação da saude.

O JARDIM EUROPA tem em quasi todas as suas largas ruas — que são bem tratadas, permitindo, mesmo em tempo inclemente, transito facil e limpo — todos os serviços publicos: água, luz, gaz, esgoto, telephone, bonde e auto-omnibus de luxo.

Imagem 8: Anúncio veiculado no jornal O Estado de São Paulo em 1935 ressaltava a exclusividade oferecida pelo Jardim Europa. Disponível em:

<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19350929-20232-nac-0009-999-9-not/>. Acesso em: 13/01/2022.

Os anos avançam e por volta dos anos 1950 a industrialização coloca São Paulo como vetor nacional do desenvolvimentismo. Migrantes chegam do país todo e a população do município cresce exponencialmente.



Imagem 9: Largo do Arouche em 1952. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=fotos&pagfis=2980>. Acesso em: 13/01/2022.

Esvaziado pelas elites, mas com atividades econômicas ainda efervescentes e novas e modernas avenidas, o centro passa a ser disputado por empresas comerciais, que começam a mudar as áreas residenciais da região para uso comercial, elevando os preços dos aluguéis e forçando moradores de classes populares a buscarem novas regiões com urbanização precária mais afastadas do centro ou os cortiços que já começavam a surgir por ali (JOSÉ, 2021).

A região dos Campos Elísios é um símbolo explícito desse fenômeno. Batizado em homenagem à Avenida francesa Champs Elysées, o bairro projetado para ser um reduto

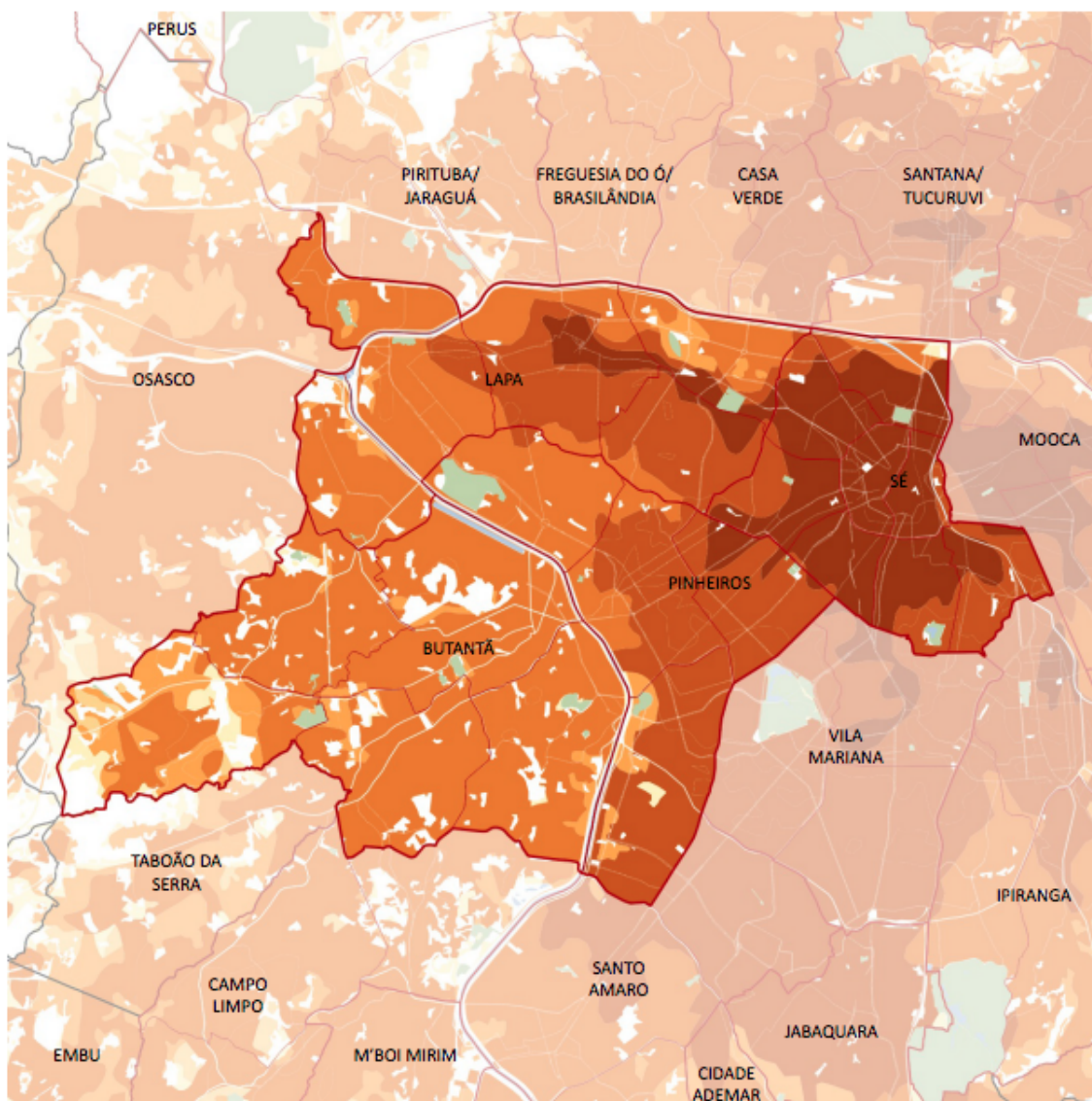
glamouroso das elites cafeeiras pouco a pouco se transformou em uma área desinvestida pelo poder público e ignorada pelo mercado imobiliário. Abandonada, grande parte do casario foi ocupada por famílias de baixa renda em regimes coletivos, como os de cortiços e pensões.

Nos anos 1960, São Paulo já desponta como locomotiva do Brasil e o centro da cidade, com avenidas largas, lojas de departamentos e cinemas, pode ser considerado como uma vitrine desse desenvolvimento. Enquanto o mundo convulsiona com as revoluções da contracultura, especialmente agudas em 1968, o Brasil mergulha na ditadura militar. Neste período, Green (2000) e Trevisan (2018) apontam a presença de *points* frequentados por gays e lésbicas na região do centro, um público fortemente restrito a submundos, ligado - na visão dos autores - à marginalidade e associado a outros contraventores como prostitutas, cafetinas, michês e gigolôs (STEFFEN, 2017).



Imagem 10: Interior da boate Homo Sapiens, na Rua Marquês de Itú. Atualmente, o local abriga outra balada, a ABC Bailão, que integra o circuito LGBT do Arouche. Fonte: Reprodução do documentário São Paulo em Hi-Fi.

Nos anos 1980 e 1990, enquanto as Avenidas Paulista, a Berrini e Faria Lima formaram os novos eixos financeiros e da elite paulistana, o centro, incluindo o Largo do Arouche, figurava nas narrativas de degradação, passando a ser identificado como locais sujos, perigosos, indesejáveis. Interessante notar que, naquele mesmo momento, o acesso ao centro pelas classes populares foi facilitado com a inauguração de importantes eixos de transporte público, como as linhas de metrô Norte-Sul e Leste-Oeste, que se cruzavam na Sé, e grandes terminais de ônibus, como o Parque D. Pedro II e Terminal Bandeira, ações que contribuíram para a mudança do perfil do centro de reduto das elites para comércio popular (José, 2010)



PERÍODOS DE EVOLUÇÃO DA MANCHA URBANA

- 1553 A 1914
- 1915 A 1949
- 1950 A 1974
- 1975 A 1985
- 1986 A 1997
- 1998 A 2002

▭ LIMITE DE MACRORREGIÕES

▭ PARQUES

▭ HIDROGRAFIA

Imagem 11: Evolução da mancha urbana do centro sentido oeste. Fonte: Prefeitura de São Paulo, 2016. Disponível em:

<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/QA-CENTRO-OESTE>.

pdf. Acesso em: 03/01/2022

A narrativa da degradação ainda perdura atualmente, mas desde a virada dos anos 1990 para os anos 2000 tem sido acompanhada por projetos de “revitalização”, liderados pelo poder público, que pretendem devolver ao centro uma qualidade urbanística idealizada. Dentre os projetos para revalorização do centro surgidos nesse período estão a Operação Urbana Centro (1997), o Projeto Nova Luz (2005) e o Plano Diretor Estratégico (2014).

A própria promessa de revitalização ou requalificação já estimula o interesse de novos moradores e investidores na área. A sede da Prefeitura de São Paulo é um personagem desta narrativa da fuga e da retomada do centro: depois de ter migrado do centro para o Ibirapuera em 1956, a sede do executivo municipal retornou para o centro em 1992, primeiro para o Palácio das Indústrias (no Parque D. Pedro II), e, de 2004 até hoje, ocupa o Edifício Matarazzo, no Vale do Anhangabaú.

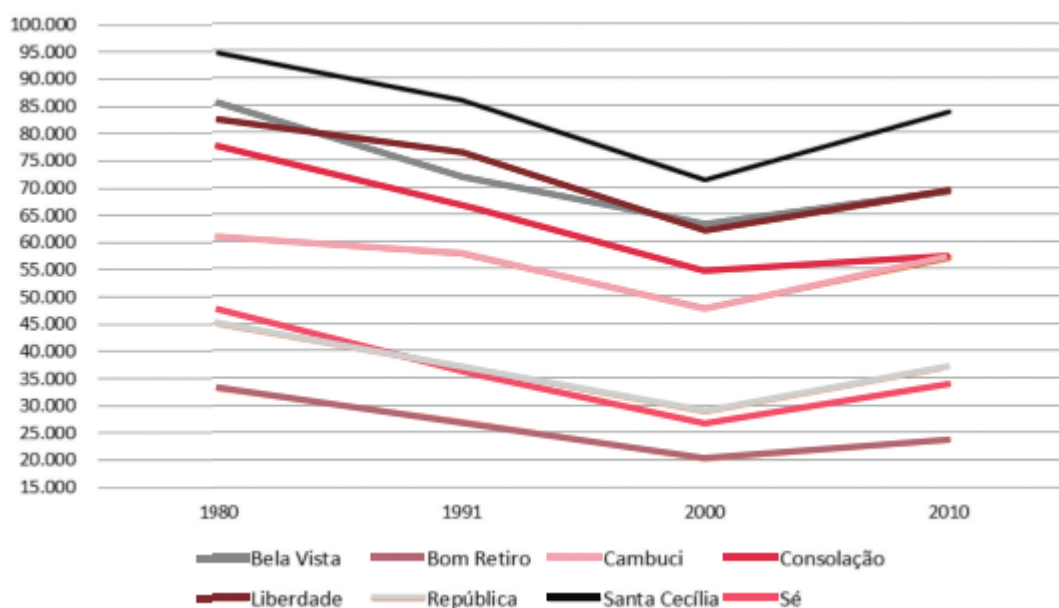


Gráfico 1: População recenseada nos Distritos da Subprefeitura da Sé demonstra a retomada do crescimento da população a partir dos anos 2000. Fonte: Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/QA-SE.pdf>. Acesso em: 03/01/2022.

Como vimos no marco teórico, estes projetos elaborados por profissionais do urbanismo

utilizam a narrativa humanista para defender intervenções urbanas que, em teoria, beneficiariam a população local. Porém, o papel do mercado imobiliário nestes projetos precisa ser mais bem investigado e evidenciado. O que importa aqui nesta dissertação é analisar o histórico da região e como a narrativa da degradação está associada à popularização do centro. Essa associação classista pode legitimar intervenções gentrificadoras, de maneira ampla em todo o centro, e no Arouche, em particular. Discutir a flagrante existência destes discursos classistas nos projetos de intervenção urbana do centro é válido, mas é possível ir além. Vale também questionar se esses discursos ainda produzem os resultados desejados. Em uma sociedade cada vez mais atenta ao seu direito à cidade, adotar um discurso que ignora, quando não ataca, grupos minorizados pode ter resultados que comprometem os empreendimentos. Será possível retomar essa discussão quando analisarmos o projeto de requalificação do Largo do Arouche e a narrativa da *Petit Paris* associada a ele.

Com todo esse contexto, Arouche chega aos anos 2020 como um espaço um tanto confuso no que diz respeito às identidades dos seus frequentadores. Faço essa observação primeiro como morador local que possui a enorme vantagem de ser um recém chegado (no ato desta escrita, resido aqui há apenas cinco meses), o que me garante um olhar "fresco" sobre as paisagens físicas e sociais da região.

O antropólogo italiano Massimo Canevacci (1993) relata em seu livro *A Cidade Polifônica* o impacto que sentiu ao visitar São Paulo pela primeira vez. Suas observações de estrangeiro com olhar de antropólogo treinado revelam, atrás das fachadas e da camada opaca das comunicações da cidade, verdades secretas que passam despercebidas quando deixamo-nos levar pela rotina frenética de paulistanos nativos ou há muito vivendo na cidade. Para Canevacci (1993), em certa medida inspirado por Walter Benjamin, é necessário "estranhar" o familiar, e observar o próprio ato de observação, para revelar as mensagens ocultas por trás das aparências da cidade.

Como paulistano nato, o que me ajudou nesse "estranhamento do familiar" foi a mudança da Mooca, um bairro central, porém pacato e conservador, para o Arouche, região de movimentação frenética, repleta de turistas nacionais e estrangeiros. Um bairro em que comportamentos boêmios e hedonistas são observados a qualquer hora. E as manhãs dominicais pareciam subverter quaisquer coerências que eu buscasse em relação aos usos e

costumes dos frequentadores na região. Observei com surpresa, e até certo espanto, moradores em seus trajes cotidianos, até um pouco provincianos, a caminho da feira-livre, ocuparem com naturalidade o mesmo espaço que jovens *clubbers* recém saídos de alguma festa na cidade, com trajes exuberantes e visivelmente entorpecidos. Outra paisagem social do Arouche muito diferente da Mooca, ou de bairros ainda mais periféricos como a Vila Morais (sudeste da capital) onde passei minha infância, é a presença maciça de pessoas transgêneras e não-binárias, casais homoafetivos, trabalhadores do sexo e comerciantes de drogas, todos indo e vindo, acessando os espaços públicos e comércios locais, oferecendo seus serviços com aparente liberdade e naturalidade.

Obviamente que, passada esta surpresa inicial, uma observação mais profunda, *a la* Canevacci, iria revelar conflitos não aparentes nas interações superficiais que um transeunte qualquer observa ao caminhar pelo Arouche. Dados obtidos consultando a ferramenta *Google Trends* mostram que "travesti" e "sauna" junto com "apartamento" e "BK30" (empreendimento da construtora BKO) estavam entre os termos mais associados a buscas no Google por "Largo do Arouche" quando este texto foi escrito, em 2019.

The image shows two side-by-side screenshots of the Google Trends 'Assuntos relacionados' (Related topics) section. The left screenshot shows the first five related topics, and the right screenshot shows the last five. The topics are ranked by their association percentage with the search term.

Rank	Assunto	Associação
6	Padaria Gêmel - Assunto	Mais 100%
7	Zona Central de São Paulo - Assunto	Mais 90%
8	BK30 Largo do Arouche - Prestador de serviç...	Mais 90%
9	Avenida Paulista - Avenida em São Paulo	Mais 90%
10	Consolação - Assunto	Mais 90%
11	Câncer - Doença	Mais 90%
12	Sauna - Assunto	Mais 90%
13	Apartamento - Função do edifício	Mais 80%
14	Travesti - Assunto	Mais 50%
15	O Gato Que Ri - Restaurante italiano em São ...	Mais 50%

Imagem 12: quadro obtido com a ferramenta Google Trends mostra os assuntos relacionados à busca por "Largo do Arouche". Consulta realizada em 21/07/2019

Uma análise mais abrangente dos interesses relacionados ao Largo do Arouche poderia incluir também o Instituto do Câncer e outros atrativos que configuram um tipo de uso mais eventual, como a Virada Cultural, por exemplo. Porém, neste artigo, volto o foco para os patrimônios da comunidade LGBT e dos ocupantes (atuais e potenciais) dos imóveis

residenciais disponíveis na região. Ambos os grupos representam as narrativas mais presentes em meios de comunicação de massa e ambientes digitais. Neste aspecto, contei com o inestimável apoio de Helcio Beclair, líder comunitário e pesquisador do patrimônio imaterial LGBT na região, além de realizar observações ativas em trajetos *in loco*, por assim dizer. Um inventário realizado em um desses trajetos pode ser consultado no Anexo A. O roteiro elaborado por Helcio identifica a fragmentação da região em zonas sociais e identitárias, denominadas como “setores”, e formam uma evidência da complexidade da região. Dos setores identificados no roteiro, destaco a segmentação que opõe duas partes do Largo (abordadas a seguir) e que são um símbolo bastante literal dos conflitos mais evidentes na região.

Baixo Arouche: da confluência das ruas Bento Freitas e do Arouche parte uma linha que divide o Largo em Alto e Baixo Arouche. O segundo é o setor mais marginalizado. Como veremos à frente, esta parte da praça não foi incluída no projeto de requalificação do Largo e, no período desta pesquisa (2019 a 2021), não havia recebido lançamentos imobiliários. Toda a extensão deste setor do Largo até a área sob o Minhocão é ocupada por sem-tetos, personagens que vão aparecer de forma negativa nas narrativas analisadas nesta dissertação. Aqui também estão localizados dois ícones do turismo e da cultura LGBT. O Cine Arouche 24h exibe filmes pornográficos e é frequentado por homens gays e mulheres transexuais. Trabalhadores do sexo também oferecem seus serviços ali. Do outro lado da Avenida Amaral Gurgel, está a sauna Chilli Peppers. O local possui valores para acesso (mínimo de R\$58 em dezembro de 2021) mais altos que outras saunas, cinemas de rua e cabines na região. Pela localização e pelo perfil de público, a sauna não parece conectada com o Baixo Arouche.

Alto Arouche: como vimos, o Baixo Arouche, na descida do largo em direção à Avenida Amaral Gurgel, é uma área marginalizada e estigmatizada. A parte mais plana do Largo do Arouche, entre a avenida São João e a confluência das ruas do Arouche e Bento Freitas, é frequentada por um público mais diverso e elitizado. Ali também estão pontos LGBT+, como a praça em si, frequentada por travestis, gays e lésbicas, notadamente das periferias de São Paulo, e a Sauna Champion. Mas há também a presença de locais frequentados por públicos mais elitizados, como os restaurantes O Gato que Ri, Tasca do Arouche e La Casserole; os hotéis San Raphael e San Michel; e o Mercado de Flores. É no Alto do Arouche também que estão dois empreendimentos imobiliários bastante associados ao Largo: o BK30 e o Boulevard Arouche. A publicidade destes empreendimentos será analisada posteriormente.

Por ora, vale dizer que o Alto do Arouche representa o ideal de requalificação do Largo e os dois empreendimentos imobiliários citados, assim como comércios e serviços presentes no setor, são usados como símbolos de status nas narrativas pró-requalificação que serão abordadas neste estudo.

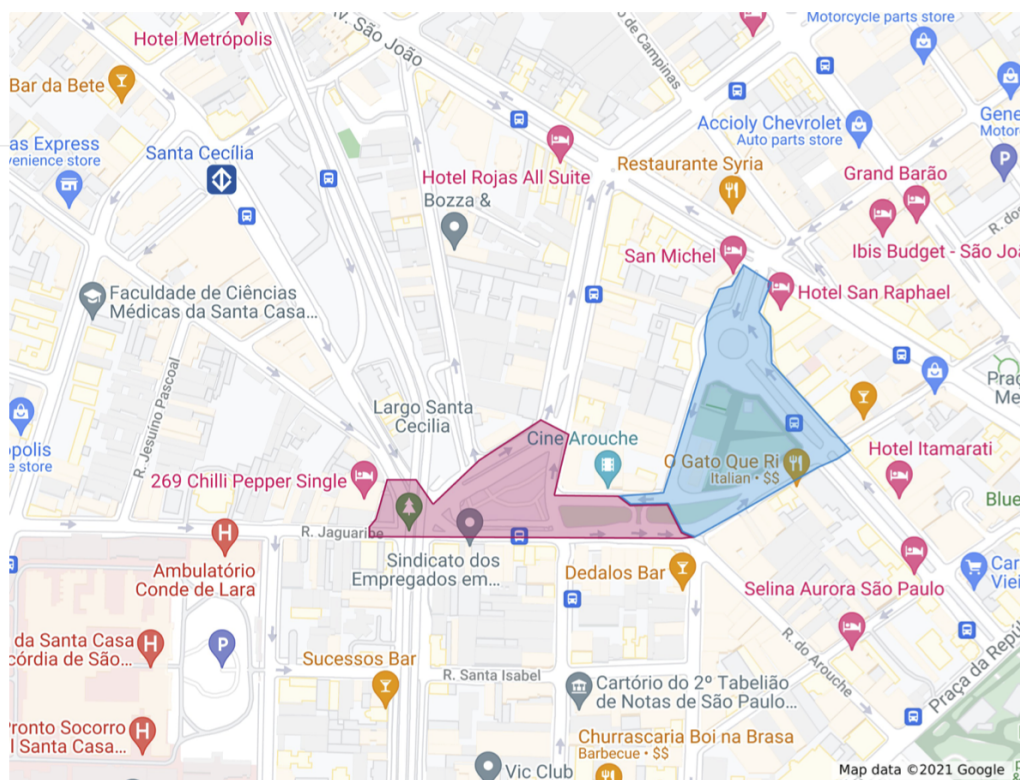


Imagem 13: mapa exibe a divisão do Arouche em dois setores, Alto Arouche (azul) e Baixo Arouche (rosa). A versão online do mapa está disponível em: [google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1i37_Bab0qqC0H9fyN6e3tEsSDAc1LyJJ](https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1i37_Bab0qqC0H9fyN6e3tEsSDAc1LyJJ)

3.1 Sobre a metodologia da pesquisa

O marco teórico desta pesquisa fundamenta a noção de que os territórios "falam", estão repletos de narrativas que, com os demais dados disponíveis, ajudam a entender as questões relacionadas a ele. Porém, para que as narrativas sejam ouvidas e analisadas de forma apropriada, com valor científico, é necessário a adoção de uma metodologia. Para esta dissertação, proponho a construção de um método que, baseado no marco teórico, pode ser replicado em outros territórios análogos ao Arouche (urbanos, centrais, localizados em cidades com IDH, distribuição de renda e outros indicadores próximos ao de São Paulo etc.)

Este método é majoritariamente **qualitativo**, já que seu foco recai em analisar as interações simbólicas entre os grupos sociais e as subjetividades dos indivíduos em relação às narrativas abordadas. Também dialoga com as tradições da **pesquisa de campo**, embora seja aplicado em ambientes virtuais na internet, pois pretende investigar redes de interações associadas ao território objeto de estudo. Importante frisar também que não se trata de uma coleta de narrativas puramente, mas de uma construção ou reconstrução de narrativas, com base em materiais coletados em campo ou na internet, e sua subsequente análise.

Para fazer o recorte do território-objeto a ser analisado, recorreremos ao conceito de mancha, como veremos a seguir. Com a mancha definida, vamos a campo para ouvir as narrativas associadas à região. Primeiro, buscamos delimitar narrativas que estejam em evidência, ou em alta, na região, durante o período do projeto de intervenção que queremos investigar. Os critérios para definir as narrativas em evidência nesta dissertação foram além do número de aparições de determinado termo nos principais veículos em um período definido. A ideia foi associar o território com personagens públicos e lideranças ligadas ao projeto de requalificação do Largo.



Imagem 14: print de pesquisa no Google pelos termos “Dória Arouche” demonstra nos primeiros resultados a relevância da narrativa da obra Petit Paris. Realizada no google.com no dia 07/11/2021.

Feita a seleção, analisa-se as narrativas com a noção trazida por Finnegan (1998) e Politzer (1998): não restringir à escuta do território aos limites de paradigmas pré-estabelecidos e rígidos. Redes semânticas propostas em mapas mentais (ou *schematas*), seguindo referências de Govers (2018) e Esteves (2016), oferecem um caminho para ler as interações simbólicas entre as narrativas, sem encerrá-las em conceitos construídos anteriormente à pesquisa.

Até este ponto, abordamos os conceitos principais relacionados ao problema de pesquisa desta dissertação, que passa por investigar como as narrativas interferem no planejamento e na produção do espaço. Agora, é preciso entender como (re)construir as narrativas associadas a um determinado local. Em outras palavras, como distinguir na cacofonia da cidade os relatos do espaço que se pretende escutar e como delinear narrativas que contemplem esses relatos.

Magnani e Torres (2008) oferecem um caminho. Os autores explicam como a Antropologia passou por reformulações, abandonando a perspectiva primitivista de sua fase inicial: os povos nativos do mundo em desenvolvimento, em grande parte colonizados pelos países destes antropólogos, eram exóticos e haviam estacionado na linha do tempo da evolução humana.

Agora, com o paradigma primitivista colocado em questão, os antropólogos de países colonizadores poderiam buscar novas abordagens e voltar seus olhares para povos muito mais próximos de si, em suas cidades. Este "outro" vizinho passa a se tornar objeto de estudo, mas as técnicas que outrora foram empregadas no estudo de comunidades nativas das colônias poderiam ser empregadas neste novo contexto?

São Paulo, com sua enorme diversidade de povos, culturas e tribos urbanas é terreno fértil para esse tipo de atividade e fornece insumos para Magnani e Torres (2008) responderem a essa pergunta. Primeiro, uma metáfora comparativa: a escala das aldeias, como nos estudos dos primeiros antropólogos, permite que a totalidade do cotidiano local seja apreendida (não necessariamente compreendida) pelos pesquisadores, partindo simplesmente, do seu ponto de vista físico (da porta de sua cabana, o antropólogo observa todo o cotidiano da aldeia). Já a escala da metrópole impede essa apreensão/compreensão simplesmente observando pela janela do apartamento, por exemplo. Por isso, as ferramentas usadas pelos antropólogos do passado precisam ser adaptadas para a antropologia urbana.

Categorias novas podem auxiliar nessa adaptação. Os autores (MAGNANI E TORRES, 2008) colocam duas categorias que podem ser adotadas no lugar de "aldeia" para possibilitar a observação e a análise de grupos urbanos. O termo "pedaço" refere-se a espaços definidos na cidade onde indivíduos que adotam hábitos e traços identitários similares podem se reconhecer. A Galeria Presidente, na Rua 24 de Maio, seria um exemplo de "pedaço" da comunidade negra. "Mancha", por outro lado, engloba dois ou mais estabelecimentos ocupando áreas próximas, formando uma área frequentada por uma diversidade maior de pessoas. As manchas podem ser assimiladas considerando seus sistemas de oposições: o território de dia e o território da noite. Finais de semana e dias úteis. A essas duas categorias, somam-se também "trajetos" e "circuitos", para abordar os movimentos dos indivíduos dentro

e entre os "pedaços" e "manchas".

Magnani e Torres (2008) recomendam que a fragmentação usada para dar escala possível à observação e à análise não rompa os vínculos com a totalidade da cidade, e nem com outras pesquisas relacionadas. Aplicando este conceito na presente pesquisa, de acordo com o trajeto feito com Helcio Beuclair (Anexo A), a mancha que compreende o Largo do Arouche LGBT+ vai além dos limites geográficos da praça. Arouche é uma mancha que engloba também as ruas Bento Freitas, Rêgo Freitas, do Arouche, Vitória, Aurora e a Avenida Vieira de Carvalho.

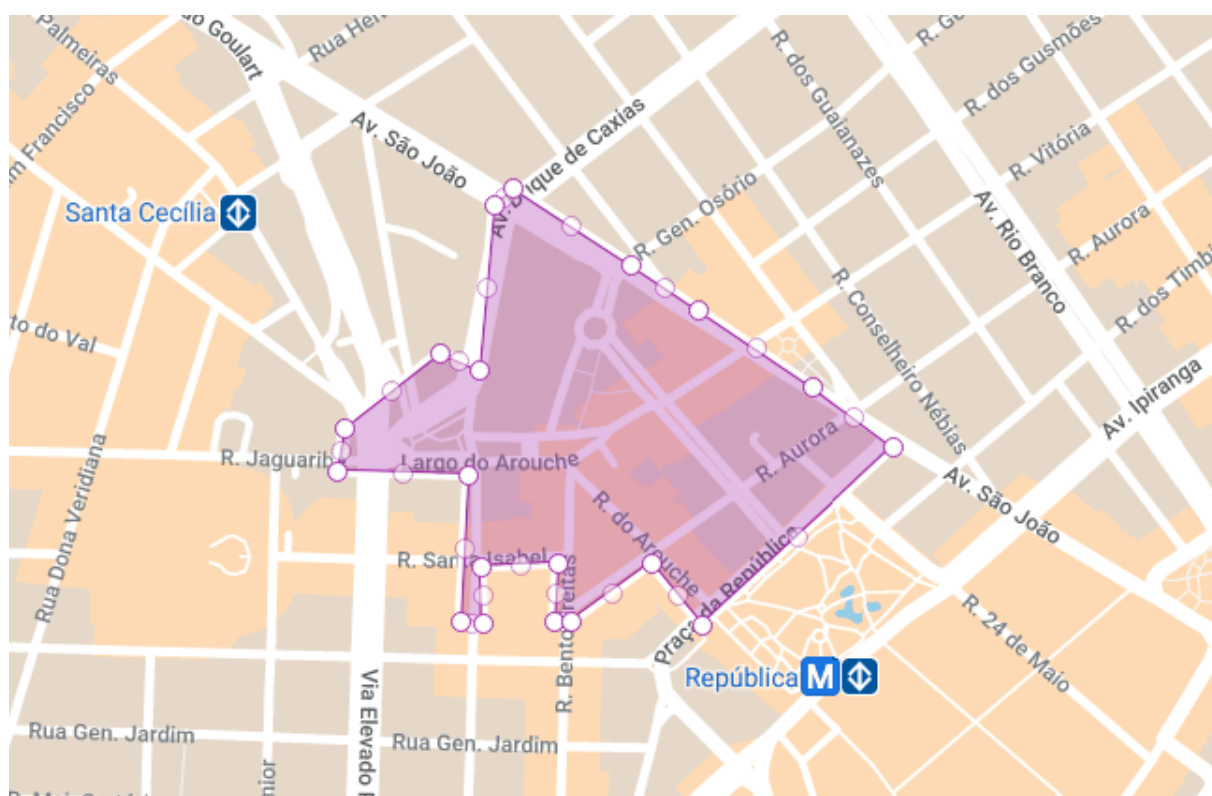


Imagem 15: A mancha do Arouche LGBT (ver também Anexo A) vai além do Mercado de Flores, La Casserole e outros pontos turísticos presentes nos limites geográficos do Largo.

Com essa noção de mancha, é possível superar rígidas definições cartesianas para contemplar uma abordagem mais humanizada dos territórios. Porém, há outras estruturas que podem comprometer a construção e a análise de narrativas: o pensamento metafísico e idealista. Politzer (2008) descreve como a natureza objetiva das coisas e dos fenômenos é usada para justificar a impossibilidade da convivência entre conceitos discordantes. Ou é democracia, ou é ditadura; ou é LGBT ou é conservador. Sociedades contemporâneas, extremamente complexas, são reduzidas para se acomodarem a um pólo ou outro de um espectro.

Essa leitura polarizada do mundo parece bastante presente na pesquisa desta dissertação, a partir de narrativas coletadas nos ambientes online, consulta a jornais e materiais de ativistas e acadêmicos. De um lado, o poder público, associado a moradores de classe média e ao mercado imobiliário, defende uma narrativa de requalificação para o Largo do Arouche, já deixando implícita uma suposta baixa qualidade do local. Como veremos, a requalificação em si é defendida com base em pesquisas superficiais e projetos idealistas. Já o outro campo, constituído de ativistas, acadêmicos e simpatizantes da causa LGBTQ+, defende a ocupação/presença no Largo de pessoas *queers*, sobretudo as periféricas. Há nesse grupo uma postura defensiva, talvez como instinto de proteção e sobrevivência, frente ao projeto de requalificação. Essa postura de denúncia traz visibilidade para questões que os idealizadores do projeto de requalificação não contemplaram, mas também pode estimular uma atitude sectária que compromete a negociação com agentes do poder público e do setor privado.

Assim como a mancha do Arouche não se restringe aos limites geográficos do Largo, também é possível abordar as pessoas que têm relação com o Largo em grupos menos excludentes. Uma análise dialética do conflito pode encontrar inclusive consenso entre os dois grupos, ou identificar nuances, pontos de contato menos contrastantes, entre um pólo e outro.

Dois projetos diferentes de bairro oferecem um pano de fundo no qual é possível contrastar e revelar as interações e as intenções dos diversos públicos que moram, frequentam ou fazem negócios na região.

Esteves (2016) e Govers (2018) apontam como o agendamento e o enquadramento da mídia contribuem para influenciar as narrativas associadas a um território. De 2017 em diante, logo após João Dória, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), ter assumido a Prefeitura de São Paulo, a narrativa da transformação do Arouche em um boulevard francês passou a tomar os meios de comunicação de massa quando se abordava o Largo do Arouche. Ao mesmo tempo, um grupo de ativistas LGBTQ+, o Coletivo Arouchianos, atuava no chão da praça para mobilizar artistas, acadêmicos e políticos progressistas com o intuito de propagar uma contra-narrativa à "revitalização", colocando a ocupação LGBTQ+, sobretudo a periférica, como resistência essencial para a identidade do Largo.

As duas narrativas renderam inúmeras matérias em jornais, blogs, revistas, rádios, TV e outros meios de comunicação. Algumas dessas matérias irão compor o *corpus* abordado nesta pesquisa, junto a materiais coletados em ambientes *online*.

Como apontado anteriormente, no Google Trends, por exemplo, imagens associadas às duas narrativas aparecem entre os termos mais pesquisados no Google em associação com "Largo do Arouche". BK30, novo edifício de apartamentos com forte apelo para locação de curta temporada, e a Chilli Peppers, hotel/sauna com ambientes para práticas sexuais homoeróticas, à primeira vista, reforçam a narrativa da ocupação LGBT+, mas o cenário é mais complexo. Embora o BK30 e a Chilli Peppers representem interesses da Comunidade LGBT+, também são vetores da gentrificação, pois atraem turistas e novos moradores em condições socioeconômicas mais favoráveis do que a comunidade LGBT+ vulnerável que ocupa a praça há décadas. Ou seja, há afinidades comerciais entre os locais BK30 e Chilli Peppers com a narrativa da "requalificação", que podem inclusive sobrepor afinidades identitárias com a narrativa do Arouche LGBT+.

Portanto, para analisar a dinâmica entre as duas macro narrativas, os próximos tópicos são dedicados a explorar cada uma delas. Estas duas faces do Arouche coexistiram antes, durante e após o projeto de requalificação do Largo. Duas formas de contar a história do Arouche e de projetar o seu futuro ilustram a disputa narrativa travada no centro de São Paulo.

3.2 *Petit Paris*: revitalização de um passado imaginado

No final de 2016, pouco antes de assumir a Prefeitura de São Paulo, João Dória passou a anunciar uma parceria com o consulado francês e com empresas francesas para transformar o Largo do Arouche em um *promenade* (passeio, em francês) paulistano. Entusiastas do projeto mencionaram até carruagens puxadas por cavalos brancos (VEJA SÃO PAULO, 2016). A narrativa parece coletar símbolos franceses que existem na região para construir um histórico de glamour, queda e retomada. O restaurante francês La Casserole e o Mercado de Flores são as conexões mais óbvias, mas os casarões dos Campos Elíseos, a *Champs Elyseés* dos cafeeiros paulistanos, e arquitetos com histórico francês que assinam prédios no largo podem entrar nessa rede simbólica (LORES, 2017).

Outras regiões e instituições internacionais também foram procuradas pelo então prefeito

para reformar espaços na cidade (LORES, 2017), mas foi a colaboração com os franceses que mais avançou. Um evento para o lançamento da obra, no dia 24 de Maio de 2019, reuniu o sucessor de Dória, o prefeito Bruno Covas (também do PSDB), e a comunidade francesa no canteiro instalado no largo. Estive presente no evento e ficou nítida a impressão de que a obra não dialoga com a outra face marcante do Arouche, a LGBT+, especialmente os marginalizados. Tive esta percepção por dois motivos: primeiro não havia no evento qualquer representante da comunidade LGBT+. Eram majoritariamente figuras do Estado e das empresas apoiadoras da obra, ou seja, a comunidade francesa interessada.



Imagem 16: Foto do evento de lançamento da obra de requalificação do Largo do Arouche. Fonte: Câmara de Comércio França-Brasil. Disponível em: <https://www.ccfb.com.br/noticias/prefeitura-inicia-projeto-de-requalificacao-do-largo-do-arouche/>. Acesso em: 21/07/2019

Além disso, um painel informativo foi instalado nos tapumes da obra para mostrar como ficaria o Largo do Arouche pós-reforma. Neste painel, a "Situação Proposta" mostra pessoas brancas, com roupas heteronormativas e estética eurocêntrica. A "Situação Atual" ilustrada por uma fotografia real do largo é mais aderente à realidade da região, com figuras

conhecidas, além de homens gays e não-brancos.



Imagem 17: Foto de painel informativo instalado nos tapumes da obra do Largo do Arouche. Fonte: Prefeitura de São Paulo. Disponível em: http://www.capital.sp.gov.br/fotos-para-noticias/fotos-galeria/2019-05/20190524_requalificacao-do-largo-do-arouche-mp/20190524_requalificalargoarouche-mp-1036.jpg/view. Acesso em: 21/07/2019

Por ocasião do evento, diversas notícias circularam para divulgar a obra, e os discursos mostram que a qualificação do projeto com características francesas passou de Dória para Bruno Covas (PAULO, 2019). Toda a concepção do projeto foi realizada em apenas dois meses (LORES, 2017). Para legitimar minimamente as ações planejadas, foi realizada uma pesquisa pelo comitê da obra, na figura do Instituto Cidade em Movimento, IVM na sigla em francês (INSTITUT POUR LA VILLE EN MOUVEMENT, 2017). "Uma pequena amostra" de entrevistas, como menciona a própria apresentação da pesquisa, sem incluir os vibrantes finais de semana.

Antes ainda de chegar às pranchetas, o projeto já enfrentava pressão do capital e do jogo político. A proposta foi demandada para a comunidade francesa pelo executivo da prefeitura, sob comando do então prefeito João Dória, sem o interesse genuíno de realizar um processo participativo mais cuidadoso, como reconhece o próprio escritório contratado pelo projeto, o Triptyque, na figura de seu sócio-fundador, o arquiteto francês Greg Bousquet, em apresentação presencial da qual fiz parte.

A reunião foi realizada em junho de 2019 no escritório da Triptyque, no bairro da Consolação. Estive na reunião a convite do Coletivo Arouchianos, do qual fazia parte à época. O intuito da reunião era que o Triptyque apresentasse o projeto para o coletivo e ouvisse as preocupações do grupo quanto a questões LGBT. Durante a reunião, Bousquet afirmou que o projeto que foi publicado (Triptyque, 2018) é o melhor que eles puderam fazer, considerando a negociação com a prefeitura, e passa longe das demandas iniciais por uma *belle époque* que teriam vindo de Dória.

Importante notar que, mesmo sob pressão, o escritório teve agência para liderar os caminhos do projeto. Ainda assim, a concepção visual da proposta, sob responsabilidade do Triptyque, reforça a narrativa eurocêntrica e exclui a comunidade LGBT+. Brechas como esta poderiam ser ter sido aproveitadas pelo Triptyque para criar uma contranarrativa mais inclusiva e aderente à realidade do território.



Largo do Arouche est une place dans le Centre de São Paulo iconique pour les habitants du quartier, pour la communauté LGBT, pour les agents sociaux qui y travaillent mais aussi pour son marché aux fleurs et ses kiosques à journaux. À travers une collaboration public privé Triptyque Architecture est en charge de sa requalification urbaine. Triptyque a voulu à la fois préserver l'identité et l'histoire du lieu tout en y installant des éléments contemporains.

Imagem 18: Colagem com imagens do Projeto de Requalificação do Largo do Arouche, assinado pelo escritório Triptyque. A comunidade LGBT+ é mencionada no texto, mas as imagens reforçam uma estética branca e heteronormativa. Disponível em: <https://triptyque.com/fr/project/largo-do-arouche-2/>. Acesso em: 04/03/2021.

Como a narrativa de um bairro glamourizado e afrancesado serve aos interesses dos seus principais defensores, os quais são os governos do PSDB (Doria e Covas são do mesmo

partido), do mercado imobiliário e comerciantes da região? Embora esta dissertação não se proponha a oferecer tal resposta, é inevitável o surgimento de questionamentos como este. Como visto no marco teórico, o mercado imobiliário é um instrumento do capitalismo em busca de opções rentáveis para reinvestir o capital excedente. Assim, apoiar obras de requalificação urbana interessa se oferece perspectivas de maximizar lucros, como qualquer empreendimento que segue a lógica capitalista. A mesma lógica vale para os comerciantes, que buscam aumentar suas vendas e outras possibilidades de negócios ao atrair para região um público mais abastado. E quanto aos interesses do PSDB, a narrativa está em sintonia com a agenda econômica liberal e pró-mercado que o partido costuma defender, fiel, portanto, aos seus eleitores e parceiros.

Os mecanismos da narrativa demonstram esses interesses. A imagem da Petit Paris em si exclui a população que frequenta o Arouche massivamente, mas é indesejada por moradores e turistas. A pesquisa do IVM (2017) mostra que moradores e frequentadores do Arouche consideram que pessoas LGBTs estão entre os elementos de que menos gostam na região. Ainda nesta dissertação, veremos também como relatos coletados em plataformas online associam degradação com moradores de rua, prostituição e usuários de drogas.



Gráfico 2: Resultado da pesquisa realizada pelo IVM com usuários e trabalhadores do Largo do Arouche sobre o que menos gostam no local. “Público LGBT” e “Cine Arouche”, local frequentado por gays e transexuais, aparecem entre os mais citados. Disponível em: https://cidadeemovimento.org/wp-content/uploads/2017/11/170312_RELATORIO_FINAL

AROUCHE.pdf. Acesso em: 04/03/2021.

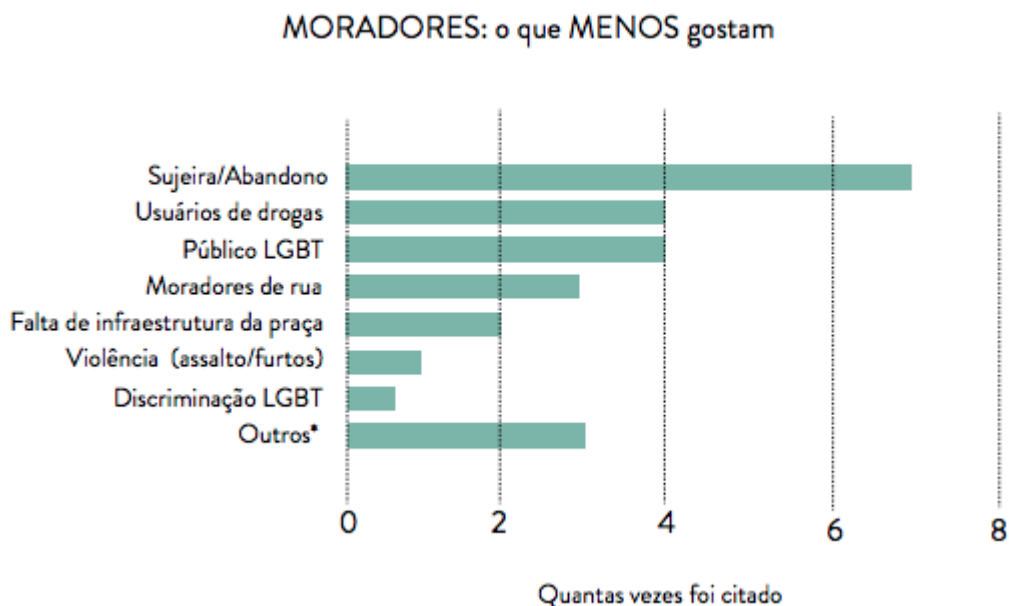


Gráfico 3: Resultado da pesquisa realizada pelo IVM com moradores no Largo sobre o que menos gostam no local. “Público LGBT” é mais citado do que “Discriminação LGBT”.

Disponível

em:

https://cidadeemovimento.org/wp-content/uploads/2017/11/170312_RELATORIO_FINAL_AROUCHE.pdf. Acesso em: 04/03/2021.

Requalificar. Qualificar de novo. Voltar a ter qualidade. Voltar a um passado mais qualificado. A memória é essencial nos jogos de poder. Manipular a história e a memória coletiva é muito útil para determinados interesses, como projetos de intervenção urbana ou empreendimentos imobiliários. Lowenthal (1998) nos mostra também que essa manipulação só é possível pois há uma desconexão entre o passado que ocorre de fato, a memória que o registra e a história que é narrada ou documentada. Entender a equação **passado ocorre > memória registra > história conta/documenta** é fundamental para se analisar as narrativas associadas à obra de requalificação do Largo do Arouche.

O relatório do IVM (2017) aponta que **100%** dos entrevistados que frequentam o Largo há mais de trinta anos acreditam que a região piorou com o tempo. Entre os que frequentam há 20 anos o índice continua alto, em 60%. Então, a obra que promete entregar um *boulevard* ou *promenade* francês, e transformar a região numa *Petit Paris*, conquista o apoio de moradores

mais antigos, oferecendo uma esperança de retorno a um passado áureo, ainda que ele nunca tenha ocorrido.

**“ANTES EU VINHA TRAZER MEU SOBRINHO PARA JOGAR BOLA AQUI NOS
FINAIS DE SEMANA, TINHA MUITA CRIANÇA... HOJE JÁ É MUITO DIFERENTE,
NÃO TEM MAIS COMO TRAZER CRIANÇA”**
(William, 31 anos, morador do centro, trabalhador do Largo)

**“ANTES TINHA BARRACA DE FLOR DOS DOIS LADOS, ERA A PRAÇA DAS
FLORES”**
“AS FAMÍLIAS FREQUENTAVAM A PRAÇA NO FIM DA TARDE”
(Marquinho Alexandre, 82 anos, Mercado das Flores)

Imagem 19: Depoimentos coletados pelo IVM no levantamento de usuários do Largo do Arouche demonstram saudosismo pelo passado da praça. Disponível em: https://cidadeemmovimento.org/wp-content/uploads/2017/11/170312_RELATORIO_FINAL_AROUCHE.pdf. Acesso em: 04/03/2021.

Além disso, aqueles que podem consumir o semi-luxo de lançamentos imobiliários na região e de bares e restaurantes badalados no bairro, como o Le Casserole e Gato que Ri, sentem-se mais confortáveis, pois a "requalificação" exclui a comunidade indesejada de moradores de rua, usuários de drogas e público LGBT marginalizado.



Gomides M wrote a review Jan 2016
Guarulhos, SP • 728 contributions • 473 helpful votes



Já foi a época

Google Translation

Nos dias de hoje não temos quase nada no Largo do Arouche. É um lugar bonito, porem sem atividades, o tempo fez ficar assim.

[Read less](#) ▲

Date of experience: December 2015

Trip type: Traveled solo

This review is the subjective opinion of a TripAdvisor member and not of TripAdvisor LLC.

Imagem 20: usuário do site Tripadvisor dá nota 2 (de 5) para o Largo do Arouche. Observe seus comentários saudosistas e excludentes (não tem "quase nada" no Largo) e a Torre Eiffel

na foto de perfil.

Tudo estaria perfeito para a *Petit Paris* ser implantada se essa mesma comunidade de LGBT marginalizados não tivesse o apoio de acadêmicos e ativistas, que oferecem uma resistência importante à obra e propõem um processo mais participativo e inclusivo para a reforma do Largo.

3.3 Largo da diversidade: patrimônio imaterial LGBT+

Contrapondo e algumas vezes complementando a narrativa *Petit Paris*, existe o imaginário associado à região do Arouche como um espaço de expressão das diversidades sexuais. Mas para se entender a questão da diversidade, logo de partida é importante entender o termo LGBT, que encerra em si um histórico de disputa e inclusão. A sigla começou a ser usada nos anos 1990 como um reforço narrativo para unir a diversidade sexual e de gênero em um mesmo grupo. O objetivo era fortalecer a causa da diversidade ao angariar para o mesmo campo atores que antes estavam dispersos, embora interessados em objetivos comuns de respeito, inclusão e garantia de direitos. A sigla segue amplamente utilizada no mundo todo, carregando consigo as diferenças e conflitos entre os grupos que representa (ALEXANDER e YESCAVAGE, 2003).

A causa dessa dinâmica unificação/diferenciação está na própria diversidade. As pessoas podem ser lidas ou se expressarem de acordo com a **identidade de gênero** (cis, quando é a mesma que o sexo biológico, ou trans, quando não), **orientação sexual** (como gay, lésbica, bissexual), **sexo biológico** (homem ou mulher) e **papel de gênero** (refere-se à expressão ou comportamento).

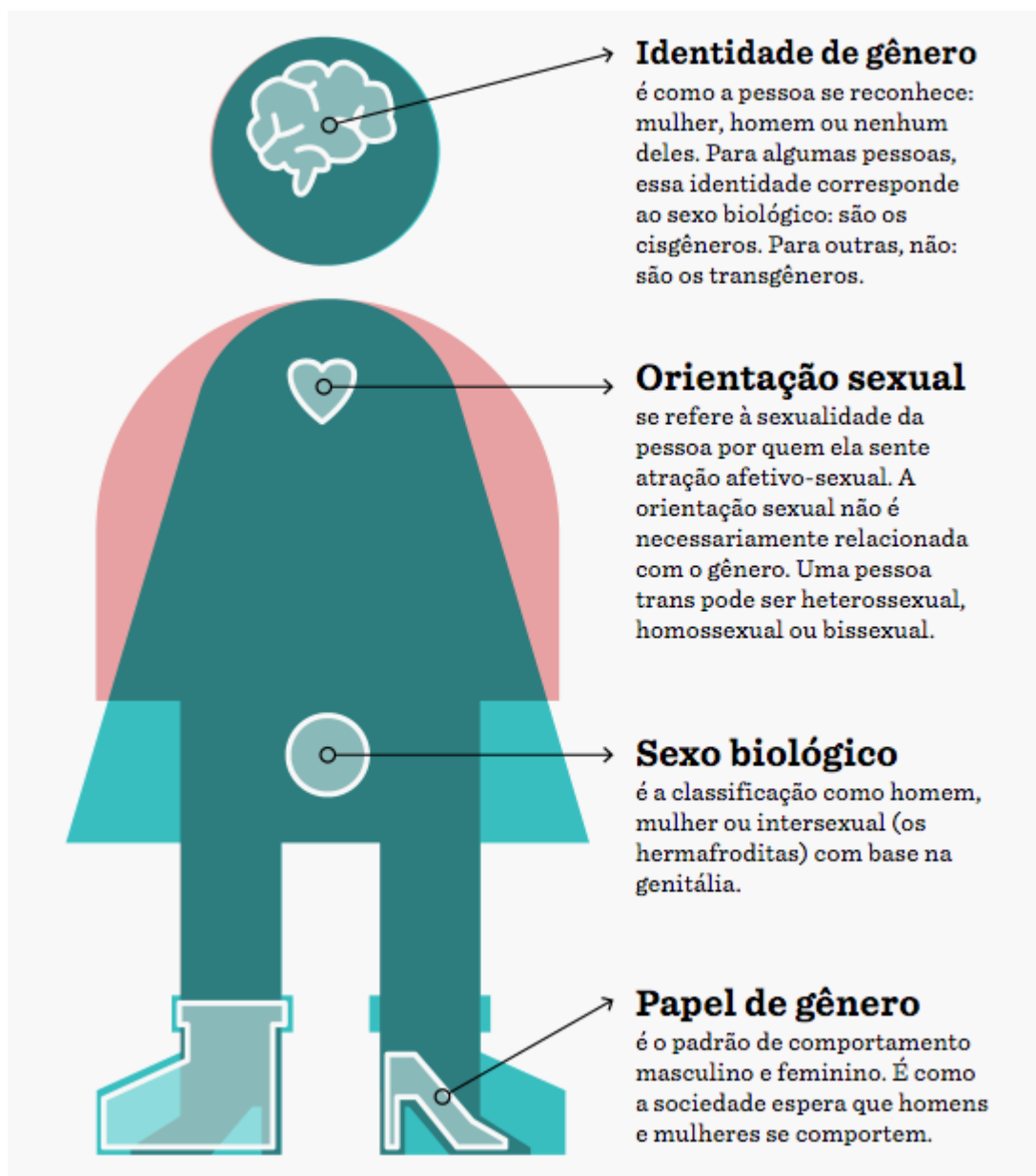


Imagem 21. Glossário dos gêneros numa única ilustração. Fonte: Nexo Jornal. Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2016/03/04/O-gloss%C3%A1rio-dos-g%C3%AAneros-numa-%C3%BAnica-ilustra%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 31 de Julho de 2019.

Portanto, o acrônimo LGBT busca representar pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero. A sigla tem variações para incluir outras identidades. O Coletivo Arouchianos, que será abordado aqui neste capítulo, utiliza a sigla LGBTQIAPD+ para representar:

- L - Lésbicas (homossexuais femininas)
- G - Gays (homossexuais masculinos)

- B - Bissexuais
- T - Transgênero
- Q - Queer (expressão de gênero não normativa)
- I - Intersexo
- A - Assexual
- P - Pansexual (atração sexual independente de sexo ou identidade de gênero)
- D - Demissexual (sexualidade dependente de vínculos emocionais)

O símbolo “+” é frequentemente utilizado para incluir outros grupos que não se sintam representados apropriadamente pelas letras anteriores.

Além de toda essa complexidade, e assim como ocorre com todos os demais grupos sociais, pessoas LGBTQ+ também são atravessadas pelo racismo, sexismo, homofobia, classismo, xenofobia e gordofobia, para citar algumas formas de opressão e exclusão social. Portanto, unificar pessoas tão distintas (como um homem cis, branco, gay e de classe média, e uma mulher transsexual, heterossexual, negra e sem-teto) exige uma série de conformações e padronizações que, muitas vezes, invisibiliza conflitos e violências, sobretudo simbólicos. Em suas falas políticas durante os atos-eventos do Coletivo Arouchianos, e mesmo em entrevistas para veículos de comunicação (CANDIDO, 2019), Helcio Beuclair, líder do coletivo, deixa claro que há uma distinção clara entre pessoas LGBTQs elitizadas e marginalizadas, entre as brancas do centro e as negras periféricas. Em última instância, essa segregação pode ser analisada como a separação dos que consomem daqueles que não consomem.

“É sintomático que, ao menos em São Paulo, onde há mais fontes disponíveis, a ação do Estado tenha se abatido sobre uma região frequentada pelo público homossexual pertencente aos extratos mais carentes da população. As rondas de Richetti [delegado da polícia à época], por exemplo, funcionaram como um vetor de gentrificação e adotaram um flagrante recorte de classe, atingindo as ‘bichas’ pobres que ficaram de fora da ilusão do crescimento econômico do período do chamado ‘Milagre’. Assim, ao atender o reclamo de uma classe média decadente nas regiões do Arouche e da Vieira de Carvalho, a polícia parecia tentar dar uma resposta moral para a crise econômica vivida

por estes grupos que não queriam conviver, no mesmo espaço, com as ‘minorias’ estigmatizadas”..

Extraído de “Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)”, tese de doutorado de Renan Quinalha. USP, 2017. pp 317-318.

Relevando o anacronismo da sigla, que só passou a ser adotada nos anos 1990, a bibliografia que descreve a presença de pessoas LGBT+ no Arouche é ampla. Só neste trabalho, inclui desde um texto dos anos 60, resgatado por James Green (2005), passando pela extensa descrição do “negócio do michê” nos anos 80 (PERLONGHER, 2008) a teses de mestrado e doutorado mais recentes (PUCCINELLI, 2017; OCANHA, 2014; QUINALHA, 2017). Embora, no início, essa ocupação tenha se dado principalmente por homens gays, em alguma medida elitizados, alguns fatos e características colocam a região como uma das mais diversas quando se fala em público LGBT+.

Nos anos 80, com a migração das classes mais abastadas do centro de São Paulo para bairros mais a oeste, como os Jardins e Pinheiros, os grupos LGBTs mais elitizados acompanham o movimento e "fundam" na região da Avenida Paulista, Rua Augusta e Rua Frei Caneca um novo território LGBT. Grupos menos favorecidos permanecem ou migram para o centro que, esvaziado e degradado, é financeiramente mais acessível. Neste contexto, o território LGBT Arouche/República passa a concentrar grupos mais marginalizados (como negros, migrantes, lésbicas e idosos), do que seu equivalente Paulista/Augusta/Jardins.

O Largo do Arouche situa-se entre a “Boca do Lixo”, setor da Santa Efigênia que era ocupado por prostitutas e produtoras de filmes de baixo orçamento, e a “Boca do Luxo”, guetos de ocupação e prostituição LGBT+. Quinalha (2017) e Ocanha (2014) recontam que entre o final dos anos 1970 e meados dos anos 1980, eram realizadas ações policiais bastante violentas para tentar reprimir ou até anular a presença de gays e transexuais na região do centro. A Operação Limpeza e a Operação Tarântula, por exemplo, contavam com o apoio de comerciantes locais, da imprensa e parte da sociedade.

A partir dos anos 2000, uma mudança de cultura observada no mundo todo chega a São Paulo: uma população jovem começa a se interessar pelas áreas urbanas centrais, devido à proximidade com equipamentos culturais e ofertas de emprego, à ampla rede de transporte e

ao sentimento de urbanidade cosmopolita. O movimento é acompanhado e estimulado pelo mercado imobiliário e o Arouche começa a sofrer as pressões da gentrificação. Um grupo mais elitizado começa a voltar para a região atraído por lançamentos imobiliários e por operações urbanas que prometem "revitalizar" os bairros. E assim estabelecem-se disputas territoriais pelo direito à cidade.



Imagem 22: ato evento do Coletivo Arouchianos, em 2019, interage com frequentadores do Largo do Arouche. Fonte: Acervo.

Dentro dos grupos LGBTs, é preciso observar que as pessoas elitizadas, incluindo as que voltam a ocupar ou que já estão no Largo há anos, podem defender políticas higienistas que atacam LGBTs marginalizadas. É no contexto deste conflito que surge o coletivo Arouchianos, co-fundado por Helcio Beuclair, mencionado nesta pesquisa.

“[...] entendemos a importância da união e o debate que precisa existir dentro da comunidade LGBTHQIAPD+. Mas este entendimento não deve ser utilizado como argumento para acobertar as importantes e potentes lutas de classe, racial, feminista (nada hard) e outras dentro do movimento pois, entendemos por conhecermos a história do movimento e por sentirmos na pele, o quanto os homens cisgêneros, brancos, de classe média/alta, academicistas, elitistas e homossexuais trabalharam e trabalham para invisibilizar e até achincalhar, violentar e deslegitimar às diversas

pautas e segmentos da comunidade, principalmente as pautas pretas e de mulheres (cis, travestis e transexuais)”.

Manifesto do Coletivo Arouchianos, retirado de sua página no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/Arouchianos/posts/2064049130420306>. Acesso em: 14/01/2022.

Como morador da região, já presenciei vizinhos LGBTs protestando contra a presença de outras LGBTs periféricas, negras e em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Conversei com alguns frequentadores e moradores e a impressão que fica é aquela que o relatório do IVM apresenta, talvez de forma mais velada: os LGBTs marginalizados são vinculados ao barulho, uso de drogas, abuso de álcool e sujeira na praça. Diante deste conflito, ficam mais evidentes as motivações para o surgimento, dentro do ativismo LGBT+, de uma contra-narrativa ao projeto de requalificação Petit Paris. Na narrativa LGBT+, a obra de requalificação do Largo representa interesses elitistas, brancos e heteronormativos e não oferece um devido lugar de destaque à ocupação histórica LGBT+ do Largo.

Há 20 anos, o Estado de São Paulo, sob governo do PSDB, foi pioneiro ao promulgar a lei 10.948, que criminaliza a homofobia. A existência de órgãos e projetos governamentais pró-LGBTs com a lei e o Centro de Cidadania LGBT da Prefeitura de SP pode trazer algum alento para os conflitos descritos neste capítulo. Mas além das questões de acesso à cidadania e segurança, a disputa entre as classes sociais para ocupar os territórios também precisa ser considerada. A desigualdade socioeconômica invisibiliza as aspirações do grupo LGBT mais marginalizado que, no processo de gentrificação em curso, corre o risco de ter suas condições ainda mais precarizadas.

3.4 Narrativas em ambientes online

As narrativas feitas por usuários em ambientes online selecionados complementam esta pesquisa como contraponto aos discursos institucionalizados, ou seja, aqueles que aparecem em jornais e projetos de intervenção urbana, como os já abordados neste documento. As plataformas escolhidas levaram em consideração a proximidade com o território (são ambientes que têm os territórios como razão de existir) e a abertura (são ambientes públicos,

qualquer pessoa na internet pode acessá-los sem ter que pagar taxas ou seguir processos burocráticos). Os ambientes escolhidos foram:

Google Maps (maps.google.com): Plataforma da Google que concentra mapas do mundo todo com diversas informações agregadas. Uma dessas informações é a avaliação feita por usuários de locais registrados na plataforma.

Tripadvisor ([tripadvisor.com](https://www.tripadvisor.com)): Plataforma que lista atrações turísticas ao redor do mundo. O site faz comentários próprios das principais atrações e abre a possibilidade de usuários registrados realizarem suas próprias avaliações de qualquer local listado na plataforma.

Em ambas as plataformas, são as avaliações dos usuários feitas sobre o local "Largo do Arouche" que serão coletadas para este artigo. Com estes critérios estabelecidos, na próxima etapa busca-se encontrar as palavras e imagens mais enfatizadas, que aparecem com mais frequência, nos relatos analisados. O objetivo é desenhar um *schemata*, conforme descrito no marco teórico, que revele os padrões que cada narrativa associa ao território.

Palavras-chave coletadas no Google Maps

- Link acessado para a coleta das avaliações:
<https://goo.gl/maps/Sh1e4Yn9TDEvSEp16>
- Data do acesso: 30/10/2020
- Quantidade de avaliações: 6.855

A própria plataforma agrupa as palavras chave mais relevantes, como descrito no quadro a seguir:

Palavras-chave	Número de vezes em que aparecem
bares	162
LGBT	89
moradores de rua	81
baladas	37
gosto	27
assalto	20
travesti	16
floricultura	15
tribos	14
saunas	7

Quadro 3: palavras-chave coletadas das avaliações feitas sobre o Arouche no Google Maps.

A palavra "gosto" refere-se tanto ao verbo gostar quanto ao substantivo gosto, por exemplo, da expressão "para todos os gostos".

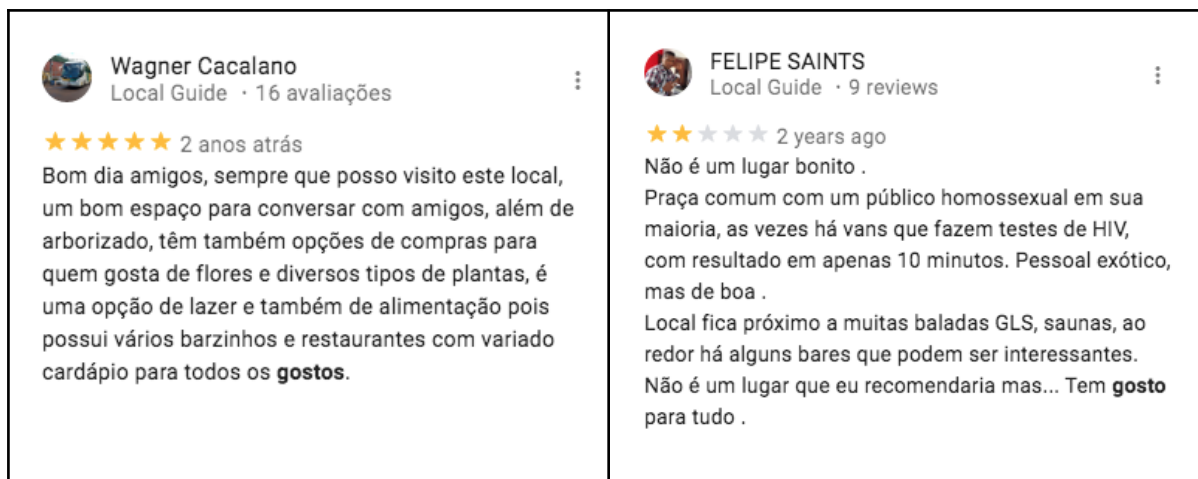


Imagem 23: recortes obtidos na página do Largo do Arouche no Google Maps. Disponível em: <https://goo.gl/maps/Pd9HhFfZkmbGmGZs7>. Acesso em: 30/10/2020.

Interessante observar também como travestis, aqui, tem uma conotação ambivalente - ora positiva, ora negativa.

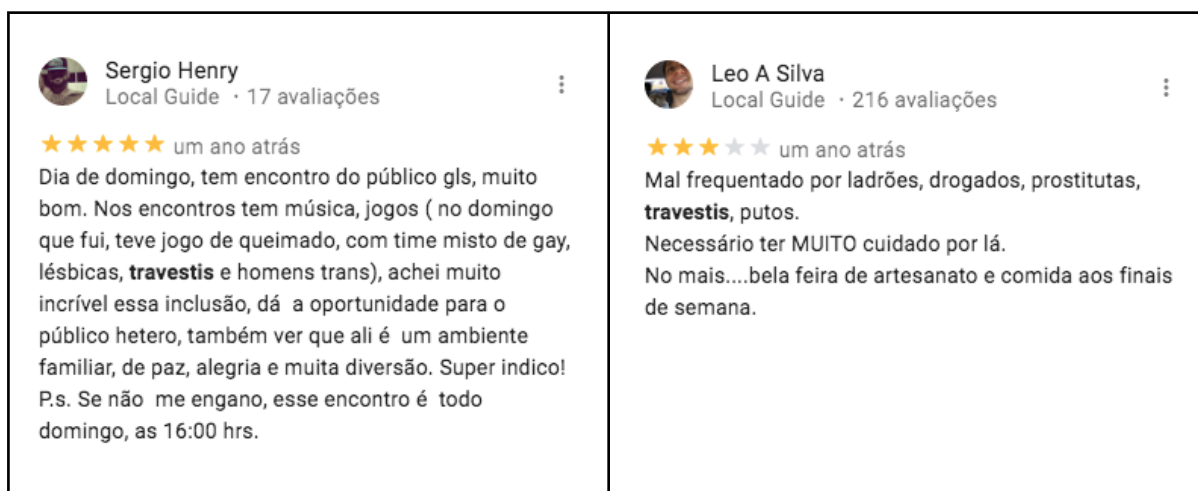


Imagem 24: recortes obtidos na página do Largo do Arouche no Google Maps. Disponível em: <https://goo.gl/maps/Pd9HhFfZkmbGmGZs7>. Acesso em: 30/10/2020.

Observando as palavras chaves e as narrativas relacionadas, podemos considerar que, pelo menos no Google Maps, o Largo do Arouche é percebido como um território boêmio, diverso e LGBT+, com problemas de segurança e frequentado por moradores de rua. O Mercado das Flores (floricultura), um dos pontos mais turísticos no local, aparece quase que isolado, sem ter muito vínculo com as outras palavras-chave, mas reforçando a diversidade de usos e públicos do local.

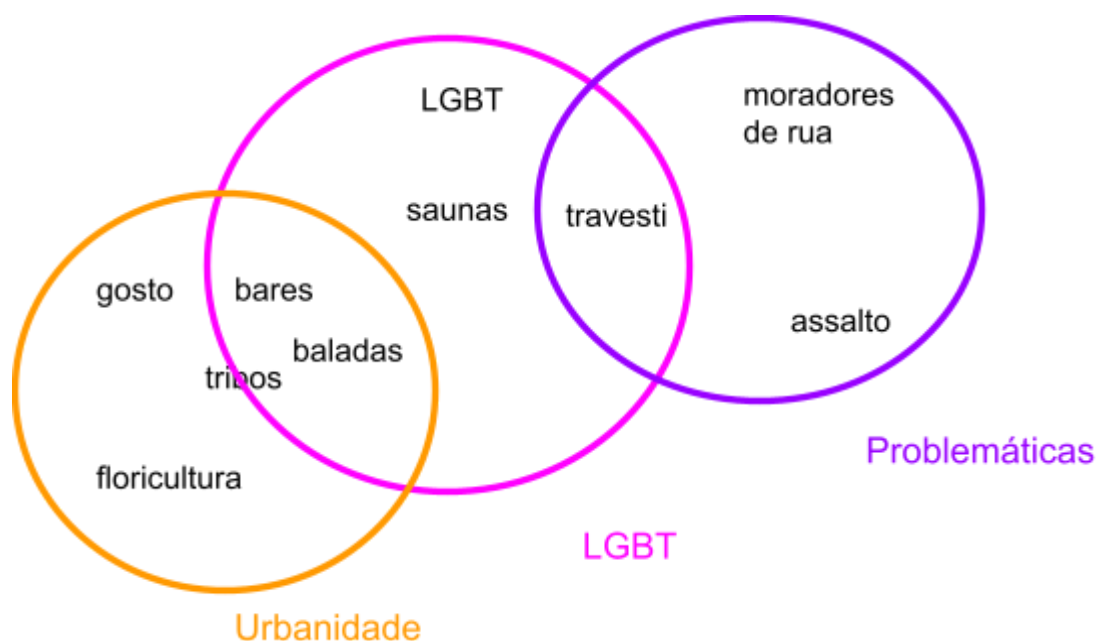


Diagrama 2: *schemata* (ou mapa mental) que distribui por aproximação as palavras-chave coletadas nas avaliações do Largo do Arouche no Google Maps.

Fonte: Silva, 2022.

Palavras-chave coletadas no Tripadvisor

- Link acessado para a coleta das avaliações: https://www.tripadvisor.com/Attraction_Review-g303631-d6839730-Reviews-Largo_do_Arouche-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html
- Data do acesso: 31/10/2020
- Quantidade de avaliações: 123

Também foram coletadas as dez palavras mais frequentes nos relatos com algumas diferenças em relação ao Google Maps: a) a plataforma não oferece agrupamento automático, então precisamos fazer o download da base de dados e agrupar manualmente os termos relevantes. Por exemplo, excluimos termos como "que", "local" e "praça" e agrupamos termos como "GLS" e "LGBT". "Mercado de Flores", floricultura, loja de flores foram agrupados como "Floricultura". A base de dados bruta está disponível no Anexo B.

Palavras-chave	Número de vezes em que aparecem
restaurantes	57
noite	53
centro	49
bares	39
perigoso	27
floricultura	26
LGBT (inclui GLS)	24
passeio	19
antigo	11
tranquilo	10

Quadro 4: dez palavras-chave selecionadas, coletadas das avaliações feitas sobre o Largo do Arouche no Tripadvisor.

As palavras-chave coletadas no TripAdvisor demonstram a vocação mais turística da plataforma. A dimensão boêmia do Arouche também está presente aqui, com os termos "noite" e "bares". Esse último, que também está no Google Maps, aparece desta vez com “restaurantes”, “cafés” e “passeio”. A floricultura entra no conjunto de forma mais harmônica. E também, mais uma vez, há o reconhecimento da presença LGBT na região. Embora "perigoso" tenha mais peso, vale notar que "tranquilo" também aparece entre os termos mais frequentes desta vez.

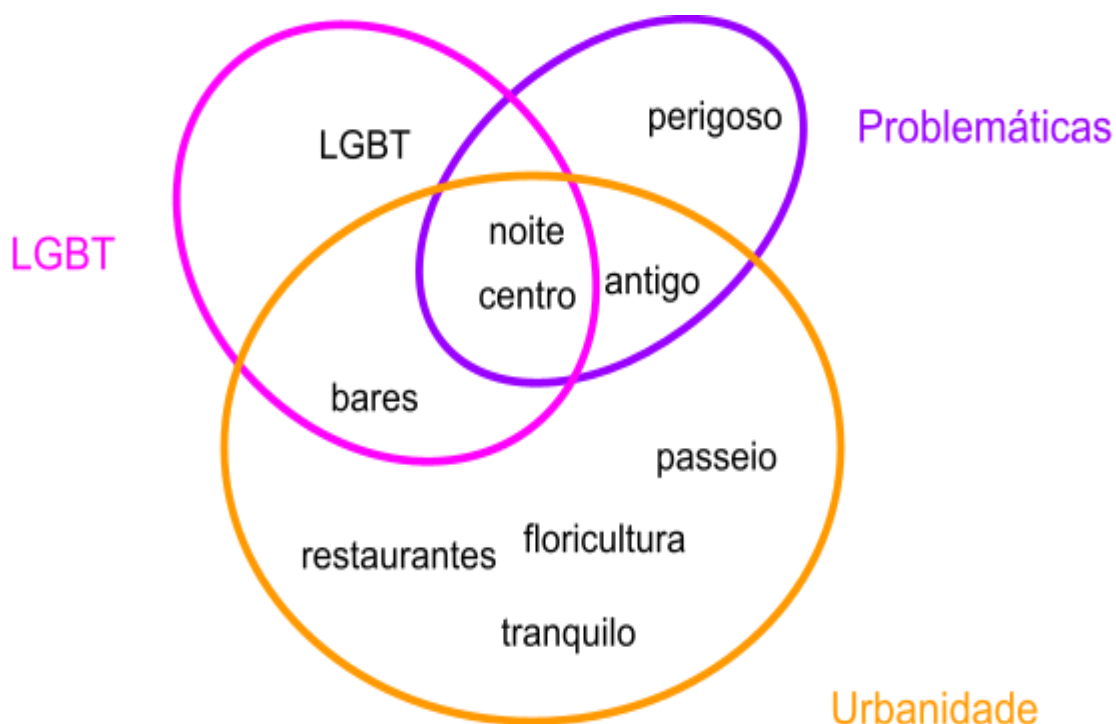


Diagrama 3: *schemata* (ou mapa mental) que distribui por aproximação as palavras-chave coletadas nas avaliações do Largo do Arouche no TripAdvisor.

Fonte: Silva, 2022.

Organizando as dez palavras-chave mais frequentes no diagrama, fica mais nítida a impressão de que, para os usuários do TripAdvisor à época, as questões ligadas à urbanidade do Largo do Arouche são as que mais chamam a atenção. Pode-se dizer que as palavras-chave passeio, floricultura, restaurantes e tranquilo estão contempladas nos critérios do que seria uma urbanidade desejável presentes nos textos de Lévy (1999) e Canova (2019) e abordados no marco teórico. As quatro palavras compreendem conceitos da cidade em escala humana. A coerência entre as palavras é tamanha que é possível, quase que por inércia, construir uma frase que as uniria, revelando o clima da urbanidade que os usuários da plataforma turística do TripAdvisor percebem por ali:

“Em um passeio tranquilo, visitei a floricultura e conheci restaurantes”.

Mas nem tudo são, literalmente, flores - as problemáticas também aparecem aqui, desta vez com a face do Arouche noturna e perigosa do centro. Interessante notar que essa face agrega menos palavras-chave, indício de que os usuários do TripAdvisor são realmente turistas

generalistas, a maior parte não se refere abertamente à face boêmia, noturna e LGBT do Largo.

Com base nas avaliações das duas plataformas, constrói-se o seguinte mapa mental:

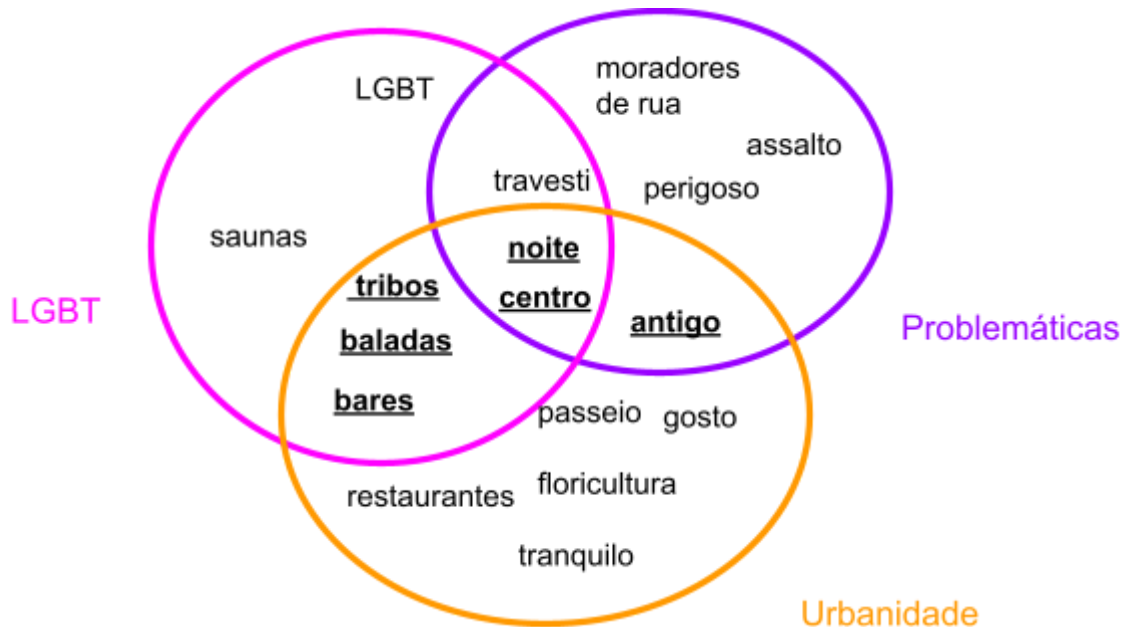


Diagrama 4: *schemata* (ou mapa mental) que distribui e combina por aproximação semântica as palavras-chave coletadas nas avaliações sobre o Largo do Arouche no Tripadvisor e no Google Maps.

Fonte: Silva, 2022.

Centro e *noite* entram no grupo de palavras "problemáticas" devido ao vínculo entre falta de segurança e a região no período noturno. Outra questão associada ao centro é uma deterioração sofrida com o passar dos anos: o termo "antigo" e outros termos correlatos (como antigamente) aparecem onze vezes no levantamento; "degradado(a)" aparece oito vezes.

De forma trivalente, **centro** integra grupos de qualidades até opostas, confirmando sua abrangência em representar ou significar diferentes públicos e temas. Esta seria, portanto, uma imagem com alto poder de alcance e engajamento para narrativas associadas ao Arouche. Outras palavras integram dois conjuntos e merecem também uma consideração especial em comunicações sobre o Arouche: *tribos*, *baladas* e *bares*, unindo os campos da

urbanidade e LGBT; e **antigo**, por ser um termo que consegue incluir problemáticas na pauta ao mesmo tempo em que contempla os interessados exclusivamente nos valores positivos da urbanidade.

Os demais termos parecem ter apelos restritos e podem gerar efeitos colaterais indesejáveis. "Noite" e "travesti" podem integrar narrativas LGBTs com tom positivo, mas são frequentemente associados a problemáticas de abordagem complexa. Como vimos na análise do projeto *Petit Paris*, a pesquisa com quem mora e frequenta o Arouche aponta LGBT como um dos fatores indesejáveis na região. Obviamente não é possível, nem desejável, ignorar a dimensão LGBT do Largo em projetos de comunicação sobre a região. Na lógica de Finnegan (1998), verificada nesta pesquisa, ativistas e acadêmicos já estariam propensos a se posicionar em favor das narrativas LGBTs, já que eles se posicionam como contraponto ao que narra o mercado imobiliário e os governos liberais do PSDB, líderes da obra de intervenção no Arouche.

Resta, então, saber como abordar essa temática fora dos meios acadêmicos e ativistas, para aproximar moradores e frequentadores de maneira mais ampla desta dimensão extremamente relevante para o Largo. Uma possibilidade é associar LGBT a “tribos” e “urbanidade”. Canova (2019) revisou textos de Jane Jacobs e Mark Girouard e demonstrou que a diversidade social é atributo fundamental para uma urbanidade positiva. “Noite” e “travesti”, porém, não parecem ser o maior desafio em narrativas sobre o Arouche. Os termos, que só aparecem em um dos campos da *schemata*, podem apresentar dificuldades ainda maiores para engajar um público mais amplo. Assim, recorrer exclusivamente a figuras urbanas genéricas e positivas (passeio, floricultura, tranquilo) pode ser interpretado como um recorte turístico irrealista do local. Sauna e LGBT virão carregadas de estigmas excludentes, exemplo clássico da polaridade que Politzer (1998) buscou superar com a dialética. Moradores de rua, assalto e perigoso é uma visão carregada do território que se vê em comunicações apelativas, mas sem profundidade, como nos noticiários policiais.

Nas considerações finais da pesquisa serão retomadas as recomendações para agentes sociais que queiram construir narrativas para facilitar projetos de intervenção urbana no Largo do Arouche.

3.5 Narrativas de publicidade imobiliária

A região central de São Paulo e especificamente o distrito da República, vêm ganhando novamente a atenção do mercado imobiliário nos últimos dez anos. Desta onda recente, há lançamentos importantes, como o Urban Resort, da empresa Helbor na Avenida São João; o Aurora Paulista, realização das empresas Tallento e Tenerife na Rua Aurora; o Vibe República, da Construtora Cyrela, na Rua Bento Freitas, e os empreendimentos da Setin na Praça da República (Setin Downtown e Setin Downtown Nova República).

UMA DAS PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES EM CONDOMÍNIO A SER TERMINADA EM SÃO PAULO

EDIFÍCIO AROUCHE

LARGO DO AROUCHE N.º 184 — (parte nova)

Dotado de ABRIGO ANTI-AE'REO — o 1.º aprovado oficialmente — JA' CONSTRUÍDO nesta Capital

Um edifício moderno, de linhas sobrias e elegantes.

Ponto residencial por excelência, localizado num dos bairros mais centrais da Capital.

Magnífica construção, oferecendo o máximo conforto na distribuição dos apartamentos e suas dependências.

Incorporação da COMPANHIA IMOBILIÁRIA MENDES FIGUEIREDO.

Construção de Perez de Moraes e Barros Leite.

PREÇOS EXCEPCIONAIS COM GRANDE FACILIDADE DE PAGAMENTO.



**VENDA COM EXCLUSIVIDADE DOS
ULTIMOS APARTAMENTOS**

MENDES FIGUEIREDO & CIA. LTDA.

RUA BRAULIO GOMES N.º 13 — esquina 7 de Abril — Tel. 4-8155

Imagem 25: Anúncio publicado no Estado de São Paulo em 1944. Observe a fonte e as árvores no Largo, dando a impressão de um jardim afrancesado. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19440615-22929-nac-0009-999-9-not/>. Acesso em: 13/01/2022.

Esses empreendimentos provavelmente contribuem para o aquecimento do mercado imobiliário local, mas suas imagens publicitárias estão pouco ou nada associadas ao Largo do Arouche. Isto pode ser explicado pelo estigma marginal que o Arouche ainda ostenta, como vimos no marco teórico, ou simplesmente pelo fato da Praça da República exercer uma "força gravitacional" maior, e os publicitários preferirem orbitar em torno dela. Em ambas hipóteses, embora os empreendimentos estejam geograficamente próximos ao Arouche, a contribuição para o imaginário e as narrativas associados ao Largo é distante e/ou indireta.

Portanto, para esta pesquisa, privilegia-se a análise do discurso dos empreendimentos que trabalham explicitamente a imagem e as narrativas do Arouche: o BK30, já bastante incorporado no imaginário da região, e o Boulevard Arouche, cujas obras começaram em outubro de 2020. O primeiro está no número 77 do Largo; e o segundo, no número 360. Todos os empreendimentos citados aparecem no mapa a seguir. Em verde, aqueles cujo marketing refere-se explicitamente ao Largo do Arouche. Os demais estão em azul, assim como o traçado da Praça da República.

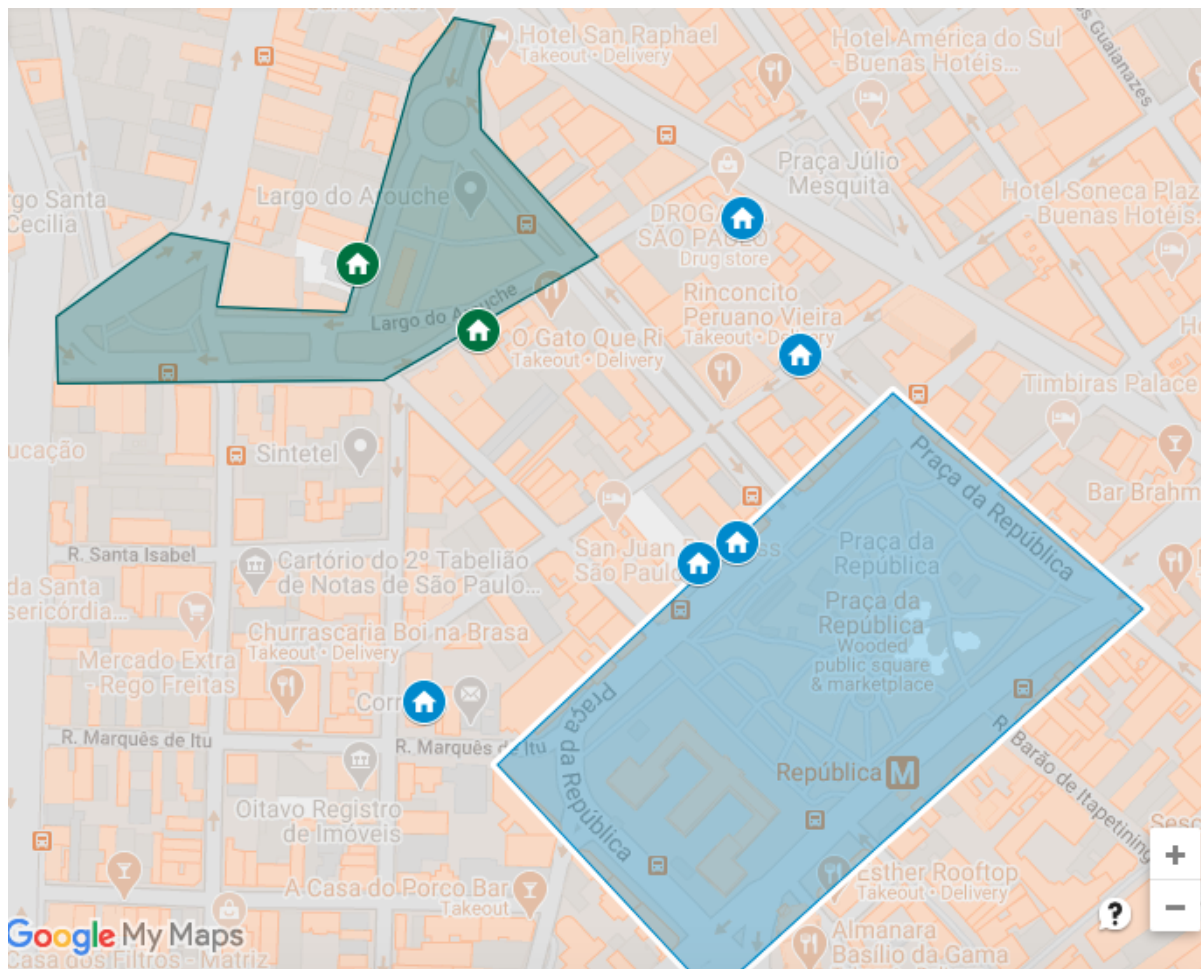


Imagem 26: Mapa com alguns empreendimentos imobiliários lançados nos últimos anos na região do Largo do Arouche. Pode ser consultado em: https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=18ISsxY8FysOuK_sifhIVPyLDqYSYygNO

Felizmente, como vimos no método *place branding*, ações pontuais, como um material publicitário *online*, não seriam suficientes para instalar uma narrativa poderosa o suficiente para ressoar no território. A recomendação, lembrando, seria promover experiências compartilháveis e ativação de diversas mídias. É evidente que não dá para esperar que o discurso publicitário narre histórias negativas do bairro, já que seu foco é seduzir um determinado público, e vender uma ideia para ele. Mas esta pesquisa busca ressaltar como esses discursos publicitários, empoderados por um aparato sofisticado que inclui pesquisas de mercado e informações técnicas, nem sempre facilmente acessíveis, recolhem e amplificam desejos e expectativas que estão circulando no território.

O BK30 foi lançado em 2015 e oficialmente inaugurado em dezembro de 2018. O prédio oferece desde apartamentos tipo *studio* (a partir de 29m²) a unidades duplex de 45m². Está localizado no número 77 do Largo do Arouche, entre a Rua do Arouche e a Avenida Vieira de

Carvalho. É uma torre, com 238 unidades, piscina no terraço e um bar no térreo, aberto para o público.

Analisando a ferramenta Google Trends, que rastreia as buscas feitas com o Google de usuários do mundo todo, nota-se que o termo "BK30" aparece fortemente vinculado às buscas por "Largo do Arouche", ao lado de "Hotel San Raphael" e "Sindicato dos Vigilantes", entre outros. Isto indica que o prédio tornou-se uma referência na região. Os dados completos estão no Anexo C - Relatório de buscas por Largo do Arouche no Google Trends.

Para análise do marketing publicitário deste empreendimento, foi consultado o site oficial da Incorporadora e Construtora BKO, <https://bko.com.br/empreendimento/residencial/bk30-largo-do-arouche>, acessado em 6/11/2020.

BK30
LARGO DO AROUCHE
SEDUÇÃO SEM MUROS, UMA LICENÇA POÉTICA PARA A CIDADE

O BK30 Largo do Arouche é um projeto moderno, em um dos locais mais tradicionais de São Paulo, o Largo do Arouche, em frente ao Mercado das Flores, com um novo e charmoso Térreo Bar à disposição dos moradores e dos vizinhos. Tem área de lazer na cobertura e tem piscina com excelente vista.



Aptos de 28 e 48m²



Duplex



1 Dorm.



Imagem 27: *Print* da página do BK30 no site da construtora BKO. Disponível em: <https://bko.com.br/empreendimento/residencial/bk30-largo-do-arouche>. Acesso em: 6/11/2020

A seguir, lê-se o slogan e a chamada principal utilizada no marketing (transcrição da página

do BK30 no site da construtora BKO):

*"BK30 LARGO DO AROUCHE.
SEDUÇÃO SEM MUROS, UMA LICENÇA POÉTICA PARA A
CIDADE*

O BK30 Largo do Arouche é um projeto moderno, em um dos locais mais tradicionais de São Paulo, o Largo do Arouche, em frente ao Mercado das Flores, com um novo e charmoso Térreo Bar à disposição dos moradores e dos vizinhos. Tem área de lazer na cobertura e tem piscina com excelente vista."

Disponível em:
<https://bko.com.br/empreendimento/residencial/bk30-largo-do-arouche>
. Acesso em: 6/11/2020

A palavra sedução parece fazer alusão à expressão sexual, que encontra no Arouche a já referida presença LGBTQ+. "Sedução sem muros" pode ser um apelo metafórico, que convida os moradores a viverem sua expressão sexual sem sofrer preconceitos, já que o território onde o prédio está instalado seria mais amigável à diversidade em comparação com o restante da cidade; e também alude à tipologia do prédio, cujo térreo é "aberto" para a praça, com um bar charmoso e "sedutor" funcionando ali.

Só nesta primeira parte da chamada, já encontramos referências às palavras-chave encontradas nos relatos de usuários do Google Maps e Tripadvisor. "Bar" e "LGBT" são aludidos, ainda que este segundo indiretamente, para sintonizar a vocação boêmia do local; "passeio" ou "tranquilo" estão presentes na expressão "sem muros", na tentativa de reforçar uma contra-narrativa aos estereótipos negativos, presentes nas palavras-chave "perigoso" e "assalto" encontradas nos relatos das plataformas online.

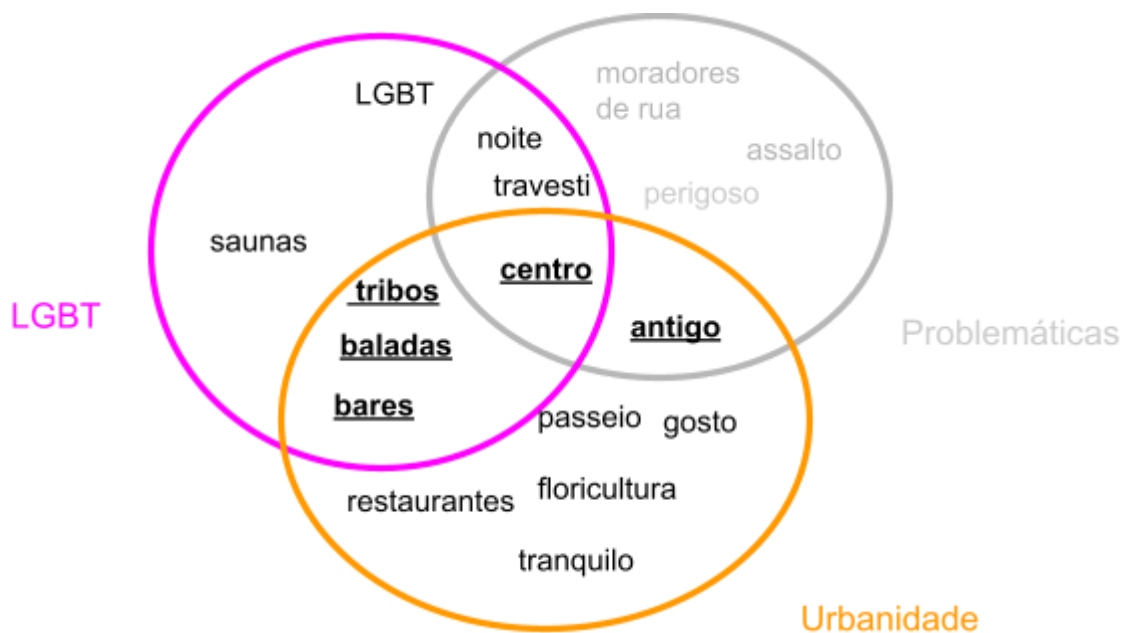


Diagrama 5: *schemata* (ou mapa mental) distribuído e combinado por aproximação semântica as palavras-chave coletadas nas avaliações sobre o Largo do Arouche no Tripadvisor e no Google Maps. Em cinza, conceitos evitados pela publicidade do empreendimento BK30.

Fonte: Silva, 2022.

O discurso é hábil, mas previsível. Como a maioria dos materiais publicitários, exclui as problemáticas e foca nos pontos-fortes do produto. Recorre inclusive a *antigo*, mas dessa vez referindo-se exclusivamente ao adjetivo *tradicional*, implicitamente reforçando uma exclusividade que afasta certos grupos de pessoas não-tradicionais. Já a presença de "licença poética para a cidade" reforça na narrativa publicitária o caráter libertário (no sentido de costumes) do prédio em sintonia com o bairro. O discurso posiciona o BK30 como um personagem que abre-alas para inovações estéticas, urbanas e de hábitos na região. Enquanto São Paulo se esconde atrás de muros, o BK30 Largo do Arouche se abre para o Largo da Diversidade. Mas não muito. Afinal, está em "um dos locais mais tradicionais de São Paulo".

A alusão à diversidade sexual não se dá de forma explícita, como se o prédio ainda evocasse um período em que as opções mais aceitáveis para as pessoas LGBT+ seriam se manter no armário ou fora dele, mas de forma "discreta". Então, os valores expressos pelos relatos pessoais nos termos sauna e LGBT estão presentes, mas codificados em metáforas mais aceitáveis: "sedução sem muros", "licença poética", "charmoso bar". Enquanto isso, o Mercado das Flores aparece na chamada como atributo de venda, reforçando a importância

do espaço que também aparece nos relatos de usuários das plataformas *online*. Nota-se também que "excelente vista" não aparece nos relatos pessoais - talvez porque ao nível da rua, a aparência da praça não seja tão notável.

Mais recente que o BK30, o empreendimento Boulevard Arouche chegou quase que "na esteira" do projeto de revitalização apelidado por simpatizantes de *Petit Paris* - muito provavelmente por isso, a escolha do nome *Boulevard*, que remete aos passeios públicos franceses. A intervenção urbana, cumprindo o que estava previsto no projeto, elevou a faixa de rodagem ao mesmo nível das calçadas em frente ao empreendimento, criando um trecho mais amigável aos pedestres e desestimulando a velocidade dos veículos motorizados que trafegam ali.



Imagem 28: fotografia obtida com o Google Street View mostra o "boulevard" criado na rua em frente ao futuro edifício Boulevard Arouche. Na foto, de março de 2020, vê-se a estrutura de vidro montada para apresentar e vender os apartamentos aos interessados. Na calçada do outro lado da rua, com telhado verde, está o Mercado de Flores. Fonte: maps.google.com. Acesso em: 07/11/2020.

A seguir, lê-se o slogan e chamada principal utilizada no marketing do Boulevard Arouche, reproduzido por diversos sites de agentes imobiliários que comercializam unidades no empreendimento:

Viva seu lugar exclusivo no Boulevard Arouche. Um projeto único, situado no centro de um dos bairros mais tradicionais de São Paulo. Perfeita localização, posicionado em meio à revitalização do Largo do Arouche. Sinta a rara oportunidade de morar em um dos mais

importantes cartões postais da cidade, totalmente revitalizado por um premiado escritório internacional de arquitetura. Um projeto espetacular que preserva toda a tradição do Centro, trazendo novos espaços de lazer e convivência, com design moderno e charme europeu, que farão parte do seu dia a dia, proporcionando o lifestyle que sempre sonhou.

Disponível

em:

<https://www.constrac.com.br/imoveis/boulevard-arouche>. Acesso em: 06/11/2020.




**BOULEVARD
AROUCHE**
RESIDENCIAL

VIVA SEU LUGAR EXCLUSIVO NO BOULEVARD AROUCHE

Sinta a rara oportunidade de morar em um dos mais importantes cartões postais da cidade

1 ou 2 DORMS. | 33 a 37m²

Imagem 29: Colagem com prints recolhidos do site do Boulevard Arouche. Disponível em: <https://www.constrac.com.br/moveis/boulevard-arouche>. Acesso em: 20/01/2022.

Por chegar ao território quase ao mesmo tempo em que as obras de revitalização são concluídas, a publicidade do Boulevard Arouche recorre bem mais à narrativa da revitalização do que o vizinho e pioneiro BK30. O próprio nome do empreendimento, como vimos, refere-se ao projeto do Triptyque. Assim como **gentrificação** só aparece nas narrativas dos ativistas, sem destaque nas narrativas pessoais *online*, Boulevard, charme

européu e lifestyle são estrangeirismos para qualificar a região que só aparecem no discurso dos publicitários. Se não ponderarmos a dimensão anti-urbana da palavra **tradicional**, já explicitadas na análise da publicidade do BK30, as problemáticas são, novamente, inexistentes. E, desta vez, há uma tentativa intensa em compensar os estigmas associados à região, que aparecem nos relatos pessoais: moradores de rua, assalto, perigo são afastados com repetição da imagem da revitalização e adjetivos como **premiado, espetacular, perfeita**.

As imagens associadas aos termos **exclusivo, lugar único e rara**, mencionados no discurso, são anti-urbanas e incompatíveis com a dinâmica do centro. Além disso, não estão presentes nos discursos pessoais coletados nesta pesquisa. A contradição, porém, deve passar despercebida pela maior parte das pessoas e atingir quem, de fato, quer investir ali. Uma compradora inadvertida pode se chocar, mais tarde, com as figuras que já aparecem nos discursos pessoais, como **assalto e morador de rua**, por exemplo.



Diagrama 6: *schemata* (ou mapa mental) distribuído e combinado por aproximação semântica das palavras-chave coletadas nas avaliações sobre o Largo do Arouche no TripAdvisor e no

Google Maps. Em cinza, conceitos evitados pela publicidade do empreendimento Boulevard Arouche. O termo “Exclusivo”, empregado pela mesma publicidade, dialoga pouco com a rede de narrativas.

Fonte: Silva, 2022.

Como explicado no começo deste capítulo, embora o alcance e o engajamento desses materiais publicitários sejam restritos, eles são embasados em informações captadas pela chamada inteligência de mercado das empresas do setor imobiliário. Portanto, é valioso observar como os discursos são construídos por este que é um dos principais agentes da transformação, ou mudança social, da região do Largo do Arouche.

Após a construção e análise de narrativas e de seus narradores, separadamente, este tópico os reúne em uma matriz, adaptada do método Ruth Finnegan (1998), para que sejam comparados segundo os mesmos atributos selecionados. Assim, espera-se revelar os pontos neutros, de consenso e de conflito entre nas narrativas abordadas nesta pesquisa.

Narradores	Modo/mídia	Audiência	Protagonistas	Qualidade	Urbanidade
Planejadores (Petit Paris)	Apresentações técnicas distribuídas em hotspots e via relação com a imprensa.	Interessados no território, tomadores de decisão no setor privado e nos governos, imprensa.	Abstrato: A aura/vocação do lugar, Comunidade: as pessoas do território, empresas investidoras, planejadores e realizadores Persona: Dória, europeia, elitizada.	Otimista argumentativa.	Parcial. Cidade ideal. Há uma busca por diálogo, acompanhando legislações e modus operandi contemporâneos, mas a sua realização é precária.
Ativistas (Largo da diversidade)	Relatos de atividades e declarações públicas em Redes Sociais. Apresentações artísticas multimídias.	População LGBT+ e públicos minorizados. Acadêmicos. Veículos de nicho, políticos e lideranças progressistas.	Abstrato: a ocupação histórica LGBT Comunidade: o coletivo de ativistas, pessoas em situação vulnerável Persona: Helcio Beuclair, resistente, guerreiro.	Pessimista denunciativa.	Parcial. Cidade trincheira. Para marcar presença, escapar da invisibilidade e serem contemplados em projetos urbanos, combatem narrativas de públicos conservadores e do setor privado.

Publicidade imobiliária (BK30 e Boulevard Arouche)	Apresentações comerciais distribuídas via hotspots, anúncios em redes sociais e panfletagem.	Investidores. Famílias e indivíduos de classe média / média alta.	Abstrato: Utopias Comunidade: moradores privilegiados, investidores de sucesso. Persona: Bem-sucedida, tradicional mas criativa, higienizada.	Ultra Otimista vendedora.	Prejudicada. Cidade excludente. Afasta e invisibiliza públicos marginalizados e vende um ideal de cidade que vai contra os valores da cidade em escala humana.
Relatos individuais (Google Maps e Trip Advisor)	Relatos pessoais colhidos do Google Maps e Trip Advisor	Interessados no território.	Múltiplos. Podem ser pessoais (pets), históricos (Brecheret) e até ficcionais (Personagens do seriado Sai de Baixo).	Variadas.	Alta. Cidade aberta, mas vigiada. Fóruns abertos, acessíveis e moderados pelo público. Preocupações com a privacidade e uso dos dados captados pelas plataformas.

Tabela 2: matriz comparativa entre os narradores e narrativas encontrados no Largo do Arouche. Fonte: Silva, 2022.

Pela matriz comparativa, pode-se observar que, em geral, os grupos apontam para direções distintas. Por aproximação, o grupo dos planejadores e da propaganda imobiliária estão mais bem sintonizados, usando um tom otimista para defender uma ideia de cidade evoluída, seja com uma abordagem argumentativa ou puramente vendedora. As personas que ambos assumem também são próximas: o rosto e o estilo pessoal dos planejadores, como o ex-prefeito João Dória e os arquitetos do Triptyque, se assemelham aos modelos usados pela propaganda imobiliária.

O grupo ativista, por meio de seus aliados acadêmicos, teria uma abertura maior com os planejadores, especialmente por esses últimos terem uma abordagem mais argumentativa. Mas dois pontos prejudicam esse diálogo: os planejadores trabalham com uma comunidade mais ampla (interessados no território), e não priorizam os grupos minorizados, que é o foco dos ativistas; e a persona dos planejadores é elitizada, afeita a manter o padrão *mainstream* (lembrar-se do banco de imagens eurocentrista no tapume das obras) e agradar investidores e tomadores de decisão no poder, missão que pode ser ameaçada pela postura marginal e combativa dos ativistas.

Então, há os relatos pessoais. Nas redes sociais "tradicionais", como o Facebook, Instagram e Twitter, impera a falta de diálogo entre grupos com opiniões diferentes, fruto dos algoritmos que trancam os usuários em bolhas onde todos pensam iguais. Já em fóruns online, como o Google Maps e o Tripadvisor, ainda não tão dominados pelos algoritmos, a interação é mais livre. O usuário só precisa fazer um cadastro gratuito no Tripadvisor ou Google Maps para participar das discussões. Para isso, é necessário ter um dispositivo de acesso a internet e a disponibilidade da internet em si. Levantamento feito pela consultoria We Are Social (2020) mostra que 94% dos brasileiros possuem smartphones e 71% são usuários de internet. Outro requisito é ler/escrever uma das dezenas de línguas disponíveis pelos serviços. O usuário que não lê ou tem deficiência visual pode usar o microfone dos smartphones para ditar o que quer escrever, recurso padrão até nos celulares mais comuns. Então, pode-se dizer que esses fóruns são relativamente amigáveis e acessíveis. As páginas que representam o Largo do Arouche nessas plataformas, portanto, podem até ser consideradas mais seguras e democráticas que o espaço físico em si. Por outro lado, preocupações crescentes com a privacidade e o uso destes dados colocam em cheque as intenções e os benefícios oferecidos por essas plataformas.

Como fazer para que essa abertura e interação acessível, amigável e moderada presente

nesses fóruns online seja replicada em outros ambientes é um desafio. Espera-se que este desafio possa começar a ser solucionado com os achados que foram explicitados neste estudo.

4. DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Sob a ótica da cidade em escala humana de Lévy (1999) e simpatizantes, as dimensões tradicionais às quais alguns narradores urbanos recorrem para justificar posturas conservadoras são problemáticas. Por um lado, podem, sim, garantir que patrimônios culturais e modos de habitar sejam preservados frente à máquina demolidora e construtora do capital; por outro, podem comprometer a evolução dos territórios e das culturas.

Antes de Govers (2018) e Esteves (2016), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) já havia se debruçado sobre os desafios do multiculturalismo em seu relatório “Investir na Diversidade Cultural e no Diálogo Intercultural” (2009). No documento, é possível compreender como abordagens que enfatizam apenas a preservação das tradições são prejudiciais. O principal risco apresentado por elas é a prática de reforçar estereótipos e construções nacionalistas, na medida em que buscam impedir ou diminuir as trocas e mudanças culturais inevitáveis nos processos globalizantes em curso. A internet, o turismo global e as imigrações já demonstraram que culturas em todas as partes do mundo estão se influenciando e se adaptando umas às outras. Exemplo claro dessa visão distorcida com base na preservação das tradições é aquela que critica o uso de tecnologias, como celular e carros, por indígenas. Segundo essa abordagem estereotipada, indígenas devem viver como sempre viveram, ignorando o fato de que os homens brancos também modificaram seus hábitos e costumes no decorrer dos séculos e nem por isso deixaram de ser considerados brancos.

Segundo o relatório da Unesco, é preciso gerir as mudanças culturais em seus processos de encontros e trocas com diferentes grupos, e as cidades são um dos palcos onde esses processos são mais evidentes. Assim, políticas públicas que visem facilitar o encontro e o diálogo entre os cidadãos seriam muito bem vindas.

Indígenas podem ser *high tech* e ostentar uma estética futurista. Travestis podem ser tão tradicionais e convencionais quanto o Mercado de Flores. No caso do Arouche, um projeto de promoção de diálogos associado à obra de requalificação teria o potencial de não somente melhorar o resultado final (a obra entregue está aquém do projeto original), mas também de iniciar um movimento maior de apropriação e assimilação da cultura LGBT como elemento valioso na identidade do bairro. Se depender da publicidade, esses encontros serão sempre

motivados por objetivos financeiros. A intervenção precisa ser feita em conjunto com a sociedade civil, como pedem os defensores do Processo Prospectivo, ferramenta de construção de futuro e mudança social abordada no marco teórico. Para isso, antes de tudo é preciso construir, em conjunto com os cidadãos interessados no Arouche, narrativas que promovam engajamento em busca de um futuro melhor para todos, e não somente com vistas a objetivos individuais. Jarva (2014) demonstrou que essa construção não somente é possível, mas fundamental para que os projetos saiam das pranchetas e se concretizem nas cidades.

Um ponto de partida para essas narrativas pode ser personagens já construídos e associados ao Largo do Arouche. O seriado de TV e o filme “Sai de Baixo”, por exemplo, aparecem entre os termos mais pesquisados sobre o Largo do Arouche no Google Trends. Um *spin off* (derivação) do seriado poderia ser proposta para iniciar a construção de narrativas coletivas com elementos narrativos já bastante assimilados pelo imaginário popular. Diversos videoclipes e músicas da chamada nova MPB que referenciam o Largo do Arouche também podem ser ressaltados para angariar engajamento com públicos que assimilam bem essa cultura. “Na Varanda Suspensa”, da cantora Céu; “Na Garrafa”, do grupo Trupe Chá de Boldo, e “Freguês da Meia Noite”, do compositor Criolo, são alguns exemplos. E, mais uma vez recorrendo a Jarva (2014), essas narrativas são abertas e podem se modificar no decorrer do tempo e após feedbacks de campanhas.



Imagem 30: Cartaz do filme “Sai de Baixo” lançado em 2019. O filme é baseado no seriado de mesmo nome veiculado na TV aberta pela Rede Globo entre 1996 e 2002, com um breve retorno entre junho e julho de 2013. .



Imagem 31: colagem com frames retirados do videoclipe “Varanda Suspensa”, da cantora Céu, gravado em um apartamento no Largo do Arouche.



Imagem 31: colagem com frames retirados do videoclipe “Na Garrafa”, do grupo Trupe Chá de Boldo. O hotel Republica Park fica na Avenida Vieira de Carvalho.



Imagem 32: colagem com frames retirados do videoclipe Freguês da Meia-noite, do cantor Criolo. A letra da canção e o vídeo contém cenas no Mercado das Flores.

Com uma linguagem própria, que abre diálogo com humor e elementos próximos do público interessado, memes, personagens da cultura pop e do *showbizz* e influenciadores digitais podem ter mais capacidade de furar a bolha dos acadêmicos, ativistas e planejadores.



Imagem 33: Frames de um gif animado contrasta imagem retirada do projeto da Triptyque com uma proposta do Coletivo Arouchianos. A peça foi postada pelo coletivo no Facebook e circulou em grupos de WhatsApp.

Como apontado no marco teórico, as narrativas podem, sim, promover o engajamento de comunidades locais com projetos de intervenção urbana, mas para alguns grupos os desafios podem ser mais estruturais. O combate ao racismo e a LGBTfobia, problemas estruturais na sociedade, precisa ir além de campanhas locais. Harvey (2016) demonstrou que os movimentos sociais que lutam pelo direito à cidade podem se fortalecer ao se articularem globalmente. Assim, ativistas que atuam no Arouche, como o Coletivo Arouchianos e o Instituto Pólis, teriam mais chances de alcançarem seus objetivos acessando uma plataforma internacional em rede com movimentos de outras cidades.



Imagem 34: grupo de ativistas do Coletivo Arouchianos carrega faixa contra o projeto Petit Paris na Parada LGBT de São Paulo em 2019. Fonte: Acervo.

O Coletivo Arouchianos já exercita essa conexão com a comunidade LGBT global ao vincular a imagem do Arouche à narrativa das rebeliões LGBT+ ocorridas no bar Stonewall Inn em 1969, em Nova Iorque. O bairro *Le Marais*, em Paris, reduto LGBT reconhecido em toda a Europa, também é mencionado em discursos veiculados pelo coletivo.

“Nós, Arouchianos, entendemos que a região precisa ser reconhecida e receber investimento público ao exemplo que é a região da Rua Christopher (New York City/USA), Rua Castro (San Francisco/USA), bairro Marais (Paris/FRA)... com políticas públicas efetivas nos três níveis de estado, voltadas para o campo social (principalmente), artístico/cultural, de estudo e preservação do patrimônio histórico, turístico e econômico!

Trecho de postagem publicada pelo Coletivo Arouchianos em sua página do Facebook.”

Disponível em:

<https://www.facebook.com/Arouchianos/posts/2064049130420306>.

Acesso em: 24/01/2022.

O vínculo com Le Marais (bairro da cidade de Paris, na França), como bônus, ainda dialoga com a narrativa da Petit Paris, o que tem potencial de reduzir resistências dos grupos mais conservadores. E, para encontrar realidades mais próximas do Brasil, parcerias poderiam ser estabelecidas com comunidades latinas, como ativistas da Zona Rosa, na cidade do México. A articulação entre esses polos LGBTs internacionais pode evoluir para parcerias de apoio mútuo, troca de experiências e construção de uma plataforma global para veiculação das narrativas.

Não cabe a essas análises finais dizer como essas plataformas devem funcionar, mas com base no processo da pesquisa, as plataformas Google Maps e Tripadvisor oferecem um caminho interessante. As informações disponibilizadas ali são públicas e acessíveis globalmente; ferramentas de tradução garantem que barreiras idiomáticas sejam superadas; a possibilidade de inserir entradas via microfone e outras ferramentas de acessibilidade permitem que mais pessoas possam contribuir com as discussões. E, por serem gratuitas, exigem pouco investimento financeiro inicial.

Isto não significa uma recomendação para que ativistas e agentes sociais utilizem o Google Maps e o Tripadvisor, mas sim que façam uso da lógica de fóruns de discussão aberta disponíveis na internet. Além das duas plataformas mencionadas, grupos do Facebook e de

mensageiros como WhatsApp e Telegram também podem ser adotados, sempre considerando as questões relativas à privacidade e ao uso dos dados que estão evoluindo constantemente. Sobre o conteúdo disponibilizado nessas plataformas, além das construções narrativas já mencionadas, vale retomar o caminho para superar os estereótipos que circulam na mídia apontado por Govers (2018):

Travel, culture and people, on the other hand, are areas of high interest that audiences love to share stories about. Personal experiences, in particular, result in bragging rights online. This is a powerful mechanism through which communities can aim to influence their reputations and even reverse the agenda-setting mechanism with audiences determining the public agenda.

Govers, Robert. *Imaginative Communities: Admired cities, regions and countries* (p. 100). Edição do Kindle.

Novamente, uma sintonia entre Govers (2018) e o relatório da UNESCO (2009) aponta para o turismo como um instrumento em que trocas culturais acontecem. Portanto, o turismo pode ser enxergado como um dos agentes para a facilitação de processos de mudança social e construção de futuros. No caso do Arouche, a dimensão turística do projeto não foi evidenciada com essa importância nem pelos narradores da Petit Paris, nem pelos ativistas do Largo da Diversidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importante mencionar que esse estudo teve como limitações uma pesquisa influenciada por minhas experiências como habitante da região estudada e integrante dos debates urbanísticos que ocorrem ali. Essa decisão está justificada na introdução deste documento. Dito isso, há ênfase sobre as narrativas dos ativistas e dos planejadores no contexto da obra de requalificação, conflito expresso e evidente que desde o princípio me chamou a atenção. Vale lembrar ainda que o Triptyque encomendou uma pesquisa de campo, com entrevistas de usuários do Largo, que foi criticada pelos ativistas justamente por ter sido tocada sem diálogo com a sociedade. Portanto, é válido questionar se a presente pesquisa avançou nesse diálogo, missão bastante complexa especialmente se considerarmos a pandemia de COVID-19 que, sobretudo no início das pesquisas de campo, colocou um desafio para atividades e encontros presenciais. Sobre a metodologia, assumimos um caráter mais qualitativo e ampliamos a quantidade de fontes, mas, de todo o modo, é fundamental admitir que essa dissertação não pretende ser porta-voz dos anseios de quaisquer grupos aqui mencionados.

Um avanço desta pesquisa, portanto, poderia abranger outras comunidades, como os comerciantes locais, grupos de empresários, turistas etc. Já os relatos coletados neste estudo, que além de conteúdos online, contam com o roteiro de campo realizado com Helcio Beuclair e com a reunião com planejadores do Triptyque, também têm suas limitações. Em tempos pós-pandemia, entrevistas *in loco* e outros exercícios presenciais podem aprofundar as percepções narrativas sobre o Largo do Arouche em pesquisas futuras.

Em suma, os teóricos e a pesquisa de campo deste estudo não foram reunidos aqui para indicar como as narrativas podem fabricar consenso, ação já praticada pela grande mídia e que recebe crítica voraz de Noam Chomsky¹ (1998). O que se pretendeu demonstrar é que as narrativas estão circulando entre as pessoas e influenciando atitudes e comportamentos que nem sempre interessam para o bem comum das cidades. E que é possível observar este fenômeno e trabalhar com ele, superando os vieses e estereótipos, com vistas a promover o engajamento e a interação de cidadãos como visionados por Milton Santos (1987) - em busca de uma cidade que contempla os desejos e identidades daqueles que ali convivem.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jonathan e YESCAVAGE, Karen (org). *Bisexuality and Transgenderism: InterSEXions of the Others*. Binghamton: Harrington Park Press, 2003. Capítulo “Introductions”.

AULICINO, Antônio Luís; FISCHMANN, Adalberto Américo (org.). **Desenvolvimento Brasil 2035: o país que queremos**. São Paulo: CRV, 2020.

BUENO, Rodrigo; BENFATTI, Maurício; GODOY, Elena. Da Natureza Narrativa. **Revista Letras**, Curitiba, n. 93, p. 295-314, jan. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/download/45944/28696>. Acesso em: 24 jan. 2021.

-

BRUMMET, Quentin ; REED, Davin. The Effects of Gentrification on the Well-Being and Opportunity of Original Resident Adults and Children. Federal Reserve Bank of Philadelphia. Department of Research. 2019. Disponível em: <https://www.philadelphiafed.org/-/media/frbp/assets/working-papers/2019/wp19-30.pdf>. Acesso em: 25/09/2021

CANDIDO, Marcos. **Arouche 100% gay**: grupo luta para região de 'sai de baixo'. grupo luta para região de 'Sai de Baixo'. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/08/25/desde-os-anos-60-e-100-gay.htm>. Acesso em: 25 jan. 2021.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. São Paulo: Nobel, 2004.

CANOVA, Katia. O conceito de urbanidade e o uso do SIG no planejamento urbano local Construção de metodologia de escolha dos locais de aplicação da terceira fase do Programa Centro Aberto da SPUrbanismo no município de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL (ENANPUR), 18., 2019, Natal. **Anais [...]**. Natal: Anpur, 2019. p. 1-31. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviii/anpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=948>. Acesso em: 25 jan. 2021.

ESTEVES, Caio. **Place Branding**: Construção, gestão e fortalecimento de marca lugar. Santos: Editora Simonsen, 2016.

GODET, M. DURANCE, P. DIAS, Julio. **A prospectiva estratégica para as empresas e os territórios**. IEESF: Lisboa, 2008

FINNEGAN, Ruth. **Tales of the City**: A Study of Narrative and Urban Life. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

GOVERS, Robert. **Imaginative Communities**: Admired cities, regions and countries. Antuérpia: Reputo Press, 2018.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 01, n. 29, p. 73-89, jul. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18497/13692>. Acesso em: 25 jan. 2021.

INSTITUT POUR LA VILLE EN MOUVEMENT. **Levantamento dos Usuários do Largo do Arouche**. 14 Nov. 2017. Disponível em: https://cidadeemmovimento.org/wp-content/uploads/2017/11/170312_RELATORIO_FINAL_AROUCHE.pdf. Acesso em: 31 jul. 2019.

JARVA, Vuokko. Introduction to Narrative For Futures Studies. **Journal of Future Studies**, Taipei, v. 18, n. 03, p. 5-26, março 2014. Disponível em: <https://jfsdigital.org/wp-content/uploads/2014/04/183-A02.pdf>. Acesso em: 22/04/2022.

JOSÉ, Beatriz Kara. A popularização do centro de São Paulo: um estudo de transformações ocorridas nos últimos 20 anos. 2010. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.16.2010.tde-19012011-105342. Acesso em: 2022-01-03.

LEÃO, Lucia. O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 1999.

LEES, Loretta; SLATER, Tom; WYLY, Elvin. **Gentrification**. Londres: Routledge, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LEVY, Jacques. **Le Tournant Géographique**. Penser l'espace pour lire le monde. Paris: Belin Éditeur, 1999.

LINS, Consuelo. O Documentário de Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. O Império do Efêmero: A moda e seus destinos na sociedade moderna; tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LORES, Raul Juste. **Prefeitura recorre a consulados e a empresas estrangeiras para reformar pontos da cidade**. São Paulo, 23 abr. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2017/04/1877181-prefeitura-faz-parcerias-internacionais-para-revitalizar-largo-do-arouche.shtml>. Acesso em: 31 jul. 2019.

LOWENTHAL, David. **El pasado es un país extraño**. Madrid: Ediciones Akal, 1998.

LUSSAULT, Michel. **L' Homme Spatial** - La construction sociale de l'espace humain. Paris: Éditions du Seuil, 2007

MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. São Paulo: Senac, 2000.

MAGNANI, J .G. C. e TORRES, L. (org). Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP, 2008. Capítulo “Quando o campo é a cidade”. Fazendo antropologia na metrópole.

MARTINS FILHO, M. T.; NARVAI, P. C. O sujeito implicado e a produção de conhecimento científico. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 99, p. 646-654, out/dez 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/mg98rPPxkvyKSPTyD9h7pBj/> Acesso em: 2 jul. 2022.

MENDES, Luís. O contributo de Neil Smith para uma geografia crítica da gentrificação. **E-Metrópolis: Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais**, Rio de Janeiro, v. 01, n. 01, p. 21-33, maio 2010. Disponível em: http://emetropolis.net/system/edicoes/arquivo_pdfs/000/000/001/original/emetropolis_n01.pdf?1447896269. Acesso em: 25 jan. 2021.

MUNJERI, Dawson, Patrimonio Material e Inmaterial: de la Diferencia a la Convergencia. **UNESCO Museum International Intangible Heritage**. [S.l.] n.º 221/222, p. 13-21, Maio 2004.

OCANHA, Rafael Freitas. Amor, feijão, abaixo camburão : Imprensa, violência e trottoir em São Paulo (1979-1983). 2014. 217 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

PAULO, Paula Paiva. **Prefeitura quer transformar Largo do Arouche em 'boulevard' com inspiração francesa**. São Paulo, 24 mai. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/24/prefeitura-quer-transformar-largo-do-arouche-em-boulevard-com-inspiracao-francesa.ghtml>. Acesso em: 31 jul. 2019.

PERLONGHER, Nestor. O negócio do Michê - A prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

POLITZER, George. **Crítica dos fundamentos da psicologia**: a psicologia e a psicanálise. Trad. Marcos Marcionilo e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Piracicaba, SP: Editora UNIMEP: 1998. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/0B8kqmQoDUKgYQTRFbzI4eHd1RTA> Acesso em 13 de dezembro de 2020.

PREIS, Benjamin et al. "Mapping gentrification and displacement pressure: An exploration of four distinct methodologies." *Urban Studies* (February 2020): 1-20 © 2020 Urban Studies Journal Limited. Disponível em: <https://dspace.mit.edu/handle/1721.1/123884>. Acesso em: 25/09/2021.

PUCCINELLI, Bruno. **"Perfeito para você, no centro de São Paulo"**: mercado, conflitos urbanos e homossexualidades na produção da cidade. 2017. 1 recurso online (195 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/325394>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

QUINALHA, Renan Honorio. *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. 2017. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.101.2017.tde-20062017-182552. Acesso em: 2022-01-07.

EDITOR, O. Tenente General Dr. José Arouche de Toledo Rendon (1827-1833). *Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo*, [S. l.], v. 88, p. 15-18, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67183>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SANTOS, Milton. **A urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos**. Petrópolis: Vozes, 1980

SCHARMER, Otto. **Theory U: leading from the future as it emerges**. Nova Iorque: McGraw-Hill Education, 2016.

SILVA, Isaac Trabuco Soares. **Cultura do consumo e cidadania nas periferias da grande são paulo**: O caso do Instituto Akatu. Trabalho de conclusão de curso - Universidade de São Paulo - Centro de Estudos Latino-americanos de Comunicação e Cultura, São Paulo, SP. Disponível em: http://celacc.eca.usp.br/?q=pt-br/tcc_celacc/cultura-consumo-cidadania-nas-periferias-da-grande-sao-paulo-caso-instituto-akatu. Acesso em: 14/03/2021.

SILVA, Roberto Toffoli Simoens da. Modernização sustentável: planos diretores de reuso para áreas urbanas em obsolescência precoce . 2021. Tese (Doutorado em Projeto de Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/T.16.2021.tde-08062021-143734. Acesso em: 2022-01-03.

SMITH, Neil. **The New Urban Frontier**. Gentrification and the Revanchist City. London: Routledge, 1996.

STEFFEN, Lufe. Do footing aos afters: vem com a gente fazer uma viagem pela noite gay de São Paulo nos últimos 100 anos. UOL, 06/06/2017. Disponível em: <https://musicnonstop.uol.com.br/uma-viagem-pela-cena-noturna-lgbt-de-sao-paulo-nos-ultimos-100-anos/>. Acesso em: 13/01/2022.

STEIN, Samuel. **Capital City: Gentrification and the Rise of the Real Estate State**. Nova Iorque: Verso, 2019.

_____. Toward a Theory of Gentrification: a back to the city movement by capital, not people. **Journal Of The American Planning Association**, [s. l], v. 45, n. 4, p. 538-548, jan. 1979.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. 4ª ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2018.

TRIPTYQUE ARCHITECTURE (São Paulo). **Largo do Arouche**: urban design. Urban design. Disponível em: <http://triptyque.com/en/project/largo-do-arouche/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

VAN HULST, Merlijn. Storytelling, a model of and a model for planning. **Sage Journals Planing Theory**, [s. l], v. 11, n. 3, p. 299-318, ago. 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1473095212440425>. Acesso em: 25 jan. 2021.

VELHO, Giberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, Gilberto (coord.). **O desafio da cidade**: novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980. p. 13-21.

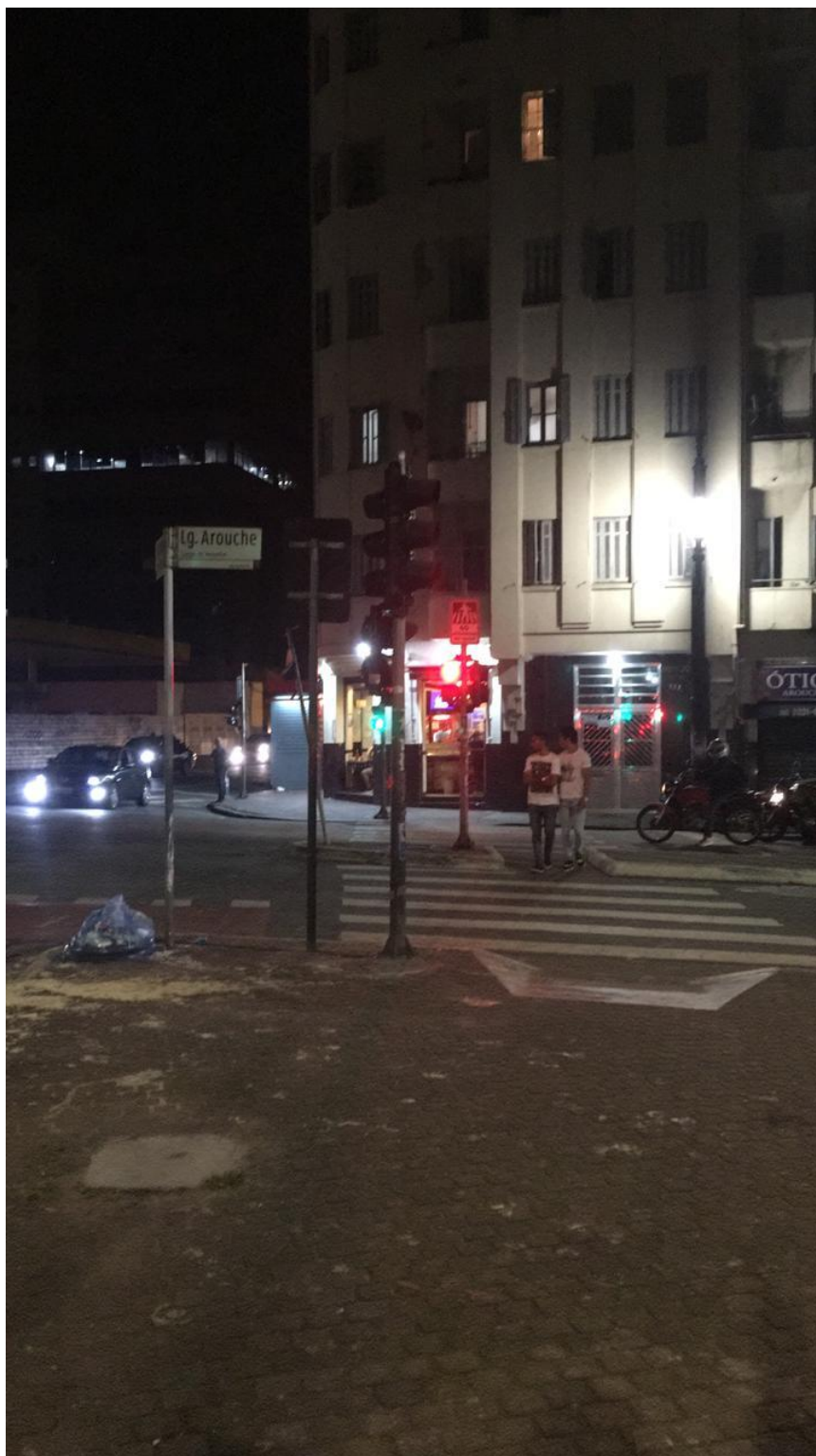
VEJA SÃO PAULO. **Doria quer Largo do Arouche com ares franceses**. São Paulo, 31 dez. 2016. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/doria-quer-largo-do-arouche-com-ares-franceses>. Acesso em: 31 jul. 2019.

WE ARE SOCIAL. **Digital 2020 Brazil**. 2020. Disponível em: <https://www.slideshare.net/DataReportal/digital-2020-brazil-january-2020-v01>. Acesso em: 28 jan. 2021.

ANEXO A - ROTEIRO DE PASSEIO PELA REGIÃO DO AROUCHE GUIADO POR HELCIO BEUCLAIR

1. Setor "Baixo Arouche"

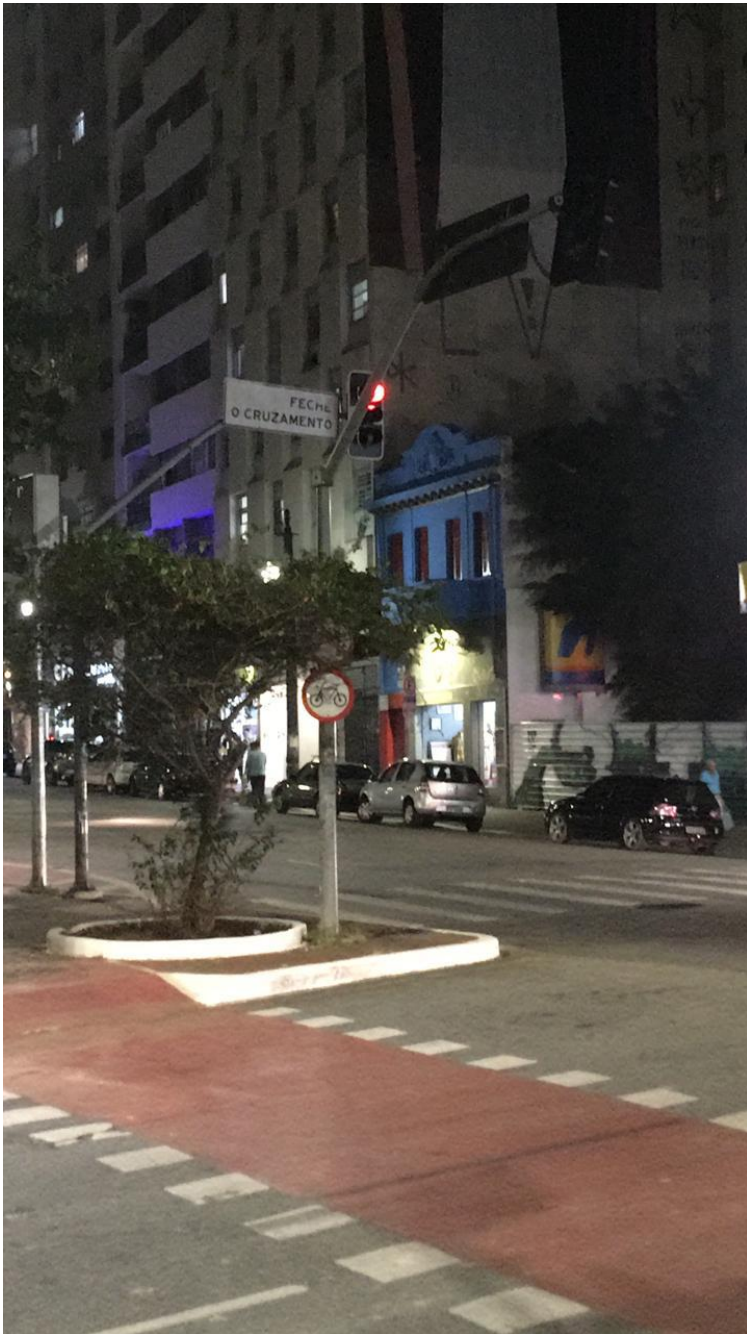
1.1 Novo bar LGBT



1.2 Bar Fama



1.3 Antigo centro de Fetiche BDSM



1.4 Chilli Peppers, eleita a maior e melhor sauna do mundo (foto:divulgação)



1.5 Cinema histórico dos filmes pornô chanchada. O Arouche fez parte da chamada Boca do Lixo



2. Setor "Alto Arouche"

2.1 Padaria Gêmel e Lanchonete Nova Arouche, locais elitizados abrindo a região mais higienizada do Arouche



2.2 Bar Trabuco, historicamente frequentado por Gays, mais velhos, brancos de classe média.



2.3 Barouche, exemplo de apropriação do espaço público para fazer dinheiro, frequentado por brancos de classes mais favorecidas. Um espaço mais hipster, não necessariamente LGBT. (Fechou dia 27/08/2019 por tempo indeterminado)



2.4 Restaurante Le Casserole, restaurante francês frequentado pela elite.



2.5 Sauna Champion, frequentado por gays brancos velhos. Curiosamente vizinha de porta do Le Casserole



2.6 Sputnik, um dos vetores da “requalificação” do Arouche. Atrai um público jovem mais elitizado, como o do Barouche



2.7 Academia Paulista de Letras, um símbolo da elite paulistana



2.8 Tasca do Arouche, incluído no roteiro gastronômico de São Paulo. Dentro do Hotel San Michel.



3. Setor "Prainha"

3.1 A disposição das mesas nos bares da Prainha, voltadas para a rua, como se o largo fosse o mar.



3.2 Os bares da Prainha, frequentados por uma classe média trabalhadora branca.



3.3 Loja Adeh Oliveira, vizinha à Prainha, voltada ao mesmo público



3.4 Cantho, balada majoritariamente gay. Abriu espaço para o samba e para os negros, que migraram do espaço Muss (ver seção Bento Freitas).

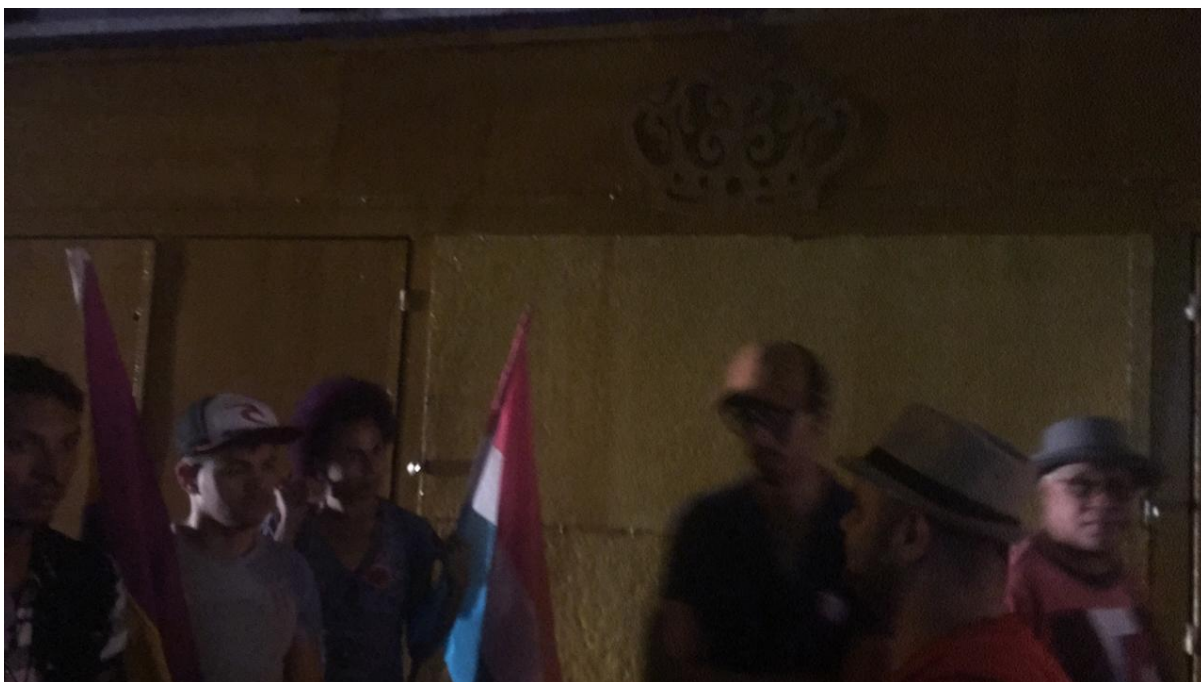


4. Setor "Inferninhos"

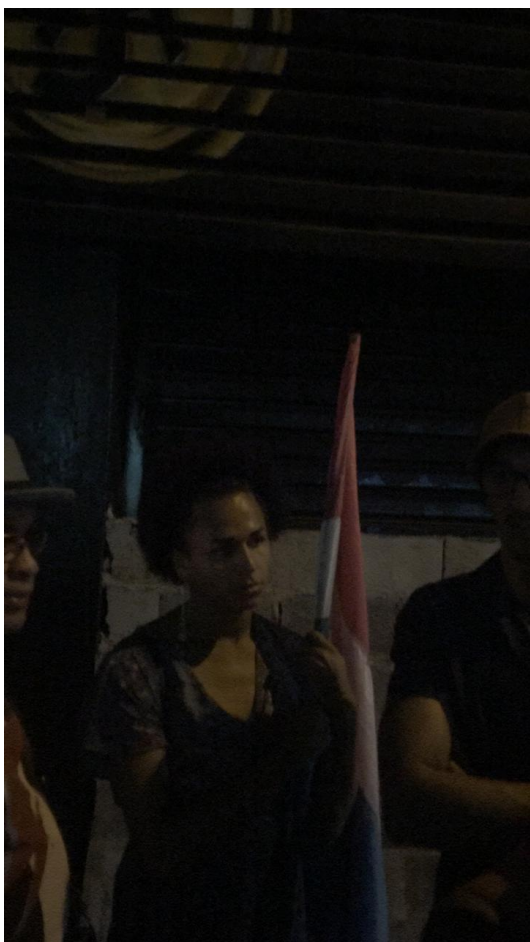
4.1 Aqui funcionava a antiga Freedom, histórico espaço de festas LGBT, fundado por Jorge Lafon. Berço da matinê aos domingos frequentada por LGBTs menores de idade.



4.2 Bar Queen, origem de drags famosas como Silvety Montila



4.3 Em frente ao Bar do Meio "original", inferninho ponto de encontro de usuários e traficantes de drogas. Esse ponto fechou mas abriram outros com o mesmo nome na região.



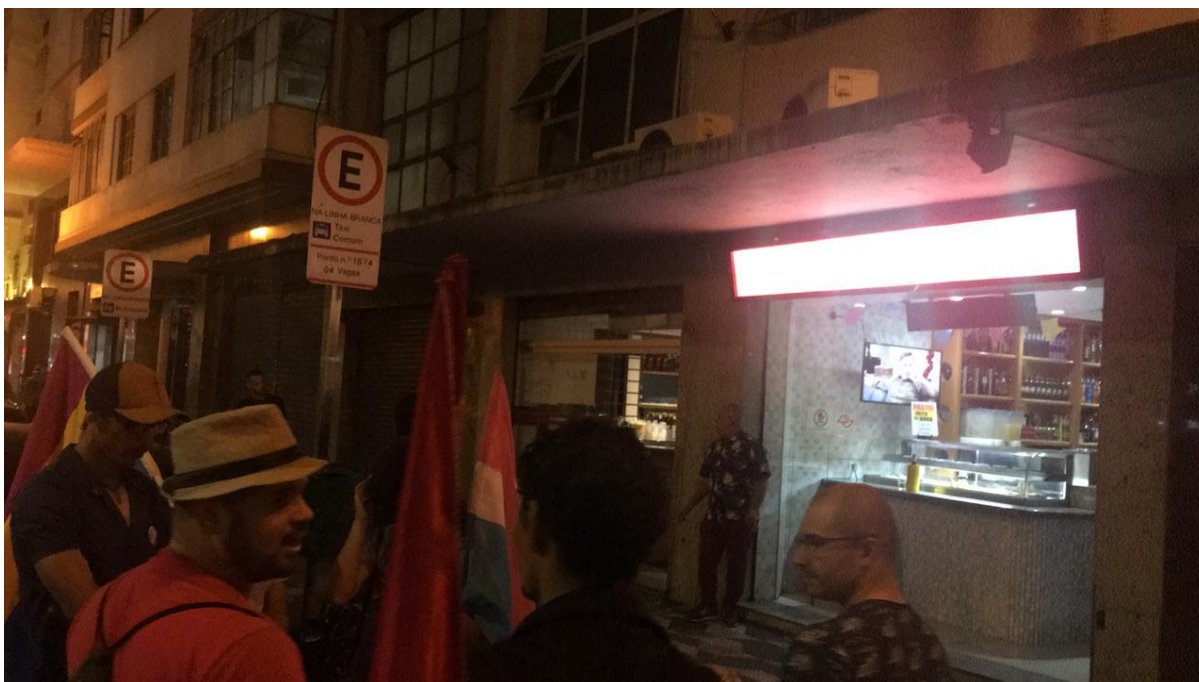
4.4 Bar dos Amigos, antigo inferninho



4.5 Loja de armas e escola de tiro. Frequentada por juizes, promotores, advogados.



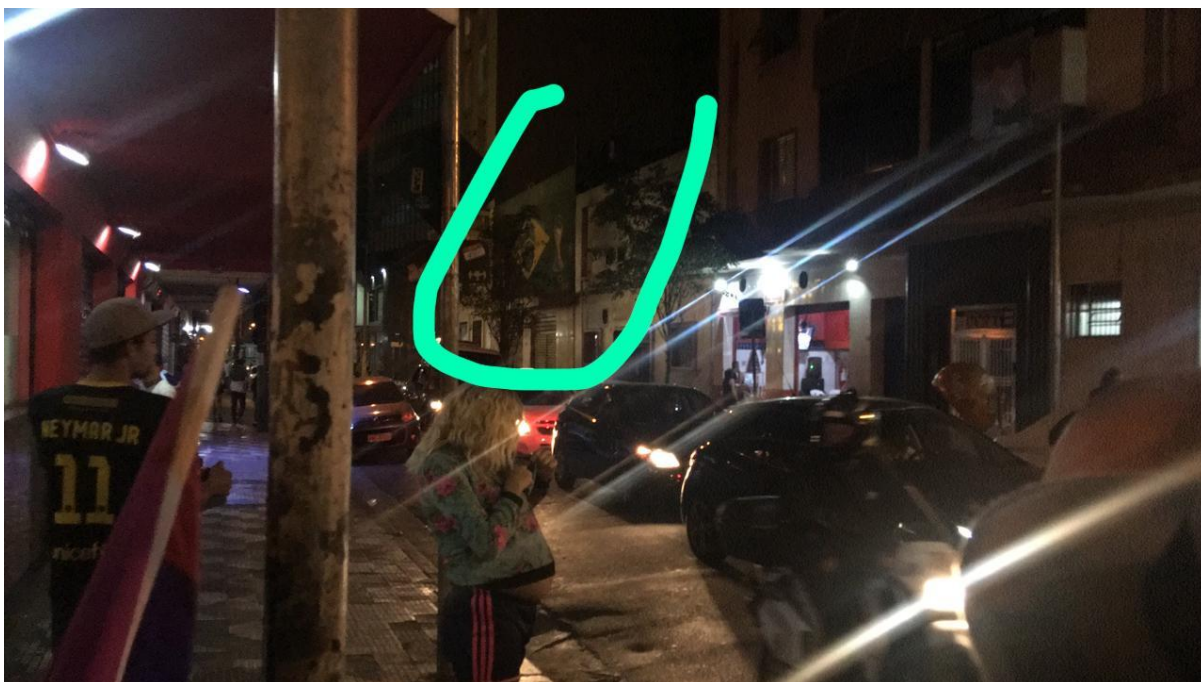
4.6 Sequência de 4 bares da "Favela". Região frequentada por homens pretos, garotos de programa, traficantes e usuários de droga.



4.7 O hotel de luxo Bourbon, bem em frente à favela, fechou, e o prédio está em reforma, provavelmente para ser transformado em flats.



4.8 Puteiro onde a Bruna Surfistinha trabalhou



5. Setor "Geriatrics"

5.1 Caneca de Prata, um dos mais tradicionais.



5.2 Bares frequentados por gays brancos, mais velhos e mais ricos que o inferninho. O nome "Geriatrics" é adotado pelos próprios frequentadores do setor. Apesar de serem frequentados por LGBTs, os bares não ostentam símbolos da comunidade, como bandeiras.



5.3 Soda Pop. Bar frequentado por gays jovens adultos.



6. Setor "Lagoa"

6.1 Bar Vermont, historicamente ocupado por lésbicas, é conhecido como Lagoa (ocupada por pererecas). Lotado aos domingos.

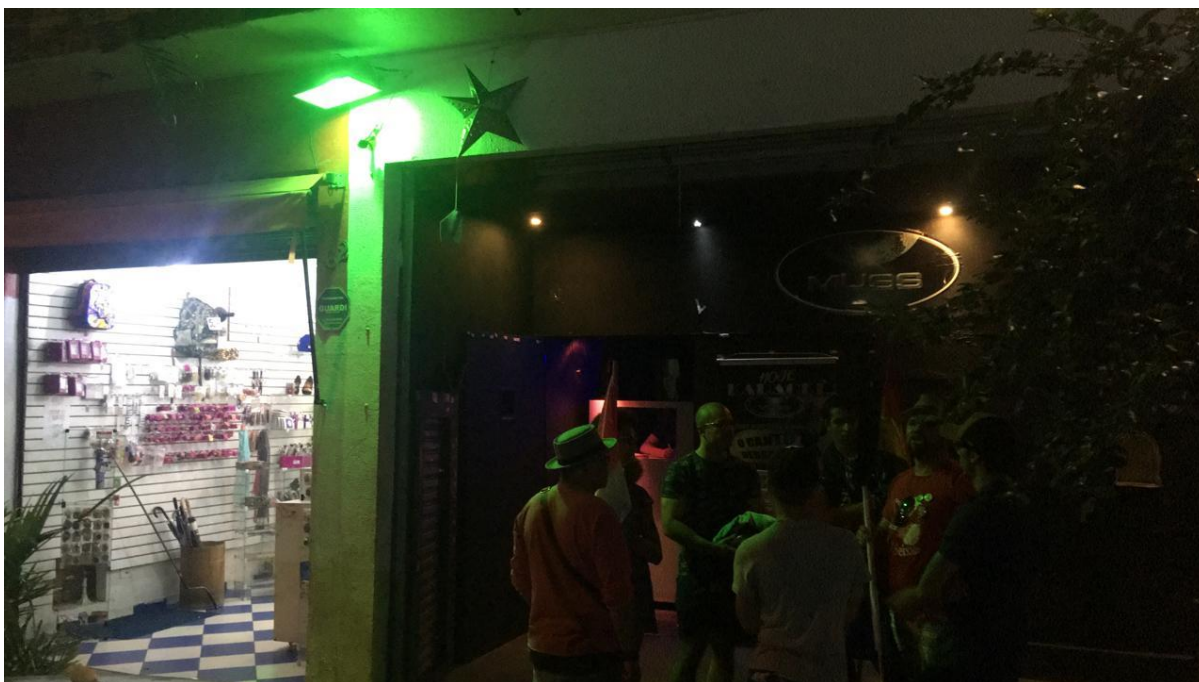


6.2 O bar ocupa o espaço público e cobra entrada.



7. Setor "Bento Freitas"

7.1 A Muss, origem do samba negro das bichas do Arouche. Perdeu público para o samba da Cantho, mas ainda hospeda um domingo de samba, com público menor.



7.2 Ex-funcionários da Chilli Peppers (ver setor Baixo Arouche), indignados com o apoio do dono a Bolsonaro, se uniram, deixaram a empresa e abriram esse espaço, chamado de Dedalus.



8. Setor "Berçário"

8.1 Frequentadores do berçário compram bebidas em mercados e consomem na praça. São LGBTs que vem das periferias, de outros estados e de países emergentes. Às vezes dos bolsões periféricos.



8.2 É chamado berçário pq é frequentado por LGBTs mais novos e por aqueles que começam a se aproximar da região.



Usuário	Metadados	Título e link da avaliação	Avaliação	
Danilo Henrique	Joao Pessoa, PE	Perto das atrações	Me hospedei em um hotel no Largo do Arouche, o lugar é bom. Próximo de várias atrações turísticas. Porém tem que ter bastante cuidado, pq tem muito morador de rua nas proximidades.	
Marinabm1985 w	2 contributions	Largo do Arouche	Eu moro no largo do Arouche e está cada vez mais lindo, a noite da impressão daquelas praças de interior só que numa metrópole com um mix interessante de pessoas, gente de todos os lugares, cores e classes sociais. Tem barzinhos novos, a Vieira sempre cheia, claro ainda com problemas clássicos de sp com as pessoas em situação de rua, que na maioria das vezes são os mesmo e não mexem com ninguém, vale lembrar que estamos no centro de sp nada de andar mexendo no celular.	
Rafael Santos wr	Sao Paulo, SP99	Vida noturna e liberal	Tem gente de todo tipo, classes, orientações sexuais, gostos. Restaurantes chiques, bares, botecos, cafés, padarias, mercados, metrô. Próximo a cinemas e a pouca distância do Centro, Barra Funda e Paulista.	
claucincotto wrot	Bauru, SP16 con	Bom passeio	Lugar diversificado em São Paulo. Tem de tudo um pouco. A praça da Republica aos domingos é excelente, muito diferente da que existe nos dias da semana.	
angeloschincario	Arraial d'Ajuda, E	Transformação	Depois de muito tempo sem visitar o centro de São Paulo, fiquei impressionado, particularmente, com o Largo do Arouche. O local, que passa por uma revitalização, está mais limpo, vibrante, com vários novos edifícios, lojas, cafés e restaurantes. E com a Linha Amarela do Metrô ficou muito mais perto ainda da Paulista e do Jardins. Para quem vai a São Paulo, uma ótima dica de estadia.	
Carlos Nascimen	Teixeira De Freit	Vale a pena conhecer!	O local sempre me remete ao "Sai de Baixo", afinal Caco Antibes, sempre refutava estar no Largo do Arouche, eu, acho o lugar bem bonito, mas , o poder público precisa olhar com mais carinho para o entorno.	Uma vez em São Paulo, não deixem de conhecer, e se for resolver coisas no Centro, vale a pena hospedar por lá.
Frida-SaoPaulo v	Sao Paulo, SP4,;	Região em transformação	O Largo do Arouche é famoso pelas bancas de flores que estão lá há muitos anos... o entorno é cercado de hotéis, bares e restaurantes alguns muito antigos e outros mais novos. Todas as tribos são aceitas especialmente a comunidade LGBT.	
lucasspamio wro	Santa Cruz Do R	Aqui cabe todo mundo!	Fascinado com a transformação que tem ocorrido na região do Largo do Arouche e arredores do Bom Retiro, algo parecido tem ocorrido em Santa Cecilia e Campos Elísios também, novos bares, restaurantes, novos espaços de integração, isso renova a cidade como um todo. No Largo do Arouche todos são bem vindos, do casal que acabou de chegar na cidade grande, ao grupo de amigos que se reúnem no pré ou after da balada.	
julioricardo_proe	State of Sao Pau	Região bacana	Região que nos retrata a década de 60 e 70...mas com muitas pessoas de rua. Ruas sujas e fétidas. Necessita de uma política pública urgente com estas pessoas para que seja possível alguma revitalização, mas vale a pena conhecer.	Obs; Não andar a noite.

Weverton L wrote	Dourados, MS32	Ponto de referência.	O local em si está feio, velho e com muitos andarilhos e moradores de rua, sem contar as confusões entre travestis que podem ocorrer por ali.	A região do Arouche é famosa por ser um recinto LGBT, com muitas casas noturnas, bares e estabelecimentos voltados para este público. Infelizmente, assim como todo o centro de São Paulo, é necessário ter cuidado redobrado para não ser vítima de assalto.	A região é muito bem servida de hotéis de todo tipo, muitos pontos históricos de São Paulo e próximo de metrô.
Luiz Gustavo A w	292 contributions	Perigoso mas com muita agitação	O Largo do Arouche é um dos grandes pontos lgbt da cidade. Altamente perigoso, deve-se tomar muito cuidado em circular pela região durante a noite. Diversas baladas, bares e outros locais frequentados pelo público lgbt.		
Jéssica C wrote	4 contributions7	Hospedada na Rua General Jardim	O local parece ser dividido em dois mundos, de dia mta gente trabalhando e andando pelas ruas, comércio agitado, porém de noite até umas 20h00 os restaurantes da regioao sao bem frequentados mas divide espaço com os travestis que usam a regioao como ponto de prostituição. Além das 20h00 não recomendo andar pelas ruas a pé, muitos mendigos, viciados e pessoas te cercando como se fossem tentar algo. A região fica bem perigosa, a noite vc ouve gritos das ruas, é assustador. Existe na região bons restaurantes, o Z-Delli, A casa do porco bar, Boi na brasa e por ai vai...		
Erickson Tavares	Belem, PA34 cor	Largo do Arouche	Ouvi falar do local naquela antiga sitcom Sai de Baixo, e desde então fiquei curioso de sabe como era o local. Na primeira oportunidade que tive de ir a São Paulo, visitei o local. Me decepcionei. O local não tem nenhum atrativo, ao contrário, possui vários mendigos que dão ao local uma sensação de insegurança. Não recomendo visitar, não vai acrescentar em nada a sua viagem.		
candido2018 wrc	280 contributions	Revitalização ainda distante	Este tradicional largo, situado junto à estação República de Metrô, passou por um longo período de decadência a partir dos anos 70. Recentemente aconteceram algumas iniciativas de revitalização, mas os resultados ainda são pouco visíveis. De qualquer forma o local abriga um pequeno e pitoresco mercado de flores e os tradicionais restaurantes "Casserole" e "Gato que ri". Nele também se localiza a Academia Paulista de Letras. Apesar do policiamento, convém ficar alerta, especialmente a noite.		
Ana Paula R wro	6 contributions1	Delicioso	Restaurante ótimo no centro de são paulo, clássico e de tradição.	Pedimos arroz negro com frutos do mar. Prato absolutamente maravilhoso.	Atendimento bom.
Aislan Barcaro V	Flores Da Cunha	clássico	O Largo do Arouche já foi um dos locais mais charmosos de São Paulo, hoje, infelizmente as pessoas não tem cuidado do que a cidade oferece. A polícia fica na região o dia todo, o que é bom para nós turistas, durante a noite minha turma de amigos e eu não nos arriscamos de passar...		
A SOUSA wrote	Campinas, SP2,	Tradicional	Um lugar tradicional de SP, durante o dia bem movimentado, mas tranquilo em determinados horários, sempre é bom ficar esperto com a segurança. Mas podem ir tranquilo durante o dia.		
Nelson Viana wr	Brighton, United	Animado depois de escurecer	Uma área próspera de bares e restaurantes no largo principal é boa, mas algumas ruas laterais podem ser precárias. Se a rua for vazia evite .. bons preços e amigável e muito gay friendly.		
Fernanda A wrote	Francisco Morat	Variado e GLS	Ótimo lugar, bem no centro de SP, cheio de bares e restaurantes. Público variado e principalmente GLS.		

SérgioFGDiniz w	Joinville, SC124	Ótimo lugar	Boas opções de compras e construções antigas muito bonitas e muitas carecem de restauração, infelizmente.		
Monica D wrote a	145 contributions	DIVERSÃO NA NOITE	O Largo do Arouche está repleto de opções para o público GLBT. Bares, restaurantes, baladas...também há uma praça com troncos de árvores servindo de bancos para sentar-se. Lugar muito Bom!		
Elizeu R wrote a	State of Sao Pau	Largo do Arouche	Esta praça é bem frequentada por diversos públicos de diferentes tribos e gostos, principalmente a noite.		
Lélo Schneider w	Porto Alegre, RS	Melhorou, mas não muito	O largo tem boas opções gastronômicas.	Antigamente a praça era um ponto interessante pelas árvores históricas e o mercado das flores, mas hoje está tomada por "encontros".	Não discrimino, pelo contrário, acho que vale a visita ao largo e uma cerveja com petiscos em algum dos bares, mas não tem mais o charme de uma década ou duas atrás.
Emanuel F wrote	State of Sao Pau	Passeio gratuito, cultural e encontro com a diversidade	Para quem gosta de lugares históricos, essa é uma parte do Centro de São Paulo cheio de histórias. Tem vários bares onde as mesas ficam na calçada e você pode ouvir música, beber, conversar com amigos e ver as pessoas passando e ser paquerado. É um lugar bem gay, final de semana os bares e restaurantes ficam lotados, e o largo do arouche abriga gente de vários bairros, que vem curtir a noite no centro.		
Luciane D wrote	Nova Prata, RS	mais ou menos	Gostei de conhecer, mas achei o lugar sem atrativos grandiosos. Além disso, estava mau cuidado e com bastante lixo no entorno.		
Nelson Viana wr	Brighton, United	Movimentado	tipicamente são paulo - sujeira lado a lado com mendigos reluzentes dormindo entre lojas de grife. a poucos passos da estação de metrô república com uma grande variedade de cafés e bares (embora muitos abram apenas durante o dia).	uma agradável praça arborizada (com uma das poucas rotundas de sp) e lindas lojas de flores.	
Elizeu K wrote a	54 contributions1	Tradicional.	Legal o lugar que nos fez lembrar do programa Sai de Baixo. Só faltava o Kako Antibes aparecer por ali!		
fernando d wrote	38 contributions1	frequentadores "porcos"	Um das regiões mais bonitas do centro de São Paulo esta totalmente degrada pelos frequentadores, principalmente durante dos finais de semana, no começo da semana como segundas feiras é muito facil achar capsula com restos de cocaina e camisinhas usadas, um verdadeiro nojo.	Mas no meio de todo esse lixo humano ainda é possivel encotrar coisas boas como a cassarole e o gato que ri.....	
jefferson e wrote	Joinville, SC45 c	local com localização estratégica porém perigoso !	é um a região central da capital paulista próxima a vários pontos turisticos porém de noite perigosa para caminhar, passeios noturnos só de taxi ou uber, tens locais melhores para se hospedar		
karlinhos62 wrote	Campinas, SP49	Deprimente	É lamentável, deprimente, sujo e pessimamente mal frequentado. Bancos sujos, preservativos no chão a qualquer hora do dia, presenciei até sexo entre adolescentes. Uma verdadeira Sodoma e Gomorra.	O lado bom (ufaa) é que no entorno tem ótimos hotéis e restaurantes maravilhosos. Descaso total por parte dos governantes desta metrópole. Não recomendo a praça em hipótese alguma, a não ser que queiram ir nos restaurantes, pois o resto é lixo.	

Loucos Por Mark	Recife, Pernamb	LUGAR PARA IR DURANTE O DIA. NUNCA À NOITE.	Desta vez meu hotel em São Paulo ficava bem no Largo do Arouche. É uma área bem arborizada, com verde por todos os lados e nem parece que estamos no centro de São Paulo. Trânsito e movimento intenso durante o dia mas de noite torna-se perigoso e nem parece o mesmo lugar. Depois de anoitecer uma multidão de tipos estranhos e mal vestidos circula pelo local, incluindo travestis de última categoria. Na minha chegada ao hotel, que foi à noite, meu amigo que levou quase foi assaltado por dois sujeitos porque estava com seu celular na mão.		
Guilherme87 wrc	Ponta Grossa, PI	A trabalho	O local não é tão limpo. Mas é um bom local para quem gosta bares e restaurantes. No entorno, várias baladas gays.		
Pieter L wrote a r	Sao Paulo, SP10	Praça mais bonita de São Paulo	A praça clássica é linda, com diferentes tons de verde de várias árvores e vários edifícios monumentais. As ofertas de segurança e restaurantes estão melhorando continuamente		
Gilberto S wrote	Recife, PE3,118	Arouche	Nesta última visita vi sujeira demais! Há bancos sujos, drogados, cachorros de diferentes raças; não está do jeito que as pessoas de bom gosto querem. Ao seu redor há restaurantes alegres e, bem próximo, boates.		
ieakamine wrote	São Paulo, SP10	o entorno tem ótimas opções	Uma praça com bastante história. Mas atualmente o entorno vale pelos restaurantes tradicionais (Gato que Ri, La Casserole, Vovô Ali). Ainda descobri que é lá que fica a Academia Paulista de Letras. Vc ainda encontra, na praça, uma peça de Brecheret.		
MarciaViajante w	Osasco, SP775	Não seguro	O local é um pouco perigoso e se tivesse uma organização e limpeza seria muito legal, por conta dos bares e restaurantes ao entorno.		
TanyuhaDymova	Oslo, Norway313	Festa gay a noite	A praça em si não interessa. Existem muitos restaurantes, cafés e bares na área circundante. À noite, o lugar se torna um ponto de encontro para pessoas com vícios sexuais não tradicionais. A área circundante não é muito segura.		
Fernanda B L wr	Sao Paulo, SP36	Não passa de uma espécie de praça	Não há nada de muito interessante no local, além de algum comércio. O espaço quando limpo até que é bonito mas, como a maior parte do centro de São Paulo, por vezes é mal frequentado e sujo.		
J Machado wrote	Sorocaba, SP13,	Vale pelos restaurantes	O Largo em si, não tem nenhum atrativo turístico. Porém seu entorno, oferece restaurantes, cafés e bares bem interessantes. A noite a frequência muda bastante e o local se transforma em ponto de encontro.		
Lucas Santos wr	Sao Paulo, SP1,	Largo Gay	A noite é um famoso point da cidade onde se reúnem o povo LGBT para festejar; Se gosta da onda, se junte my baby!		
Carlos G wrote a	Brasilia, DF1,054	Famosa área do centro	Quem nunca ouviu falar do Largo? Pitoresco local com muitos bares e jardins. Mais um local icônico do centro antigo de São Paulo.		
Gilberto_san wro	Embu das Artes,	Nada de especial	Um local simples, porém muito conhecido da cidade. Assim como a Praça da República ainda dá para andar com um pouquinho mais de segurança pelo Largo do Arouche. Nada de muito atrativo, principalmente para turistas.		
Edione A wrote a	Belem, PA180 cc	Bairro maravilhoso	Adorei conhecer, ótimo lugar pra passear e começar um café com amigos, é um bairro limpo, seguro e com várias opções nas redondezas com diferentes atrações.		

Anama768 wrote	Brotas, SP1,982	Degradado	Este largo já foi um dos cartões postais da cidade . Com diversas obras de artistas plásticos famosos , como a Depois do Banho de Victor Brecheret . É uma pena mas mesmo assim vale passar por lá .		
29fernando wrote	Lagoa Vermelha,	Comparando com o que conhecia da TV.	No tempo que acompanhei uma série de televisão que citava/salientava o "Largo do Arouche", em um deslocamento para uma reunião, aproveitei para conhecer e confesso que não vi nada de especial.		
wildsonlima3 wr	Araguaina, TO53	Bagunça	Acredito que SP tem muitos lugares bacanas, porém São mal cuidados e mal aproveitados, td aparenta esta sujo mas além Disso não se tem Algo bonito nas praças, algo que possa atrair famílias, namorados...		
leandromoretti20	Sao Paulo, SP5,	É um lugar perigoso à noite	É um lugar agradável e bem conservado pelos funcionários da prefeituras, mas à noite um o Largo do Arouche se torna perigoso		
William Carlos S	Orlando, Florida1	Mais ou mesmo	É um lugar muito bom principalmente para se passear na parte da manhã porque tem bastante lojas e volta tem um lugar muito bom pra compra couro que a Júlia Marcos eles estão restaurante muito bom lá na parte da manhã à noite não consigo muito ir não porque a noite é um pouco tumultuado lá		
Heloisa B wrote	4 contributions	Passeio a pé.	Se vc quer ficar de bobeira conversando com amigos e bebendo alguma coisa existem vários barzinhos bem legais, pizzeria e praca pra relaxar.		
Rafael Freitas wr	Sao Paulo, SP32	Tem uma ótima floricultura	Uma praça mais conhecida como largo, opção para passear com pets e ótimos restaurantes e bares se instalando na região devido ao grande número de empreendimentos imobiliários.		
leticiasp2015 wr	Sao Paulo, SP93	Super Movimentado	O Largo do SArouche é um dos pontos mais movimentados do centro de são Paulo. Todo mundo se diverte no Arouche, e o local tem um público gay grande que frequenta o lugar, os bares e casas noturnas, cafés e restaurantes. Vale caminhar para ver o movimento em cada local, apreciar o mercado de flores e até sentar na praça para bater um papo.		
jocileide wrote a	Belem, PA49 cor	Bom!	É um local onde concentra-se feiras, mercados, restaurantes, tudo para familia.	Quem deseja morar e ter tranquilidade é um ótimo local!	Recomendo!
eduborgesp wrot	State of Sao Pau	Bom durante o dia	O local é bonito mas precisa tomar cuidado no período da noite. A limpeza não é das melhores mas a população não contribui para manter o local limpo também.		
Lucy2014956 wr	Sao Paulo, SP77	Nada turístico... só vá durante o dia!	Já foi bom há muito tempo, hoje faz parte de um centro decadente. Em volta há cafés, bons restaurantes, lojas, principalmente quando se caminha em direção à Praça de República, mas não chega a ser um ponto turístico. Hoje em dia dá apenas para curtir a agitação do centro de uma grande cidade. Vá durante o dia, se quiser ir a algum restaurante à noite vá de táxi e evite perambular a esmo pela região.		
Gilberto B wrote	Goiania, GO74 c	Lugar bacana	Pessoas diferentes e bonitas, barzinho, boates, comidas típicas, floricultura aberta 24 horas por dias, espaço LGBT, tudo isso você encontra no Largo do Arouche e região.		
jorisaojoaodocai	sao joao do caiur	Cultura pura	Lugar cultural para os que apreciam, praça aconchegante,proximos a hotéis restaurantes...so tem que ter alguns cuidados pois ha muitos pedintes ao redor nada que tire o brilho do local.		
Rudolfo G wrote	Joinville, SC156	Vida noturna	Uma badalada Av com vários barzinhos e baladinhas para se divertir,pelo que percebi tbm um ponto talvez meio perigoso e de prostituicao		

juniordias12 wrote	Sao Paulo, SP11	Durante o dia tranquilo a noite perigoso	Durante o dia é um bom lugar pra dar um passeio, ótimos restaurante ao longo de todo largo do arouche, porém a noite é um pouco perigoso referente a furtos de celulares por indivíduos que andam de bicicletas, tome cuidado quando vê alguém com uma bicicleta a noite vindo em sua...		
Roberto L wrote	Paramaribo, Suri	Poderia ser muito melhor	Infelizmente mais um lugar degradado na região central de São Paulo. Durante o dia até da pra dar uma volta , mas a noite a região se torna perigosa e parte da cracolândia		
Pamatti1717 wrote	Sao Paulo, SP1,	Já foi mais legal	Ainda que as bancas de flores e o restaurante La Cassarole estejam lá, segurança e limpeza são problemas sérios do local		
Trotamundo562 wrote	Sao Paulo, SP3,	Ponto de passagem	É um lugar onde várias avenidas passam ao lado. Creio que é um dos pontos mais barulhentos do centro de São Paulo. Tem ali o seu atrativo, mas serve apenas como ponto de passagem e de referência. A noite sua área ao redor é conhecida pelos inferninhos		
Alexandra Chipol wrote	Rio de Janeiro, F	vale o passeio	Vale o passeio durante a tarde, conhecer o mercado das flores, mas é muito perigoso principalmente a noite.		
Mariana Aguiar wrote	Sao Paulo, SP1,	Falta um pouco de conservação	Como a maioria dos lugares no centro antigo de São Paulo, poderia estar melhor conservado. De qualquer maneira, ainda é um lugar agradável e bem liberal. Muito frequentado por jovens e público LGBT, tem fácil acesso usando-se transporte público (próximo ao metrô República).		
Batataes wrote	Orleans, France	Muito desapontado !	Esperávamos um lindo parque com lojas e restaurantes típicos ... fomos lá no domingo. A maioria dos restaurantes estava fechada, os jardins sujos e mal conservados.		
Gilberto S wrote	Recife, PE3,118	Praça Liberal	Neste lugar se vê homem com homem, mulher com mulher, homem com mulher, sendo o heterossexualismo o menos comum. Em frente à praça estão bares alegres, boates gls, desentendimentos ou coisas boas.		
Eugeniojr83 wrote	Sao Paulo, SP10	Eventos para a comunidade LGBT	Local que reúne o público LGBT aos finais de semana. Às vezes, há atrações promovidas pelos frequentadores ou pela Unidade Móvel da Secretaria de Direitos Humanos (onde tb há testagem rápida para HIV).		
Lélo Schneider wrote	Porto Alegre, RS	Submundo...	Sempre amei o Centro de São Paulo, gastronomia, centros culturais, comércio, passeios, etc, mas morar é outra coisa...	Aluguei um apartamento na Av. São João, ao lado do Largo do Arouche, não aguentei seis meses;	Tráfico de drogas, sexo ao ar livre, prostituição, lixo, usuários de drogas, pedintes, e por ai vai... o centro de São Paulo vive de lenda...
Janderson Camp wrote	Belo Horizonte, M	Boemia	Eis a minha interpretação desta área da cidade, entre bares e restaurantes me encontrei. Assim como toda a cidade a diversidade reina plenamente nesta área. Se vc qr fazer um esquento pra balada ou apenas um happy hour esse é o lugar		
José Guilherme wrote	15 contributions	Local com sombra e canto dos pássaros. mas degradado	É um lugar bonito com lugares para comer no entorno: Restaurantes, cafés, lancherias e mercados mas está degradado. Vale o passeio durante o dia pois o acesso é bem fácil via ônibus ou metrô. As esculturas e o mercado das flores, além do paisagismo são as principais atrações do local.		

Gomides M wrote	Guarulhos, SP72	Já foi a época	Nos dias de hoje não temos quase nada no Largo do Arouche. É um lugar bonito, porem sem atividades, o tempo fez ficar assim.		
Maisa169 wrote	Belo Horizonte, M	Bom lazer	Muitas opções para boa comida, ou uma cerveja gelada. Lanchonetes, bancos, supermercados, e muitas linhas de ônibus.		
Valéria R wrote a	Sao Paulo, SP32	Passeio de domingo	Ótimo passeio para um domingo, depois de almoçar por um dos restaurantes locais. Está bem cuidado e, aparentemente, seguro!!!		
595miguel wrote	Salvador, BA19	cuidado	Muita Prostituição, bom para quem quer fazer turismo gay, muita boaite e bares gls, perigoso e assustador, não recomendo.		
PedroGoicoeche	Sao Paulo, SP38	Bonito mas mal Conservado	Poderia ser um lugar incrível. No meio de São Paulo próximo à praça da República com alguns hotéis e restaurantes bons. Mas não tem conservação e é frequentado por desocupados. Tem um odor forte. Nem o tradicional mercado de flores ameniza ... uma pena!!! Tem potencial, vamos aguardar que um dia seja diferente! Simples...pronto!		
Thatiane Pellissi	Londrina, PR503	Centro de São Paulo	O largo do arouche fica no centro de SP. É um lugar muito conhecido, mas não tem muito atrativo. Você pode comer no O GATO QUE RI, restaurante antigo da cidade e bem frequentando. Próximo há outro restaurante famoso (não lembro o nome). O local fica próximo ao metro e próximo à praça da república. Não é tão perigoso quando imaginam. Pode andar normalmente durante o dia (como em todo lugar de SP, apenas não de bobeira), e há policiais no local. Durante a noite é preciso ficar mais atento. Na região há muitos moradores de rua, e antes de se incomodar com isso, seja gentil com alguém, ser educado, trocar uma ideia já fará a diferença :)		
estelafahl wrote	Sao Paulo, SP32	lindo mas mal cuidado	No geral toda a região central de são paulo, incluindo o largo do aroche é muito bonita, rica em arquitetura e opções para todos os gostos, mas muito mal cuidados , sujos , com muitos moradores de rua na região.		
Alberto T wrote a	Santa Cruz, Boli	Balada	É uma praça um pouco abandonada e um pouco perigosa tem moradores de rua muito cheiro de urina É também conhecida como praia dominical GLS bastante pública muitos bares e baladas também vários hotéis É um lugar que você não precisa ir sozinho Também é conhecida como Plaza de las Flores que estão abertos 24 horas		
lucianaservulo w	Sao Paulo, SP59	Em constante transformação	O largo do Arouche faz parte de uma das partes mais tradicionais de São Paulo, está sempre mudando, recentemente está recebendo painéis de artistas oque trás um pouco de cor ao entorno e sempre há festividades por lá ,para vivenciá-los tem que acompanhar o calendário grande de eventos em São Paulo.		
willybas2014 wr	Buenos Aires, Ar	Praça muito boa	Esta é uma bela praça central da cidade com grandes árvores. Também é chamada de praca das flores. A avenida onde se encontra possui um boulevard pitoresco. Recomendo a sua visita por estar muito perto dos principais atrativos da cidade.		
Dan S wrote a re	Sao Paulo, SP29	Região histórica, mas bastante degradada.	Região histórica, mas degradada do centro de SP, próxima a praça da República. Frequentada a noite, basicamente pelo público GLS. Cheia de mendigos, drogados e pedintes. Passeio dispensável.		

marcosz1925vu	Sao Roque, SP4	Falta de cuidado	Lugar maravilhoso, histórico, porem sem nenhum cuidado, largado ao tempo, falta de manutenção, mais ainda vale a pena conhecer		
Katiafonseca wr	Sao Caetano do	Degradado. Uma pena !	O largo do arouche está abandonado e com morador de rua em seu entorno. Uma pena e muita tristeza. Já teve seus tempos áureos.		
RodrigoAmorim2	Soure, PA40 con	Dispensável	Não achei nada demais no largo, há uma grande quantidade de mendigos e estrangeiros. Não há boa opção de comida.		
eliane p wrote a	Niteroi, RJ571 cc	Comum	Em viagem de negócios, passei uma quinta feira a noite pelo Largo do Arouche pois estava hospedada próximo. Restaurantes e bares é o ponto forte do Largo. Um tanto deprimente e mal cuidado. Gostei somente das floriculturas que havia, funcionando ainda que de noite. Nada de excepcional. Apenas mais uma praça, em lugar comum.		
AndersonMBorgs	Avare, SP639 co	Mais um local abandonato de SP!	Mais um local cheio de história, totalmente abandonado pelo poder público!	Região no centro de SP, totalmente insegura, próxima a praça da República, cheio de bares e lojas voltadas ao público GLS, mas totalmente decadente. Se ainda sim tem interesse em conhecer, o ideal é no domingo manhã/tarde, pois consegue ter o mínimo de segurança.	
Plínio M wrote a	Maceio, AL67 co	É	Rodeado de bares e restaurantes, é um lugar legal pra quem está hospedado por perto. No mais, é uma praça.		
André B wrote a	24 contributions1	Estrela do Arouche	Local simples. Cerveja gelada e uma batata frita de primeira. Recomendo também as batidas de frutas. Preço justo. Quanto aos sabores não deixa nada a desejar a nenhum bar de SP. Garçons atenciosos. Junkebox pra vc escolher a música q gosta de ouvir.		
Nilton P wrote a	15 contributions3	Um lugar que poderia ser muito charmoso está abandonado.	Lugar esquecido pelo poder público, perigoso, com jardinagem devastada, urina por todo canto... Infelizmente um lugar lindo e muito mal cuidado.		
Niltonsp1 wrote a	State of Sao Pau	Perigoso a noite, local abandonado pelos órgãos públicos	Infelizmente, o que deveria ser um espaço de convivência, tornou-se um mictório a céu aberto e perigoso de se andar ao anoitecer. Abandonado pela prefeitura. Faltam banheiros para os usuários e os jardins abandonados.		
340sueli wrote a	Sao Paulo, SP1,	centrão	Para quem curte passear em um centrão, onde se vê de tudo que há de pior e melhor em uma grande capital, é uma boa pedida. Eu não gosto de passear por lá		
junioween wrote	Campo Belo, MC	Bares	Localizado na região central de São Paulo, o largo conta com vários bares ao redor, que o torna uma boa opção para a noite. Vale a pena conhecer.		
Bibi M wrote a re	61 contributions1	Muita polícia fazendo a segurança!!!	Nada de mais na praça. O que me estranhou é a quantidade de polícia no local. Não sei para dar mais segurança, ou se o local é perigoso....		
Tathiane wrote a	Sao Paulo, SP47	Nada de mais	Local em si não se encontra algo que interesse, é como se fosse a Praça 14 Bis. Tem que se tomar cuidado devido o local se encontrar na região central da cidade e redobrar tal cuidado à noite		
pedrofurquim wr	Fortaleza, CE20	Noite agitada	O largo é bom durante o dia. Relativamente tranquilo. A noite, além da agitação, se prepare para a prostituição. Não é um local para dar bobeira.		
Kacotait wrote a	Lowell, Massach	Simples ...	Não tem nada de muito interessante lá! É bem localizada, tem bastante movimento de passagem de pessoas! Tem também um mercado de flores! Apenas um passeio !		

Roberta P wrote	Esteio, RS1,290	Bem localizada	Quando a visitei havia um evento sobre AIDS. É uma praça GLS, mas bem movimentada. Há hotel e restaurantes e bares.		
Andrea G wrote	Dois Irmaos, RS	Arborizada	Localizada próxima ao centro da cidade... ao seu redor há diversos bares e restaurantes... ponto de encontro gls...		
RobinsonUati wr	Sao Paulo, SP64	No centro	É uma praça que fica localizada no centro, Dizem que é um lugar de encontro dos GLS. Não sei muito da praça, já que só de passagem para ir a algum outro lugar.		
Irineu R wrote a	Sao Paulo, SP1,	Bom para compra flores	fica no centro. No meio do Largo tem um monte de floriculturas com preço justo. Ao redor tem excelentes restaurantes. Vale a pena		
Maciel wrote a re	Brasilia, DF34 co	Praça, ponto de encontro GLS, mercado de flores, restaurantes.	Uma pracinha simples, nada de mais. Tem um mercado de flores na praça, que também serve de ponto de encontro GLS. Em volta há alguns bares e restaurantes.		
Gilberto S wrote	Recife, PE3,118	Praça GLS	É um lugar policiado onde as pessoas do terceiro sexo se reúnem e namoram abertamente, como fazem os heterossexuais. O que estraga é que o local não é limpo e é frequentado tb por viciados em drogas.		
Ledamar wrote a	Rio de Janeiro, F	Lugar tranquilo	Pontos positivos: vida noturna, perto dos centros de compras, local nostálgico	Pontos negativos: não tem	
Rodrigo C wrote	Manaus, AM121	Tradicional	Local bastante antigo e tradicional no centro da cidade. Pessoas de todo o jeito e vida noturna agitada. Cuidado a noite, se puder, evite!		
Hamilton N wrote	São Paulo, São f	Bem alegre e colorido	A noite é bem alegre por aqui, onde gays, transexuais, se reúnem num só lugar para festejar! Há muita diversidades, muitas baladas gls.		
Manoel Moacir C	Sao Paulo, SP42	Visite	Local histórico de São Paulo, arquitetura antiga mas bem conservada, caminhe pelo local para apreciar suas arquiteturas.		
AdaltoPontes wr	Santarem, PA16(Em declínio, mas ainda interessante	O lugar parece que já teve tempo mais gloriosos, e parece ter seguido o declínio do centro da cidade. Ainda possui bons restaurantes e hotéis em volta, com um banca de venda de flores no centro. Ao fim da tarde e durante a noite o Largo se caracteriza por ser um conhecido point LGBT.		
Adryana R wrote	Sao Paulo, SP23	Razoavel!!!	Não contem nada de extraordinário, o local a noite vira o fervo dos GLBT, porem é uma praça normal o que manda são as coisa em volta!		
marciakupstas w	Ubatuba, SP1,33	Belo bronzes e velhas árvores	O Largo do Arouche é tradicional na capital paulistana. é uma praça pequena, mas com algumas belas estátuas (inclusive um bronze de Brecheret), antigas árvores que dão sombra em bancos esculpidos em madeira e o popular mercado das flores, que funciona 24 horas. Claro que abriga a eclética fauna urbana dos grandes centros, mas não deixe que isso atrapalhe o passeio. Por exemplo: esperava uns amigos e sentei no banco, tirei fotos, acendi cigarro. Um casal gay bem afetado pediu licença e sentou do meu lado. Nem me deram bola. Vi à minha frente um senhor que devia ter mais de 80 anos dividir seu banco com um mendigo meio ébrio. Cada um na sua, e aproveite!		
Viajante12345 w	Porto Alegre, RS	Tradição	Local popular no centro da cidade. Mas cuidado, pode ser perigoso tanto a noite quanto de dia. Fique atento.		

LeandroCruzC w	Sao Paulo, SP32	Tradicional ponto de SP.	Um dos tradicionais pontos de SP, e também um dos points gays da cidade aos finais de semana. Tem bons restaurantes ao redor, e um mercado de flores. Além dos bares e casas noturnas da Avenida Vieira de Carvalho, e algumas pessoas de caráter duvidoso em suas proximidades mas é só tomar cuidado. Próximo da estação República (linha 3-Vermelha e 4-Amarela do metrô). Obs: poderia ter um banheiro químico na praça, atrás do mercado de flores!		
Loes B wrote a r	Curitiba, PR301	O requinte não é maiso mesmo	Local tradicional de Sampa,o Arouche não é mais o mesmo.A segurança por lá até que é boa,porem o problema são as ruas circunvizinhas e a região do minhocão. Perigo andar durante a noite.		
SLGUA wrote a r	Sao Caetano do	Restaurantes legais	É o tipo de lugar para quem realmente curti o Centro de São Paulo, tanto que é mencionado no seriado Sai de Baixo. Já fui em alguns restaurantes do local, acho que vale conhecer.		
lucianomatta wro	São Paulo18 con	Centro são Paulo	Eu estava buscando um restaurante peruano e acabei passando pelo largo.	É um lugar bastante simpático para se caminhar.	Tem vários restaurantes, barracas de flores.
BrunoBBrasil wr	Rio de Janeiro, F	Nada demais.	Fui ao largo do Arouche durante o dia e não vi nada demais... Uma praça bem normal. Só fui mesmo porque estava perto do hotel.		
FlaviaMP_Brasil	Brazil775 contrib	Lugar feio e perigoso principalmente à noite	Lugar feio, mal frequentado e perigoso, principalmente à noite. Não considero um ponto turístico que valha a pena.		
anflobler wrote a	Campo Belo, MC	Uma boa opção	Adoro São Paulo. O largo do Arouche é lugar bacana, pois é fácil chegar, há muitas opções para curtir a noite.Muitos bares, restaurantes, bom para sentir a metrópole!		
Deusimar55 wrot	Goiania, GO39 c	Gosto do centro!	Próximo ao metrô da praça da república, o local conta com vários restaurantes, pontos turísticos e teatros. Gostei muito.		
RaquelPaulo wr	Rio de Janeiro, F	Passadinha de dia...	Fomos com as crianças caminhar, já q não iamoa SP há quatro anos e não conhecíamos o Largo... De dia possui policiamento, como em muitos pontos da cidade, local calmo, tranquilo, com bons restaurantes		
Marcus Drummo	State of Bahia68	Se estiver por perto...	Confesso que fui pelo Sai de Baixo. É um local tranquilo, mas comum, mas se destacam a presença de vários restaurantes, um mercado de flores tradicional e uma escultura de Brechere		
PaulaUati wrote :	Sao Paulo, SP1,	Requer-se manter atento ao seu redor.	Localizado no centro da cidade de São Paulo, próximo a praça da república. Lugar bacana para se caminhar com uma certa tranquilo (é preciso se manter atento ao seu redor), porém a noite local muito perigoso.		
Davi P wrote a re	Sao Paulo, SP66	central	Antigo local nobre da cidade, está meio abandonado e obscuro. Possui floriculturas e ótimos restaurantes.	Read less	
Viajante12345 w	Porto Alegre, RS	Inspira cidade e atenção	Bem no centro da cidade, ao lado da praça da república. É possível caminhar relativamente tranquilo durante o dia (mas com atenção), mas a noite a região fica tomada por usuários de crack, travestis e michês.		
Andreia M wrote	Sao Paulo, SP23	Centro	O Largo do Arouche fica no centro de SP e reúne algumas salas de teatro. É preciso prestar atenção, pois é um lugar um tanto quanto perigoso, especialmente a noite.		

Relatório de Consultas Relacionadas obtido com o Google Trends

Termo analisado: Largo do Arouche

Período: 01/01/2017 – 07/11/2020

Região de origem da pesquisa: todo o mundo

CONSULTA RELACIONADA Principais	Pontuação
arouche	100
largo arouche	78
largo do arouche	76
arouche sp	14
largo do arouche sp	9
rua do arouche	8
sindicato dos vigilantes	3
sindicato dos vigilantes largo do arouche	3
largo do arouche 337	2
bk30 arouche	2
bk30 largo do arouche	2
hotel san raphael largo do arouche	2
largo do arouche 66	2
largo do arouche 150	1
largo do arouche 330	<1

Em ascensão	
largo do arouche 330	Aumento repentino
largo do arouche 337	Mais 200%
bk30 arouche	Mais 140%
bk30 largo do arouche	Mais 140%
sindicato dos vigilantes	Mais 70%

FONTE: trends.google.com

Consultas relacionadas



Os usuários que pesquisaram pelo seu termo também fizeram estas consultas. Veja pelas seguintes métricas:

* **Principais:** consultas mais frequentes. A pontuação está em uma escala relativa, em que 100 é a consulta mais pesquisada; 50 é a consulta feita com metade dessa frequência etc.

* **Em ascensão:** consultas com o maior aumento na frequência de pesquisa desde o período anterior. Resultados marcados com "Aumento repentino" tiveram um aumento muito relevante, provavelmente devido a consultas novas que tiveram nenhuma ou poucas pesquisas anteriores.